

MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA

Padre Joaquim José da Rocha Espanca



Cadernos Culturais
da
Câmara Municipal
de
VILA VIÇOSA

Procurando recuperar aspectos da cultura tradicional alentejana e promovendo obras actuais, os cadernos culturais fornecerão aos leitores em geral e aos Calipolenses em particular um melhor conhecimento do contexto histórico e social da actual geração.

NA CAPA:

Estação de Caminhos de Ferro de Vila Viçosa

NA CONTRACAPA:

Jardim dos Reguengos - Palácio Ducal de Vila Viçosa

MEMÓRIAS
DE
VILA VIÇOSA

NOTA IMPORTANTE

A presente publicação é cópia in
tegral do texto do manuscrito de
AS MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA, ten-
do-se unicamente procedido às ac
tualizações ortográficas que as
circunstâncias justificavam.

MEMÓRIAS
DE
VILA VIÇOSA

DIOGO MENDES SANCHES

Era Advogado e residia nesta vila já em 1645.

Por morte do nosso patricio Afonso Nobre, passou a Síndico da Câmara (em 23 de Março de 1658).

DIOGO MUNHOZ

Cavaleiro da Casa de El-Rei. Vivia em 1588 e possuía em Pardais uma azevicha com as suas terras e vinha (Notas).

D. DIOGO DE NORONHA

Era filho de D. Luís de Noronha 1º (veja-se).

Foi Estribeiro-mor do Duque D. Teodósio II, Alcaide-mor de Monforte e Comendador de S. Salvador de Elvas. Esta comenda rendeu-lhe 340\$000 réis anuais em 1588 e 1589, como verifiquei à vista da escritura de quitação que ele deu ao rendeiro António de Castro, mercador de Elvas.

Casou com D. Mariana de Noronha e Faro, filha de seu tio D. António de Melo 1º, de quem teve D. Luís de Noronha 2º (veja-se), D. António de Noronha que foi Frade Graciano e D. Isabel de Mendonça que morreu Freira no Convento das Chagas (História Genealógica, Tomo IX, pág. 258).

Era já falecido em 1616 e sobrevivia-lhe sua mulher.

Era Calipolense e descendente de D. Afonso, Conde de Faro.

DIOGO PAIS LOBO E SOUSA

Já bacharel em 1738.

Em 12 de Outubro de 1754 foi eleito Procurador da Fazenda (Nacional) e Curador Geral dos Orfãos na nossa vila; dois anos depois teve a procuradoria do Convento da Esperança; e em 1761 passou a ser também Síndico da Câmara, pois era Advogado.

Faleceu em 9 de Outubro de 1784.

Houve antes dele um Diogo Pais Lobo, tio provavelmente, o qual era sacerdote e faleceu de apoplexia em 1753 estando a dizer missa.

Era filho de José Pais Lobo, meirinho da Correição em 1738, e de Joana Baptista de Sande e Vasconcelos.

DIOGO PERES FERREIRA

Era espanhol e morava no Rossio na casa por baixo da rua das Vaqueiras, cuja construção é desse tempo: janelas rasgadas sem sacada.

Chamavam-lhe o médico espanhol.

Médico do partido da Casa de Bragança nesta vila, onde faleceu no ano de 1675.

Foi casado com D. Maria Ferreira Pombeiro.

Mandou-o para cá El-Rei D. João IV em 1645 e cá esteve muitos anos. Ser via também de médico do hospital da Misericórdia com 20\$000 réis e 60 alqueires de cevada de honorários.

Teve da primeira mulher o Padre Gaspar Dias Ferreira, a quem sua madrastra, D. Maria Ferreira, dotou em 1692 com as suas casas do Rossio por baixo da rua das Vaqueiras, para seu património. Já estava ordenado a título de um beneficiado em Olivença e para o poder renunciar, habilitava-o com este património.

Em 1656 meteu freira na Esperança a sua filha D. Isabel Ferreira com dote de 400\$000 réis e mais 15\$000 de propinas.

D. DIOGO PINHEIRO

Depois de ter sido Capelão do Duque D. Jaime e Dom Prior da Colegiada de Guimarães, de que o mesmo Duque era padroeiro, foi promovido a Bispo do Funchal, mas faleceu em Tomar no ano de 1526 (Mem. da Arc. da Hist. Port., Tomo V, pág. 58).

Parece que era dos Pinheiros de Barcelos e talvez sobrinho de D. Gonçalo Pinheiro (veja-se).

DIOGO QUIROGA

Contratado pelo Duque em 1634 para o servir no foro de escudeiro fidalgo (Notas).

DIOGO RUÇOL

Criado da Casa de Bragança no tempo do Duque D. João I. Acompanhou o Duque, seu filho D. Teodósio II, na expedição de África de 1578 e ficou prisioneiro na batalha de Alcácer. Depois de resgatado tornou a Vila Viçosa onde a sua família continuou, chegando alguns membros dela a ter o cargo de Vereador como se verá (Parnaso, Livro 2, cap. 33; e História Genealógica, Tomo VI, pág. 310).

Umaz vezes dizem Rissol, outras Ruissol e outras como acima o apelido desta gente.

DIOGO SERRÃO

Filho de Constança Alvares, viúva, que o dotou em 1604 para tomar ordens sacras (Notas).

DIOGO DE SEIXAS

Licenciado, falecido a 22 de Janeiro de 1652, tio de João de Andrade.

Instituiu nele uma capela de cem missas que na falta de herdeiros deve - ria passar à Misericórdia.

Morava no adro de S. Bartolomeu (Tombo IV da Misericórdia).

DIOGO DA SILVEIRA 1º

Escudeiro, Vereador mais velho e Juiz pela Ordenação Afonsina em 1489, o que vi constar de um instrumento público existente no Cartório dos Menezes, hoje em poder dos Silveiras da Nave.

Entendo que este é o primeiro Silveira que houve na nossa vila, sendo ele o 4º filho de Diogo da Silveira, senhor de Recardães e outras terras e Escrivão da Puridade de El-Rei D. Afonso V e que viera para Vila Viçosa por Escudeiro Fidalgo do Duque D. Fernando II. Assim o terei enquanto não vir provas em contrário.

O dito senhor de Recardães casara com D. Brites de Lemos, herdeira da casa de Góis. Era filho de Nuno Martins da Silveira, Escrivão da Puridade de El-Rei D. Duarte e natural de Évora; neto de Martim Gil Pestana, que casou com Maria Gonçalves da Silveira, da qual veio aos Pestanas o apelido de Silveira; e bisneto de Gil Pestana, Alcaide-mor de Évora em tempo de El-Rei

D. João I. Estes Pestanas descendiam de Geraldo Sem Pavor e eram de Évora, assim como os Silveiras com quem se aliaram por casamento. (Genealogias, ms da Biblioteca de Évora; Memór. dos Grandes de Port.; Nobiliário Port., etc.)

Desta guisa, pois, o sobredito Diogo da Silveira 1º era tio paterno de Luís da Silveira, 1º Conde de Sortelha, e de seu irmão António da Silveira, o célebre defensor do 1º cerco de Diu em 1537.

DIOGO DA SILVEIRA 2º

Sem mais apelido que o de Silveira, temos outro que florescia na segunda metade do século XVI, sendo casado com D. Inês Caldeira. Este, assim como os mais Silveiras, era Cavaleiro da Casa de Bragança e vivia na nossa vila com a profissão de lavrador. Serviu na Misericórdia em 1570-71 como tesoureiro e mesário.

Faleceu pelos fins do dito século XVI.

Dele procedem os actuais Silveiras da Nave. Por isso veja-se Estevão Mendes da Silveira 1º, pai deste Diogo, em cujo artigo, para maior clareza, ponho por inteiro a série dos Silveiras da Nave até aos nossos dias.

Julgo ser este aquele Diogo da Silveira que em 1559, sendo Vice-Rei da Índia D. Constantino de Bragança, foi para Maluco em companhia de Manuel de Vasconcelos que ia entrar na Capitania de Tervate (Couto, Dec. 7, cap. 3). Em 1561 ajuda El-Rei de Ternate contra o de Tidore (cap. 15). Assistiu em 1570-71 à defesa do cerco de Goa pelo Hidalxá.

DIOGO DA SILVEIRA AZEVEDO

Era filho de Belchior Garcia da Silveira e de sua mulher .

O Duque D. João II fez-lhe mercê da Comenda de Santa Maria de S. Gens de Parada em 1634 que vagara por privação feita a Luís Machado Coutado (Notas).

Casou com D. Luísa Cordeiro e teve descendência: Manuel Correia da Silveira. Seguiu a corte em Lisboa, onde estava em 1662, mas dementado, segundo parece, pois encontro uma procuração do filho referido passada como "curador" de seu pai.

DIOGO DA SILVEIRA CALDEIRA

Este era filho mais velho de Estevão Mendes da Silveira 2º e da sua primeira mulher Francisca de Leão, e neto por varonia de Diogo da Silveira 2º. Tomou da sua avó paterna o apelido de Caldeira para se distinguir dos muitos Diogos da Silveira que tínhamos nessa época.

Nasceu na Matriz onde foi baptizado a 7 de Maio de 1598. Casou em 1622 com D. Helena Cepa de Morais, filha de Belchior Roiz de Chaves e de Joana Cepa, dotada em dois contos de réis em que entraram as suas legítimas e o que lhe doou seu irmão o Padre António Cepa, lavrando-se escritura disto na quinta do Carrascal, hoje lagar sem horta. Ele foi dotado por seu pai em 1:620\$000 réis, entrando aí o lagar do Carrascal.

Enviuvou de D. Helena Cepa em 20 de Junho de 1640 e nesse ano tornou a casar com Juliana de Faria da Franca. Teve só um filho e do primeiro matrimónio chamado Estevão Mendes da Silveira 3º ou Caldeira (veja-se). D. Helena jaz na Igreja das Chagas.

Este Diogo da Silveira Caldeira foi Vereador ao menos em 1641, 1646 e 1650 e mesário da Misericórdia em 1634-35.

Em 26 de Novembro de 1641 foi eleito Capitão de Ordenanças da Companhia da Nobreza em lugar de Jerónimo Valejo que emigrara para Lisboa, mas em 31 de Julho do ano seguinte pediu escusa deste cargo por ter de se retirar para Lisboa, onde todavia se não demorou muito. Assim, vemos que em 5 de Novembro de 1645 foi eleito Procurador às Cortes de Lisboa juntamente com Teodósio de Almeida Cabral. E, regressando à sua pátria no Maio seguinte, apresentaram ambos uma Provisão de El-Rei D. João IV em que este ordenava à Câmara que lhes pagasse as despêsas de ida e de volta e 800 réis por cada um dos 52 dias que se demoraram nas Cortes. Veio, pois, cada um a receber a quantia de 61\$000 réis e tiveram demais disso a glória de terem votado na eleição da Senhora da Conceição do Castelo desta vila para Padroeira do Reino e suas possessões.

Este Silveira foi o primeiro que morou na rua dos Fidalgos e casas dos Menezes, que é a primeira à mão esquerda entrando-se pela Praça Nova. Tomou-a de arrendamento e como seu neto, Diogo também, veio a casar com a herdeira dos Menezes (emigrados para Castela), ali continuaram depois a morar os Silveiras da Nave.

Diogo da Silveira Caldeira foi também 1º Tesoureiro Geral da Décima da comarca.

Faleceu em 18 de Novembro de 1651 e foi sepultado na Matriz, apesar de se ler na campa da sua primeira mulher que era também sua aquela sepultura.

DIOGO DA SILVEIRA DA FONSECA CASTELO BRANCO

Era neto do precedente, como filho do seu único filho Estevão Mendes da Silveira, e tomou os apelidos de Fonseca e Castelo Branco de sua mãe D. Luísa Pereira da Fonseca Castelo Branco, morgada, filha de Diogo da Fonseca Coutinho e de D. Constança Pereira, moradores em Elvas, e neto de Bernardo da Fonseca, morador em Portalegre e instituidor do dito morgado na mesma cidade onde foi Vereador em 1598, etc.

Diogo da Silveira da Fonseca seguiu, como seu pai, a carreira das armas durante a Guerra da Restauração da Monarquia deste o ano de 1657 como soldado auxiliar montado e desde 1663 até 1688 como soldado de infantaria e cavalaria do exército da primeira linha, assistindo assim de guarnição em Évora no ano de 1663, depois em Arronches enquanto durou a sua fortificação, etc. Em vista de tais serviços obteve em 13 de Setembro de 1681 uma Portaria de recomendação ao General da Província para ser proposto Capitão numa das primeiras vagas dos Terços de infantaria, o que não se verificou por ele viver pouco tempo.

Este patricio nasceu na casa da rua dos Fidalgos, sendo baptizado a 17 de Janeiro de 1651.

Casou em 1681 com D. Isabel Maria de Menezes e Moscoso, herdeira do morgado dos Menezes da rua dos Fidalgos como filha única de Manuel Teles de Menezes e Moscoso que casara em Castela com D. Catarina Zurimendi, e neta de Gabriel de Brito e Menezes (veja-se). Este, não querendo em 1640 seguir a causa patriótica da Restauração da Monarquia Portuguesa, emigrara para Castela cuidando que não ia por diante a emancipação de Portugal, mas enganou-se. Morreu em Espanha depois de lhe ter sido confiscado o morgado em represália. E se pôde reclamá-lo seu filho para si no fim da guerra, foi por que no tratado de paz de 1668 se estipulou o mútuo perdão dos crimes políticos e a restituição dos bens confiscados por tal motivo. Manuel Teles continuou a viver em Espanha até à sua morte. Porém cedeu em vida o morgado para dote da sua filha e Estevão Mendes da Silveira 3º criou em Diogo da Silveira da Fonseca o morgado na Nave para compensação, vindo assim o dito Diogo a possuir três morgados, a saber: o de sua mãe em Portalegre, o de seu pai em Vila Viçosa e o de sua mulher em Monsarás principalmente.

Estava então a casa dos Silveiras da Nave na sua maior grandeza e opulência e, como o pai de Diogo da Silveira da Fonseca alcançara pelos seus relevantes serviços o foro de Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, pôde ele tirar Alvará de filhamento no mesmo foro em 29 de Agosto de 1678. Requereu também um Hábito de Cristo e uma Comenda do lote de 200\$000 réis. Porém faltou - -lhe o tempo finando-se a 29 de Janeiro de 1692 quando contava só 41 anos de idade.

Foi Vereador em 1673, 1678 e 1683, mas vindo pautado para 1687 escusou - -se com a alegação de ser soldado de cavalo da Companhia do Tenente-Capitão Júlio de Melo de Castro.

Teve os seguintes filhos: Estevão Alberto da Silveira Menezes, que succedeu na casa; Manuel Teles de Menezes; João Pereira de Abreu, nascido em 1686, que depois professou no Convento de S. Paulo com o nome de Frei João de Santa Isabel Pereira de Abreu (todos estes tiraram Alvará de filhamento de Fidalgos Cavaleiros); D. Luísa Júlia de Menezes e Moscoso, que casando em 1709 com o seu primo-irmão Sebastião de Cubelos da Silveira Vilalobos, teve três filhas e, casando uma destas (D. Francisca Júlia de Menezes) com João da Silveira Vilalobos, de Borba, deu causa a apellidos-se também de Menezes os Silveiras de Borba.

A viúva D. Isabel Maria de Menezes e Moscoso viveu até ao ano de 1724 conservando na sua mão o morgado de seu pai e que era seu próprio.

A maior parte destas notícias são do cartório dos Silveiras da Nave.

DIOGO SOARES

Em 1603 vivia um deste nome sendo cozinheiro do Duque. Foi pai de Luís Vieira que no ano seguinte passou a ter o foro de moço do Guarda-Roupa (Notas).

Outro, que era irmão de Francisco Soares Manhas e Manhas também de alcuinha.

Outro que era Moço da Capela Real na forma dos antigos Estatutos dados por D. Teodósio II e foi Procurador do Concelho em 1677, o que indica ser remediado em bens de fortuna e rico talvez. Em 1659 era casado com Joana Mendes e tinha descendência. Em 1663 casou o mesmo (ou outro do mesmo nome) em S. Bartolomeu com Maria Martins.

D. DIOGO DE SOUSA

Foi o 8º Arcebispo de Évora e o 2º com este nome.

Tinha o senhorio das vilas de Pedrogão Grande e Figueiró dos Vinhos.

Nasceu em Vila Viçosa no palácio dos Condes do Redondo junto à Fonte Pequena e foi baptizado na Matriz pelo Prior Frei Francisco de Cubelos de Florença a 14 de Junho de 1601, sendo seus padrinhos João de Tovar Caminha e D. Maria Teles.

Nos Esboçetos dos Arcebispos de Évora por A.F. Barata lê-se:

"Filho de Fernão de Sousa, senhor de Gouveia, e de D. Maria de Castro, este Prelado nasceu em Vila Viçosa e foi ali criado no Paço dos Duques de Bragança.

Inquisidor e Esmoler-mor de D. João IV, foi mais tarde nomeado Bispo de Leiria.

Transferido para Évora por morte de D. João Coutinho e depois de larga "sede vacante", tomou posse do Arcebispado por procuração sua ao Dr. João Velho em 20 de Junho de 1671.

Sagrado em 5 de Junho, entrou em Évora no mês de Novembro do mesmo ano.

As memórias que restam da sua vida mostram-nos este Prelado de muita caridade e pobreza, simples na mesa, nas vestes, em tudo homem evangélico.

Visitou muito o Arcebispado distribuindo benefícios sem olvidar a sua Sé.

No ano de 1677 celebrou em Évora um Concílio provincial.

Faleceu aos 23 de Janeiro do ano seguinte e foi sepultado em campa rasa na Sé defronte da capela do Santíssimo com este epitáfio:

"Sepultura de D. Diogo de Sousa, Arcebispo de Évora, filho legítimo de Fernão de Sousa e de D. Maria de Castro, senhor de Gouveia e do Conselho de Sua Majestade, Governador e Capitão General que foi do Reino de Angola. Faleceu a 23 de Janeiro de 1678."

Foi seu Vigário Geral o Dr. João Velho em 1671 e seu Coadjutor o Bispo de Targa D. Frei Bernardino de Santo António, etc."

Acrescento a isto que presidiu em Vila Viçosa no ano de 1677 ao officio fúnebre da trasladação dos restos mortais dos Duques de Bragança e seus irmãos para os novos túmulos do cruzeiro e capela-mor de Santo Agostinho, sendo assistido por mais quatro Bispos, entrando neste número o seu coadjutor, o que deixei referido no respectivo annual.

Em 1674 visitou pessoalmente as Igrejas do nosso concelho sem exceptuar as rurais, o que aliás somente praticou depois o Arcebispo D. Frei Miguel de Távora.

Este Prelado era irmão de Tomé de Sousa e tio de Fernão de Sousa Coutinho Castelo Branco, 1º Conde do Redondo na família dos Sousas.

DIOGO DE SOUSA TAVARES

Foi Vereador em 1639 (Notas e Livro I dos Registos, fl. 156), 1646, 1650 e 1657.

Em 1637 era casado com D. Mariana de Macedo e vivia na Matriz e em 1652 em Setúbal, talvez por causa da guerra.

Sendo eleito Capitão de Ordenanças em 1641, serviu pouco tempo este cargo pela razão de ser já adiantado em anos.

Mudou o seu domicilio para Setúbal e ali morreu. Creio que a razão disso foi desviar-se mais do teatro da guerra.

Era filho de Manuel Mendes Homem, de Olivença, e de Joana de Bobadilha do Carvalhal, de Vila Viçosa, filha de João Peres de Bobadilha e de Iria do Carvalhal.

Teve um filho chamado João Peres de Macedo que vendeu a Estevão Mendes da Silveira 3ª a herdade dos Buinhos que era de seus pais.

DIOGO DE TAVARES DE PENA

Sargento-mor dos Auxiliares em 1723, casado com Ana Gomes de Torres.

Já em 1705 morava cá e em 1726.

DIOGO TUSCANO SARRO

Capitão da guarnição do Castelo em 1710. Sargento-mor dos Auxiliares em 1719.

DIOGO VALEJO

Casado com Jerónima de Máris, tabelião em Barcelos no ano de 1604 (Notas).

DIOGO VAZ DE ALMEIDA

Prior (não sei de que Igreja). Serviu de aio ao Senhor D. Alexandre que foi Arcebispo de Évora enquanto frequentava a Universidade de Coimbra. Is to cerca de 1590.

DIOGO VIEIRA

Já era sacerdote em 1596. Em 1604 vivia na Corredoura com a sua mãe viúva, Catarina Gonçalves, sem ainda ser Vigário da Vara.

Figura na história da imagem da Senhora das Mercês de Bencatel (Santuário Mariano, Tomo VI).

Também foi Capelão-mor do hospital.

Ainda era vivo em 1637.

Teve dois sobrinhos notáveis, que foram Cónegos de Évora, a saber: um do mesmo nome, Diogo Vieira Velho, e Tomé Álvares Velho a quem destino artigo especial.

Talvez que o Vigário fosse também tio do maestro António Vieira.

O Dr. Diogo Vieira Velho, sobrinho, serviu de Prior da Matriz em 1637 e em 1640 era Capelão ou Cura de Rio de Moinhos. Era Cónego de Évora em 1651 e ainda vivia quando seu irmão faleceu (veja-se). Era Vigário da Vara desta vila em 1647 e foi despachado Cónego de Évora em 1650 e para lá mudou então a sua residência vendendo as casas em que morava na rua de António Homem (Notas e Arquivo Eborense).

DIOGO VIEIRA DE MIRANDA

É o nome de um Vigário da Vara desta vila que florescia no primeiro quartel do século XVIII em tempo de D. João V.

Dotou-se para tomar ordens sacras em 1699.

Era filho de António Mendes Vieira e de Isabel Roiz que era irmã do Padre Silvestre João de Miranda que também foi Vigário da Vara.

Em 1718 era Cura de S. Brás dos Matos.

FREI DIOGO DE VILA VIÇOSA

Frade leigo da Província da Piedade ou Capucho Piedoso como diziam antigamente.

Dotado era de tanta prudência e virtude que El-Rei D. João III o mandou à India sobre certos negócios de muita importância e depois de cumprida esta mensagem foi enviado a Africa pelo mesmo Rei com outra comissão.

Sobre isto muitas reflexões podia eu fazer aqui, mas abstenho-me de tal por não ser lugar próprio. Somente lembrarei que os nossos antigos Monarcas usavam muito de aproveitar os frades para Enviados Extraordinários e até Embaixadores às Cortes Estrangeiras porque, em primeiro lugar, a Enviatura constava de menor pessoal e fazia-se portanto com menor despesa e, em segundo lugar, os ditos frades, completa a missão, nada pediam em prémio dos seus serviços. E bastarão estas singelas observações.

Frei Diogo faleceu no ano de 1567.

Esta noticia é da Crónica da Província da Piedade por Frei Manuel de Monforte.

DOMINGOS ALVARES LEITE

Licenciado e Desembargador do Duque D. Teodósio II, ainda vivo em 1618 (História Genealógica, Tomo VI, pág. 254).

Oráculo principal do mesmo Duque lhe chama o autor do Parnaso de Vila Viçosa, Livro 2, cap. 36.

Em 1601 era Desembargador da Casa do Duque.

Foi ele quem formou na Carreira das Nogueiras em 1608 o palácio que depois servia de residência aos Corregedores, pondo-o com a grandeza que tem até aos nossos dias.

Segundo uma procuração sua de 1602 para Chaves, tinha bens e talvez de lá fosse natural.

Faleceu antes de 1626. A sua viúva, Ursula Padroa, faleceu em 1630 e foi seu testamenteiro o Padre João Cavaleiro.

Jaz na Igreja dos Capuchos.

DOMINGOS ALVARES DA VEIGA

Afiança-se em 1711 para servir o officio de Almojarife da Casa de Bragança.

DOMINGOS ALVARES DE ORELHANA

Casado em 1672 com Violante de Torres.

Era falecido em 1707 e vivia a sua mulher.

Tinha um filho de nome Domingos Cordeiro.

DOMINGOS ALVES TORRES

Natural de S. Miguel no Arcebispado de Braga, de onde veio muito novo para caixeiro de Manuel Alves de Araújo, então mercador.

Já cá estava em 1806 e nesse mesmo ano casou com Luísa Leocádia, filha de Luis António Nunes, paneiro, dotada por sua mãe Ana Vitória Biga.

Em 1811 foi eleito Ajudante do corpo de Ordenanças, de cujo cargo tomou posse no ano seguinte. Teve em 1823 o posto de Alferes da Guarda Nacional que morreu nesse ano sem chegar a organizar-se devidamente. Depois, sendo promovido a Capitão de Ordenanças, demitiram-no como affecto ao partido Liberal ou Pedrista no ano de 1830.

Em 1834 foi 2º Provedor do Concelho, cargo de que tomou posse no fim de Agosto, sucedendo nele a Tomás de Aquim Nogueira, de Estremoz.

No ano seguinte elegeram-no Vereador Presidente da Câmara.

Em 1836 teve o cargo de Administrador do Concelho e conservou-o por eleição popular na forma do 1º Código Administrativo (o de 1836) desde 1838 até 23 de Julho de 1842, deixando então de ser electivo tal cargo na forma do 2º Código Administrativo.

Diga-se em verdade que Domingos Alves deveu a sua elevação a Presidente da Câmara e Administrador do Concelho à circunstância de ser Liberal numa terra onde eles eram raríssimos, o que da mesma sorte aconteceu a outros que foram Vereadores sem o deverem ser: e a prova da minha asserção está em ser ele um simples lojista sem independência, nem caixeiro, de forma que o Tenente Lourenço Lourinho gabava-se de o incomodar três vezes com 15 réis.

A parte isto, direi que não era homem de mau carácter e se fez o que não deveria como Provedor ou Administrador do Concelho foi isso devido antes à sua própria dependência pessoal para se manter no cargo que era lucrativo e

bem lhe servia.

Casou com Luísa Leocádia Nunes, filha de Luis António Nunes, mercador de pano de linho, da qual teve descendência. Por fim era D. Luísa.

Faleceu a 8 de Maio de 1844.

DOMINGOS DE BARROS

Solicitador dos feitos do Duque em 1637. Genro de Branca Hortênsia.

Parece-me ser filho do tabelião Gaspar de Barros.

DOMINGOS CALADO

Alferes reformado.

Teve a Luísa da Costa Calado e a Manuel Calado.

DOMINGOS CHAVES

Cavaleiro da casa de El-Rei e Escrivão dos agravos da casa da Suplicação de Lisboa em 1608-17 (Notas).

DOMINGOS DA COSTA

Homem licenciado que estava cá em 1637.

Acompanhou a corte para Lisboa e lá era deputado da Junta da Casa de Bragança em 1642.

DOMINGOS COELHO

Sacerdote, Capelão do Duque, morador no adro de S. Bartolomeu, faceira do norte.

Fez testamento público em 9 de Outubro de 1602 vinculando todos os seus bens numa capela administrada pela Misericórdia para uma missa nos domingos e dias santos, depois de falecer sua sobrinha Isabel Coelho que seria usufrutuária dos seus bens. Mandou sepultar-se na cova de família que tinha na Igreja do Espírito Santo (Tombo 2º da Misericórdia). Mandou dizer um trintário de missas no altar-mor de Nossa Senhora da Conceição, o que parece indicar que já a paróquia da Matriz funcionava no Castelo.

DOMINGOS DIAS

É o nome de um oficial de alfaiate, natural de Olivença, porém freguês de S. Bartolomeu na sua maioridade.

Faleceu no estado de solteiro a 21 de Outubro de 1716. O seu Pároco Frei Bernardo Gomes de Leão fez-lhe um extenso necrológio no livro dos óbitos onde exalta as suas grandes virtudes cristãs e a grande pompa do seu enterro a que concorreu muito clero, povo e religiosos, aclamando-o todos bem-aventurado, etc.

FREI DOMINGOS DA ENCARNAÇÃO

Encontra-se registado com elogio na Colecção de Memórias da Acad. R. da História Port., Tomo III, pág. 427, e nº 103 do Catálogo dos Deputados do Santo Officio de Évora.

Ali se diz que era natural de Vila Viçosa e filho de pais honrados que se chamavam Pedro Barreto e Domingas Alvares. Professando a regra de S. Domingos no convento de Benfica em 5 de Fevereiro de 1655, foi colegial de S. Tomás (de Coimbra) aos 8 de Março de 1665, opositor às cadeiras de Artes e Len-te de Moral do Colégio de Nossa Senhora da Escada, Vigário das freiras do Mosteiro de Santa Ana de Leiria, Prior do Real Convento da Vitória da Batalha, Comissário Geral e Visitador da sua província, Deputado na Inquisição de Évora aos 12 de Junho de 1677 e depois promovido ao lugar que a sua Ordem tinha de propriedade no Conselho Geral da mesma inquisição aos 24 de Agosto de 1705.

Do ordenado que percebia deste Régio Tribunal mandou fazer algumas peças de prata para ornato do altar-mor da sua Igreja, ornou a capela da casa da portaria do seu convento de Lisboa (S. Domingos) e fez algumas esmolas a outros da mesma província, não querendo aliás gastá-lo em coisas profanas ou de utilidade particular dos seus parentes como bom religioso que era.

Faleceu no Convento de S. Domingos de Lisboa em 13 de Maio de 1713 com 58 anos de professo.

DOMINGOS FERNANDES

Entrou na Companhia de Jesus a 25 de Setembro de 1567 e foi um dos 39 com panheiros do Beato Inácio de Azevedo, cujo martírio comemoramos por concessão do Papa Pio IX a 18 de Julho, mas sucedido em 15 de igual mês do ano de 1570.

Indo o Beato Inácio missionar para o Brasil com uma boa leva de obreiros evangélicos, a nau S. Tiago em que ele ia embarcado com mais 39 foi assalta da junto do porto de Palma (uma das Canárias) pelo famoso pirata Calvinista Jacques Sória, inglês, natural de Dieppe, que por ódio à Religião Católica fez matar a todos os 40 Jesuítas.

Domingos Fernandes era um deles.

O Padre Simão de Vasconcelos na Crónica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil, L. 4, nº 94, diz a seu respeito: "O Irmão Domingos Fernandes, natural de Vila Viçosa, coadjutor, com muitas punhaladas (foi lançado) ao mar vivo".

O autor do Parnaso de Vila Viçosa diz que a Domingos Fernandes lhe corta ram primeiramente a língua e, porque ele não desistia de pregar aos hereges as verdades da Fé Católica acenando com as mãos, fôra por fim varado com es padas acabando como verdadeiro mártir (Livro 2, cap. 50).

Chamavam-se os pais do Beato Domingos Fernandes, Bento Fernandes e Maria da Costa, segundo o Parnaso citado, ou Maria Cortes segundo o Padre António Franco na Imagem da Virtude no Noviciado de Evora.

A dificuldade, porém, está em averiguar de um modo incontroverso a naturalidade de um varão, já beatificado, e que por conseguinte pode (mediante especial indulto da Sé Apostólica) ter as honras do culto público. Por isso mesmo procurei estudar esta matéria com a profundidade que ela está pedindo pela sua importância religiosa e patriótica.

Já vimos como o Padre Simão de Vasconcelos, cronista da Companhia, o faz natural da nossa vila e o nosso Moraes Sardinha dedica-lhe o capítulo 50 do Livro 2º com o título: "Do grande esforço e constância perseverante que amostrou em matéria de fé um constante e justo varão deste famoso Parnaso de Vila Viçosa", e escrito no ano de 1618. Diz ali que conhecera muito bem ele, Moraes, os pais do Beato Bento Fernandes, declinando-lhes os nomes na forma sobredita e acrescentando que já eram falecidos quando o filho padeceu o martírio. Este depoimento é de grandíssimo peso, mormente não sen do singular mas corroborado por outros.

Ora, por ocasião de se introduzir ou restaurar o culto destes Benditos Mártires, publicou a Atalaia Católica de Braga, ano de 1854, nºs. 20, 21 e 22, uma relação do seu martírio e no fim dela, por complemento, uma lista dos seus nomes, pátrias, filiações e outras clarezas, dando af. a Domingos Fernandes por natural de Borba do Arcebispado de Evora.

Conquanto não declarasse onde fôra beber aquelas notícias, é evidente que as tomara da já citada Imagem da Virtude, etc. escrita pelo Padre António Franco, a pág. 235. Refere este historiador e biógrafo que a Domingos Fernandes e a outros dos seus companheiros dão os autores pátrias diversas. Porém que ele tinha à vista os nomes de todos nos "catálogos antigos" da Companhia de Jesus, que os examinara escrupulosamente e neles não achara nenhum Domingos Fernandes de Vila Viçosa, mas só a este de Borba e ajunta por fim que ficando uma vila tão próxima da outra "podia fácilmente ser tido por natural de Vila Viçosa".

Isto de certo modo complica a dificuldade em vez de cortá-la, pois o Padre Franco escreveu em 1714, enquanto que o Parnaso de Vila Viçosa foi escrito 96 anos antes. E se o mesmo Franco era historiador da Companhia, da mesma sorte o era o Padre Vasconcelos que publicou a sua Crónica em 1662 sem se apoiar no nosso Parnaso que ainda não passou de um manuscrito e não era dele conhecido no Brasil, onde ele escreveu.

Baltazar Teles no Tomo II da sua Crónica da Companhia de Jesus, pág. 145, descreve miudamente o martírio do Beato João de Azevedo e seus companheiros, mas não se ocupa em notar-lhes as pátrias.

Como, pois, sair desta dificuldade?

Atendendo a que o Padre António Franco é bom crítico e cita "catálogos antigos" que encontrou nos arquivos da Companhia, não tenho dúvida em crer que o Beato Domingos nascesse no termo de Borba que só dista um quilómetro ou pouco mais de Vila Viçosa, o que dá motivo a transitarem frequentemente os moradores de um para o outro termo, especialmente os pobres. E portanto parece-me poder conciliar o testemunho de Moraes com o do Padre Franco afirmando ou acreditando que, sendo Bento Fernandes natural de Borba, passara, sendo criança, a residir em Vila Viçosa com seus pais, aliás não diria o nosso patrício que os conhecera "muito bem".

Assim, pois, se não era natural, era morador na nossa vila enquanto não entrou na Companhia de Jesus e a honra da sua filiação pátria fica pertencendo por igual às duas vilas de Borba e de Vila Viçosa.

O Beato Bento Fernandes era Coadjutor Temporal, isto é, leigo dos que se

empregavam em serviços domésticos dos colégios e missões, no arranjo das igrejas e ensinamento da Doutrina Cristã quando eram aptos para isso.

DOMINGOS GONÇALVES CANHÃO

Era filho de João de Gusmão e de Ana Canhão ou Canhoa. Casou com Catarina de Santo António, de quem teve a João de Gusmão (veja-se). E enviando, passou a segundas núpcias com Maria Giroa, filha de Lourenço Fernandes e de Francisca Giroa em 1670.

Escrivão do Almojarifado da Casa de Bragança em 1670.

Foi Vereador em 1685.

Em 1687 Domingos Gonçalves Canhão e a sua segunda mulher dotaram com as suas terças a sua filha Ana Giroa para casar com Rafael Vaz Frade, do Alandral. E, não tendo filhos, ficaria Rafael com 200\$000 réis de dote.

Faleceu em 30 de Dezembro de 1688, morando no Terreiro de Santo Agostinho.

DOMINGOS LOURENÇO

Morador na rua da Freira, casado com Inês Fernandes, falecido com testamento em 30 de Junho de 1654 e sepultado em S. Francisco.

Instituiu uma capela de trinta missas dotada com as casas da sua residência e um olival, e administrada pelo seu sobrinho Padre Manuel Lourenço e depois dele pela Misericórdia (Tombo 3^o).

DOMINGOS MENDES DE COUTO

Tabelião em 1694 e 1708.

Era filho de Miguel Ramalho da Silva.

Depois de ter deixado de ter o officio de tabelião, reassumiu-o em 1726.

Escrevia bem.

DOMINGOS DE MOURA

Foi Procurador do Concelho em 1643 e 1647.

Casara com Luísa Francesa, de quem teve descendência. Soror Violante do Céu, professa na Santa Cruz em 1669 com dote de 400\$000 réis, era sua filha.

Teve mais a Catarina de Moura que em 1676 era dona da herdade do Montinho de Bencatel e em 1684 estava casada com Pero Mendes de Matos; e a Maria Moura, já casada também com Francisco Pereira Garro.

Faleceu em S. Bartolomeu em 16 de Abril de 1679, sendo casado, e foi sepultar à Matriz.

DOMINGOS PEREIRA LOBO

Casou com Maria Souda de Sá e teve um filho do seu mesmo nome que no ano de 1720 casou com Antónia Maria, filha de Vicente Alvares.

Foi Vereador em 1693, 1701 e 1705. Sendo outra vez eleito em 1708, não pôde servir por ter falecido em 18 de Dezembro de 1707.

Era Escrivão dos Orfãos e freguês da Matriz.

DOMINGOS NUNES

Alvenú, casado com Inês Cordeiro, pai de Bento Cordeiro Vinagre e de João Cordeiro Vinagre, alvenús também.

Contratou em 1707 com as Freiras da Santa Cruz continuar o dormitório no vo, do mirante para baixo, à sua custa, aproveitando-se apenas dos materiais das moradas que ali estavam, obrigando-se as Freiras a admitirem a pro-fissão com este dote a sua filha Inês Maria Cordeiro e a sua neta Catarina Maria Furtado, filha de sua filha Luísa Cordeiro e de João Roiz Proença.

Dono da herdade da Torre em 1704; e a da Cabreira era do seu filho João.

DOMINGOS PEREIRA DA SILVA

Licenciado em Leis e natural da nossa vila. Em 1683 já estava formado. Fôra herdeiro do Padre António Fernandes.

Casou na Matriz a 6 de Março de 1639 com Ana Maria de Sousa, filha de Pedro Paulo (veja-se).

Em 1659 era Corregedor em Elvas e Auditor do exército do Alentejo.

Em 3 de Setembro de 1661 foi eleito Procurador às Cortes de Lisboa.

Era já falecido em 1675, ano em que a sua viúva dotou o seu filho Pedro Pereira da Silva para ser clérigo e veio a ser largos anos Prior de S. Bartolomeu.

Deixou estes filhos: D. Mariana da Silva; D. Catarina da Silva; D. Antónia Maria; D. Marinha da Silva - solteiras em 1684; Frei Francisco Pe-

reira da Silva, além de Frei Pedro Pereira da Silva; Dr. António Pereira da Silva, Cónego de Evora em 1670 e deputado da Junta dos Três Estados em 1699 (Arquivo Eborense nº 4). Este foi Bispo de Elvas e do Algarve.

DOMINGOS PEREIRA DE QUEIROZ

Tabelião em 1672 e de boa caligrafia.

DOMINGOS DO REGO DE ANDRADE

Vereador em 1638. Sendo eleito para o ano de 1642, não pôde servir porque estava doente e morreu em Fevereiro do mesmo ano.

Em 1626 já era criado do Duque.

Era parente, segundo parece, de Inácio do Rego de Andrade e criado da Casa de Bragança.

DOMINGOS VALERIO

Cirurgião em 1731.

DOMINGOS DO VALE

Tenente de Cavalaria em 1709, casado com Maria Soares de Oliveira.

Deste matrimónio procedeu o Padre Frei António Xavier do Vale, prior de S. Bartolomeu.

DUARTE DE ABREU NORONHA

Filho de Luís de Abreu de Melo e de D. Clara de Souza.

Morava com o pai em Lisboa em 1615 e ainda era menor de 15 anos e solteiro.

Tinha cá bens (Notas).

FREI DUARTE ALVARES

Somos chegados a dar noticia de um importantíssimo varão, orador eminente e sábio consumado, cuja fama soou até lá fora do Reino com admiração dos estrangeiros. É Frei Duarte Alvares, Graciano e Teólogo do Convento de Salamanca em Espanha.

Quando o Geral Frei Jerónimo Seripando visitou este convento em 1534, mandou-o ler Teologia no de Paris, exercitando este magistério com aplauso universal. E foi Reitor dos seus estudos por espaço de treze anos.

Depois de se laurear Doutor na Universidade Parisiense, foi em 1540 pregar os sermões de quaresma na Catedral de Angers, onde conquistou as aclamações de insigne orador sagrado.

Estimava-o muito a Rainha de França D. Leonor, que o mandou por embaixador a seu irmão Carlos V, Imperador da Alemanha, em 1550.

Sendo Vigário Geral das províncias daquela monarquia em 1552, veio a Portugal. E, conhecida a sua grave prudência e profunda sabedoria, a Rainha D. Catarina, mulher de El-Rei D. João III, elegeu-o para seu confessor.

Esses dotes o fizeram também digno do cargo de Visitador da Província Agostiniana de Portugal em 1565 por patente de Frei Luís Montoia, Vigário Geral da mesma província, e de presidir ao Capítulo celebrado no Convento da Graça de Évora em 1574.

Faleceu em Lisboa neste mesmo ano.

Esta noticia é da Biblioteca Lusitana.

Perguntarão agora os leitores: de que troncos descenderia em Vila Viçosa este Doutor Parisiense? Não sei responder. Talvez fosse filho do povo, daqueles que por meio das comunidades fradescas podiam frequentar as Universidades e subir à categoria em que este Frei Duarte se viu e ainda hoje o admiramos.

Sem as Ordens Religiosas, não seria decerto o que foi.

D. DUARTE DE BRAGANÇA 1º

Filho do Duque D. João I e da Senhora D. Catarina, e irmão do Duque D. Teodósio II, nasceu este ilustre patricio a 21 de Setembro de 1569 e foi baptizado oito dias depois na Capela Ducal pelo Deão Manuel Passanha de Brito, sendo seus padrinhos D. Constantino de Bragança, irmão do seu avô paterno, e D. Isabel, irmã destes mesmos e avô sua materna. Foi levado à pia baptis-

mal nos braços de D. Luís de Noronha 1º, Camareiro-mor de seu pai.

El-Rei D. Filipe II, conforme as promessas de vantagens feitas à Casa de Bragança em 1582, nomeou-o Marquês de Frechilha e Vila Ramiel em 6 de Julho de 1596, tendo já casado nesse mesmo ano a 25 de Fevereiro com D. Brites de Toledo, Marquesa de Jarandilha e herdeira da grande casa de Oropesa. Mas, não obstante viver em Castela, conservou sempre as mais íntimas relações com seu irmão D. Teodósio II e tanto que ordenou em testamento serem trasladados os seus ossos para esta vila e sepultados aos pés do túmulo do dito seu irmão. E mais. Instituiu por testamento na Capela Ducal duas capelas perpétuas de missa quotidiana que nomeou nos Licenciados João Mendes da Fonseca e António Pais Viegas. Este veio logo para Vila Viçosa. Vê-se, pois, que nunca perdeu o amor à sua terra natal, onde vinha com frequência, mormente quando no Paço Ducal havia festas de família, casamentos e baptizados.

Em 1602 já era viúvo e tinha estes filhos: D. Fernando de Toledo e D. Francisco de Toledo. E ele, além de ser Marquês de Freichilha e Senhor de Vila Ramiel, tinha a Comenda de Castelo Novo e o posto de Alferes-mor da Cavalaria de Alcântara (Notas).

Faleceu D. Duarte em Madrid a 28 de Março de 1627 de um acidente de asma de que padecia há muito e o seu corpo foi depositado no Real Convento de Freiras de S. Domingos, onde aguarda em vão que o trasladem para Vila Viçosa.

Foi Grande de Espanha e figurou lá muito na sua Corte, assim como cá nas festas de casamento de D. Teodósio II em 1603, etc.

Era amigo do poeta Lope de Vega y Carpio. Ele o trouxe a esta vilae foi causa de que escrevesse o excelente poema "*Description de la Tapada, etc.*", que foi publicado nas Provas da História Genealógica sob o nº 269 (Tomo IV).

Teve três filhos de D. Brites de Toledo e foram: D. Fernando Alvares de Toledo, Conde de Oropesa e Marquês de Jarandilha; D. João de Toledo; e D. Francisco de Toledo.

Passando a segundas núpcias com D. Guiomar Pardo y Tanera, Marquesa de Malagon, já viúva duas vezes, não teve dela descendência.

(História Genealógica, Tomo IX, págs. 1 e seguintes).

D. DUARTE DE BRAGANÇA 2º

*Com esta condição pesada e dura
Nascemos: o pesar terá firmeza
Mas o bem logo muda a natureza.*

(Lusiadas, VI, 15)

Infeliz foi sem dúvida este nosso patrício, criado no fausto e na grandeza, porém mirrado por fim de desgostos profundos, sepultado em vida em negra masmorra como vítima da política intrigante dos nossos vizinhos Castelhanos.

Filho de D. Teodósio II e irmão de El-Rei D. João IV, por mofina sua teve com este uma desinteligência que o levou a militar na Alemanha onde tinha o posto de Sargento General e Coronel do Regimento de Cavalaria que tinha o título da "Banda Negra" quando seu irmão foi aclamado Rei no 1º de Dezembro de 1640.

Assim se lê em diversas histórias. No entanto, observarei que não foram tais as dissensões com o Duque seu irmão que não viesse a Vila Viçosa pouco antes da Restauração da Monarquia, conforme refere Cadornega que aliás não menciona tais discórdias. Estas, segundo parece, tiveram lugar no ano de 1633 e, porque envolveram também o Senhor D. Alexandre, crê-se que procederam da cunhada D. Luísa Francisca de Gusmão.⁽¹⁾ É certo que os dois irmãos se retiraram naquele ano para a Quinta de Peixinhos (dos Lucenas) com os seus criados. Foram dali em peregrinação a Nossa Senhora de Guadalupe em Espanha. D. Alexandre voltou para Vila Viçosa, mas D. Duarte só depois da morte de D. Alexandre, sucedida em 1638, é que veio para haver a herança dele, que falecera intestado e solteiro. Desembarcou em Lisboa no mês de Novembro de 1638 e, marchando logo para Vila Viçosa, não se deteve aqui mais que os dias necessários para os negócios a que vinha. A sua retirada para Lisboa foi a 23 do mesmo Novembro, indo com pressa para se retirar no mesmo navio em que viera. E porque já se tinha feito à vela e se tornou mister esperar por outro da mesma carreira, houve de se demorar na Corte mais algum tempo. Ali pousou na Quinta de Francisco Soares da Cotovia, onde foi

(1) Veja-se na Ilustração Portuguesa, vol. 2, nºs. 27 e 29, o artigo de L.A. Palmeirim - D. Maria de Lara Menezes com quem D. Duarte houve amores e por causa dos quais parece ter lugar a ruptura de relações entre D. Duarte e sua cunhada. No dito artigo vêm muitas citações a respeito da biografia deste príncipe e do seu pretendido casamento e por isso remeto para ali os leitores curiosos. Diz-se que D. Duarte houvera um filho de D. Maria de Lara que vivia no Paço em 1632 e que dele houvera descendência que veio a cair na indigência.

aposentado por D. Francisco de Faro, genro do sobredito Francisco Soares. Obtido o navio, marchou logo para o seu destino.

Em escritura de 12 de Janeiro de 1631 desiste do senhorio de Vila do Conde que seu pai lhe deixara por testamento em sua vida "por constar que era de juro e herdada fora da lei mental e como coisa anexa ao Ducado".

Outorgou por meio de procuração dada a Baltazar Roiz de Abreu, escrivão da câmara do Duque, seu irmão, procuração feita no mesmo dia por António de Araújo e assinada por ele, sendo testemunhas D. António de Melo, Estribeiro-mor, e Fernão Roiz de Brito, Camareiro-mor.

A 10 de Setembro de 1637 os licenciados Domingos da Costa Homem e Gaspar Vaz de Sousa, como seus procuradores, aceitam em seu nome as Comendas de Santa Maria de Moreiras e Santa Maria Davi, que tinham vagado por morte de seu irmão D. Alexandre (Notas).

Na Alemanha achara-se D. Duarte na guerra que os Suecos moveram contra o Império, assistindo familiarmente ao Conde Matias Galaço, nomeado pelo Imperador (Fernando III) Tenente-General de seu filho Fernando, Rei da Boémia. Comandados os suecos pelo Duque de Weimar, depois da morte do seu Rei, tinham ocupado a maior parte do Império, sendo o Conde Galaço o autor mais digno da recuperação das províncias ocupadas e o Infante D. Duarte o executor mais valoroso das suas ordens. Teve lugar esta campanha em 1640.

Ora, determinada a revolução emancipadora de Portugal, devia o Infante ser avisado a tempo de voltar a este Reino, já para se livrar de perigos lá fora, já para prestar aqui os serviços da sua perícia militar, já finalmente como sucessor da Coroa nalguma eventualidade possível. Não o foi e a razão principal desta falta esteve nas hesitações do seu irmão em aceitar o Ceptro Português e na brevidade em que se executou a revolução apenas ele deu o seu consentimento.

Sabida a aclamação de El-Rei D. João IV primeiro em Castela que na Alemanha, empenharam os Castelhanos todas as diligências possíveis para persuadir o Imperador a que prendesse D. Duarte, exagerando-lhe os interesses que a Casa de Austria tinha na conservação do poderio de Castela e mil outras intrigas e subornos de que se prevaleceram, sendo o principal motor desta infâmia D. Francisco de Melo, Embaixador de Castela junto do Imperador, aliás parente da Casa de Bragança e dela muito favorecido.

Sempre o Imperador caíu na desonra que lhe aconselhavam a título de interesse do Estado Germânico.

Detido o Infante D. Duarte em 13 de Fevereiro de 1641 por D. Luís Gonzaga, chegou no dia seguinte a Ratisbona onde foi definitivamente preso numa estalagem e vigiado por quarenta mosqueteiros. Soube então a causa por que o privavam da liberdade: a aclamação de seu irmão como Rei de Portugal, facto para que ele em nada contribuíra e que até ignorava naquele dia. Clamou pela sua inocência fazendo sentir a ingratidão do Imperador a quem havia prestado tão relevantes serviços. Tudo, porém, baldado: nem lhe deram soltura, nem esperanças dela, fazendo prender também os seus criados!

Queriam os Castelhanos levá-lo para o Castelo de Milão, mas a isso opunha-se o Imperador reputando haver em tal aquiescência uma tirania bastante excessiva.

Passados oito dias de prisão na estalagem de Ratisbona (Baviera), foi D. Duarte conduzido à fortaleza de Passéová pelo Coronel Xequé com sessenta mosqueteiros e aí esteve cinco meses, findos os quais foi mudado para Gratz (7 de Julho) por instâncias dos Castelhanos que assim, pouco a pouco, o iam aproximando de Milão, que era do seu domínio.

Padeceu em Gratz a mais o desgosto de o privarem do seu confessor que era um Jesuíta Alemão e quem muito lhe aliviava as amarguras do cárcere com práticas espirituais, falando-lhe dos bens do céu. Apenas lhe diminuiu o rigor dos seus tormentos o poder fazer chegar às mãos do Imperador (Fernando III) a seguinte carta:

"Muitas vezes tenho manifestado a Vossa Majestade Cesária a grande injustiça e agravo que se me faz quando eu, por haver deixado a pátria e a comodidade da minha casa e havendo servido oito anos⁽¹⁾ a Vossa Majestade com tanta satisfação como sabe todo o mundo, esperava receber grandes favores: agora entendo que o Marquês de Castelo Rodrigo, continuando o mesmo que havia intentado D. Francisco de Melo, procura conduzir-me a Milão para que eu sirva de zombaria e sacrifício no ódio e indignação deste e outros Ministros. Porém, espero da grandeza de Vossa Majestade que não queira romper em mim as leis da justiça e aquele direito no qual me constituíram a hospitalidade e fé pública, inviolável entre as mais bárbaras nações. Pelo que espero que Vossa Majestade terá consideração à minha justiça e inocência, deixando uma e outra nas suas imperiais mãos até que Vossa Majestade me franqueie o direito das Gentes com a mesma liberdade do Império, não permitin-

(1) A declaração de 8 anos de serviço na Alemanha dá a entender que D. Duarte foi para este país logo no ano de 1633 em que se casou seu irmão o Duque D. João II.

do que se execute em mim novidade que sirva de exemplo tão prejudicial à fé pública. Representando juntamente a Vossa Majestade o grande amor, trabalho e despesa com que tenho servido a Vossa Majestade expondo a vida em muitos perigos como agora fizera com o mesmo ânimo e fidelidade se Vossa Majestade mo permitira. Guarde Deus a Imperial Pessoa de Vossa Majestade Cesária. De Gratz, 16 de Março de 1642 ".

A esta carta respondeu o Conde de Transmandorff pelo Imperador do seguinte modo:

"Dei a Sua Majestade Cesária a carta de V. Excelência e lhe referi tudo o que V. Excelência me escreveu em 16 do passado. Sua Majestade Cesária me respondeu muito benignamente, declarando não querer agravar a V. Excelência na sua aflição, mas aliviá-lo muito depressa e, em sendo tempo, fazer-lhe todo o favor: o que se me oferece referir a V. Excelência beijando-lhe as mãos. Viena, 5 de Abril de 1642 ".

A vista desta resposta, devia o Infante D. Duarte conceber lisonjeiras esperanças de recuperar a sua liberdade, mas enganava-se. O ânimo do Imperador não era recto, imparcial e desinteressado. E assim foi fácil ao Marquês de Castelo Rodrigo, sucessor de D. Francisco de Melo na Embaixada Espanhola de Viena, activar as diligências do seu antecessor e levar a cabo o coum intento. Mediante a soma de quarenta mil cruzados, subornou o Imperador que, já se vê, amava mais o dinheiro que a inocência, a justiça e a gratidão.

Entregue D. Duarte às mãos dos Castelhanos, é levado pelo Tirol à fronteira da Itália e metido no Castelo de Milão onde lhe deram por cárcere a torre da Roqueta.

Intimada pelo Dr. Navarro ao Infante a saída de Gratz, perguntou-lhe este se o intento era levá-lo para Milão, ao que o dissimulado Ministro deu resposta negativa e com juramento. Mas depressa se desfez a mentira, além do que o Infante já sabia a verdade por outra via.

Reuniu-se numerosa escolta e, saindo o preso do seu cárcere, disse ele com espírito sereno: - *Seja Deus louvado! Exicrunt eum gladiis et fustus lanquam ad latronem!* (Saíram com espadas e paus como se fôra para custodiar um ladrão!: palavras da Paixão de Cristo).

Antes de sair de Gratz, já tinha escrito uma carta ao Imperador expondo a sua queixa e ao despedir-se do Comissário Imperial Stewemberts, que nos confins da Valtelina o entregara a um Sargento-mor enviado pelo Governador de Milão, disse-lhe em desabafo da sua cruel angústia: - *Dize ao Impera -*

dor que maior pena me dá haver servido a um príncipe tirano que o ver-me preso, vendido e entregue nas mãos dos meus inimigos, mas que Deus há-de permitir que haja nalguma hora quem faça o mesmo com seus filhos que não nasceram mais privilegiados do que eu, pois a Casa Real de Portugal, de que eu descendo, não cede em sangue à Casa de Áustria; e que se lembre para mortificação sua como a mim me sucede para meu alívio de que AS HISTÓRIAS HÃO-DE FALAR DELE E DE MIM!

Assim é hoje. Mudam os tempos e desaparecem as apreciações apaixonadas; reconhece-se a verdade, proclama-se a justiça e estigmatiza-se com traços negros a opressão iníqua, covarde e traiçoeira... E o que hoje eu também, após de tantos, estou fazendo ao cabo de mais de dois séculos! Prossigamos.

No castelo de Milão acabou D. Duarte de apurar-se no cadinho da desventura como o ouro na fornalha ardente. Exulado, sem servos que lhe ministrassem e com uma sentinela à vista, achava-se incomunicável. E no meio de tantas angústias apenas lhe deparou a Providência o consolo do capelão D. Francisco Portii, pelo qual pôde corresponder-se com seu augusto irmão. Isto, porém, com indústria muito disfarçada. Foi esta. Obtendo o dito Padre, a título de decência, que só o Infante ornasse e preparasse o altar da capela para a missa, dava-lhe lugar a meter debaixo da alcatifa as cartas de que o mesmo capelão sorratamente se apoderava e remetia ao seu destino.

D. João IV, desejoso de libertar o Infante de tão duro cativo, ainda chegou a mandar para Itália quatrocentos mil cruzados por se dizer que os Castelhanos lhe davam liberdade por esta avultada soma. Porém não foi assim: o infeliz Príncipe não encontrou remédio para os seus males; ralou-se de pesares, consumindo-se lentamente, até que a morte lhe cortou o fio da vida pondo termo aos seus infortúnios.

Deus premiaria, decerto, na pátria celestial a constancia de quem padeceu tormentos imerecidos!

Em 13 de Agosto, que é exactamente o dia em que escrevi esta relação dos seus infortúnios em 1874, foi o seu passamento para melhor vida no ano de 1648, com sete anos e meio de rigoroso encarceramento e 42 de idade.

A sua morte foi muito sentida em Portugal e o seu augusto irmão deu singulares demonstrações de quão vivamente o ferira esta seta, despedida traiçoeiramente pela revindicta Castelhana...

Nobre vítima da emancipação política de Portugal foi este nosso patriota; porém vítima inglória ele antes desejaria cair morto de pelouro ou cu

tiladas nos barros do Montijo, nas linhas de Elvas, ou nas vertentes austrais de Montes Claros, misturando o seu sangue com o de tantos heróis, com patriotas seus, que ali firmaram a nossa independência de Castela!

O Infante D. Duarte era valoroso e prudente, liberal e afável, de sorte que atrafa irresistivelmente a afeição de quantos com ele tinham trato.

Esbelto, claro e louro de cabelo, tinha as feições tão bem dispostas que era um enlevo a sua fisionomia.

Era para ele, segundo se diz, que ficou devoluto um túmulo do cruzeiro de Santo Agostinho, mas os seus ossos ainda hoje repousam na terra do seu martírio e sem lugar distinto, de modo que não pôde a sua última vontade :
- Desejo ser sepultado na minha terra!

Se os leitores quiserem ver notícias mais circunstanciadas acerca deste mártir da nossa independência nacional, consultem as histórias gerais do rei nado de El-Rei D. João IV, não esquecendo a História Genealógica no Tomo VII e em especial o Portugal Restaurado, Parte 1ª, Livro 3º, de onde extraí este resumo, e ainda a Restauração de Portugal, opúsculo, pág. 10, onde se promete uma obra longa com o título de "História do Infante D. Duarte" pelo Senhor José Ramos Coelho, e se diz não pouco da sua vida e acções.

Se ali coube tanta miudeza - numa história geral da nossa Monarquia, parece-me não ter sido prolixo nesta minha que é particular do berço onde ele primeiro viu a luz do dia no meio de régias pompas que a Revolução de 1640 lhe converteu (sem o querer) em duros, tétricos, horrendos ergástulos!

DUARTE CERQUEIRA DE ARAUJO E MAGALHÃES

Era sobrinho do Prior da Matriz Custódio de Araújo e Magalhães. Estudava o 5º ano de Direito Canónico em Coimbra cerca do ano de 1732, como consta de umas conclusões impressas em seda branca para servirem de véu de cálice na dita Matriz (hoje incapaz de serviço). Nada mais sei a respeito da sua pessoa.

FREI DUARTE DA CONCEIÇÃO

Nasceu este nosso patrício a 13 de Outubro de 1595 e depois de ter estudado Latim e Humanidades com grande crédito seu, foi admitido aos dezanove anos na Ordem Terceira da Penitência, vulgo dos Frades Borrás, em cujo convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa professou a 20 de Outubro de 1615.

Aprendeu Artes e Teologia com tal aproveitamento que de discípulo passou a mestre destas disciplinas no Colégio de S. Pedro de Coimbra, onde as ensinou até se jubilar em 1641.

Ocupou na sua Ordem os lugares de Reitor do Colégio de Santa Catarina, Definidor, Comissário provincial, Reitor do Colégio de S. Pedro de Coimbra, Provincial da sua Ordem em 1645, Qualificador do Santo Officio e Examinador das Três Ordens Militares.

Morreu no convento em que professara a 26 de Setembro de 1662.

Esta notícia é da Biblioteca Lusitana.

D. DUARTE DE EÇA

Veja-se D. João de Eça.

D. DUARTE DE MACEDO SOTOMAIOR

Vivia na paróquia de S. Bartolomeu em 1753 e anos seguintes, sendo casado com D. Filipa Teodora Marinho Pereira, calipolense, filha de Tomás Pereira e Marinho e de Antónia Maria.

Era filho de outro do mesmo nome, natural da vila de Silvã, e de D. Luísa de Castro e Silva, natural do Fundão. Esta vivia cá ainda em 1778.

Deixou descendência entre nós.

Tinha cá também um irmão que se chamava D. António de Macedo Sotomaior que casou com D. Rita Joaquina Pereira, irmã da antecedente, de quem houve descendência. Creio que eram militares.

Outro D. Duarte do mesmo nome era em 1707 casado com D. Margarida Gertrudes Marçal Caeiro e era tenente de engenharia em Elvas, onde vivia divorciado da mulher e cá estava esta e orfãs, que foram três, mas em 1807 tinham falecido duas e restava só D. Ana de Macedo, casada com Francisco de Paula Mirabela.

DUARTE DE MELO

Vivia entre nós em 1582 e creio que era irmão de Pedro de Melo de Castro.

DUARTE DE MELO DE NORONHA 1º

Fidalgo da Casa de Bragança.

Casou na Matriz em 1611 com Luísa Soares, filha do Licenciado Francisco Soares desta vila. Devia ser avô do seguinte.

Era já falecido em 1633 e vivia a sua viúva (D. Luísa) ainda em 1642.

DUARTE DE MELO DE NORONHA

Vem este nome na Biblioteca Lusitana e no Dicionário Bibliográfico sem os seus autores saberem definir a filiação do poeta que representa, dizendo simplesmente "parece que foi filho de Luís de Abreu de Melo", Calipolense, de que adiante faço menção.

Quanto a mim, não tenho receio de o afirmar vendo que o pai de Luís de Abreu de Melo se chamava Duarte de Abreu e Noronha, e sua mãe D. Maria de Melo, e assim podia o neto compôr o nome de Duarte de Melo de Noronha.

Escreveu Duarte de Melo uma "silva" extensa em que celebra a vitória alcançada pelos Portuguezes em 1665 sob o título de "Batalha de Montes Claros". Foi impressa em Lisboa naquele mesmo ano.

DUARTE DE MELO DA SILVA

Fidalgo da Casa de Bragança.

Casado com D. Margarida de Castro e já falecido em 1611.

DUARTE MENDES

Deste nome e casado com Constança Mendes vivia um Licenciado na Matriz em 1618.

Teve a João de Melo, que vivia no Brasil em 1641 e mandou procuração para cá a seu irmão Lourenço Roiz e outros.



ELOI JOSE CALADO

Foi Procurador do Concelho em 1790 e em 1807, ano em que faleceu a 2 de Julho, sendo solteiro.

Também serviu o cargo de Tesoureiro do Fisco.

Era natural desta vila, filho de José Lopes e de Maria Teresa, baptizado em S. Bartolomeu no ano de 1736, sendo seu padrinho (e creio que primo - irmão) Luís da Costa Calado, Calipolense (veja-se).

Tinha em 1791 dois irmãos ourives residentes em Évora chamados Francisco Xavier Calado e Miguel Lopes Calado, aos quais este abonou no dito ano para fazerem uma banquetta imperial de prata à Confraria dos Escravos da Conceição. Um deles era pai do Cónego Caladinho.

Juntou alguns bens de fortuna que deixou por morte a seu sobrinho António Calado da Silva, o "Caladinho", sobrinho seu, a quem mandou vir de Évora e fez ordenar sacerdote para chegar um dia a ser Cónego da Capela Real, dotando-o com quatro vinhas juntas aos Cobres, umas casas pequenas na rua das Cortes (a que juntou uma vinha que António já possuía).

ESCOBAR DE LIRA PEREIRA

Casado com D. Maria Chanoca, falecida a 4 de Setembro de 1597 e sepultada na Esperança em cova própria.

No Tombo 4º da Misericórdia está uma verba do testamento de Bernardim Freire Pereira, casado com D. Maria Lobo de Vasconcelos, falecido em Elvas no ano de 1677, sobrinho do dito Escobar, declarando que este lhe deixara um foro de 50\$000 réis com encargo de missa quotidiana. Manda o testador que os herdeiros dêem bens para caução do sobredito foro e que a Misericórdia tomasse conta dele com o competente encargo.

Vivia ainda no ano de 1616, pois arrendou neste ano ou deu procuração para lhe arrendarem a sua comenda que era de um oitavo dos frutos da Igreja de S. Lourenço da Parada.

Tinha uma pensão de 7\$000 réis na dzima do pescado de Setúbal como alferes da Ordem de S. Tiago (consta de uma procuração dele a seu cunhado José Chanoca para lhos cobrar no dito ano de 1616).

Não teve descendência.

ESTEVÃO ALBERTO DA SILVEIRA MENEZES

Serviu como Capitão de Infantaria provisório na Guerra da Sucessão de Espanha desde 1701 até 1706 sem receber soldo algum. Desgostado, porém, de lhe não dar o Governo o posto de capitão efectivo no último ano referido, deixou a carreira das armas e ficou vivendo como paisano; mas sempre lhe chamaram o Capitão Estevão Alberto.

Era filho mais velho de Diogo da Silveira da Fonseca Castelo Branco (veja-se) e por isso herdou os morgados dele e o de sua mulher.

Casou a primeira vez em 1719 na Sé de Évora com D. Rosália Doroteia Guião, natural da freguesia de S. Manços de Évora, irmã do Padre Agostinho Coelho Guião, Arcebispo do Zaire e cónego da Sé.

Residiu muitos anos na dita cidade e em Lisboa, razão por que nunca foi cá pautado para Vereador e apenas o elegeram Almotacé para um trimestre em 1744, sendo Vereador seu irmão Manuel Teles de Menezes.

Deixou só dois filhos e ambos do primeiro matrimónio chamados Manuel Diogo da Silveira Menezes (o 1º) e Pedro Francisco (ou Xavier) da Silveira Menezes, a quem o irmão morgado consignou em 1747 99\$000 réis em rendas de prédios que o mesmo devia cobrar para o seu património.

Foi baptizado a 10 de Maio de 1683 por seu tio Frei João da Silveira com licença do Prior de S. Bartolomeu e faleceu a 13 de Novembro de 1746 na casa da rua dos Fidalgos onde nascera.

Em 1708 arrendou a seu tio Frei António de Castelo Branco todos os seus prédios livres e do morgado por 30\$000 réis mensais.

Era dos Silveiras da Nave (veja-se Estevão Mendes da Silveira 1º) e Fidalgo da Casa Real.

ESTEVÃO CARVALHO

No Livro 2º, cap. 63 do Parnaso de Vila Viçosa traz Morais Sardinha o elogio deste Calipolense e mais outro (Manuel Lopes Canhão), classificando aquele entre as pessoas notáveis desta vila pela sua rara habilidade. Refere dele que trabalhava delicadamente em qualquer officio que se propusesse exercitar, mostrando-se pintor, debuxador, alfaiate, carpinteiro, etc. Ainda vivia em 1618 com mais de 80 anos de idade.

Em 1606 era casado com Ana Pires e arrendou a Fernão de Sousa por 130\$000 réis um quinhão que tinha na herdade dos Ruivinhos de Montes Claros (Notas).

ESTEVÃO CARVALHO

Licenciado em medicina e cirurgião do Hospital da Misericórdia em 1629 com 8\$000 réis e 15 alqueires de cevada.

Casado em 1634 com Cosma Carvalho de Sequeira.

Cirurgião do Duque em 1635.

Era falecido em 1656, sendo viva sua mulher.

ESTEVÃO DELGADO

Licenciado que em 1629 servia de Juiz na Irmandade do Sacramento da Matriz (Notas).

ESTEVÃO DUARTE CORDEIRO

Filho de António Duarte, natural de Vila Viçosa, e de Maria Cordeira, de Duguela. Foi baptizado em S. Bartolomeu a 7 de Novembro de 1734.

Seus pais o dedicaram às letras. Formou-se em Direito na Universidade Conimbricense e teve escritório de Advogado na sua pátria, onde sempre viveu, primeiro na Matriz e depois em S. Bartolomeu.

Serviu o cargo de Recebedor do Almoarifado desta vila.

Casou com Inês Joaquina da Rosa, da qual enviuvou em 1767 e houve a José Duarte Cordeiro e Silva que também tem lugar neste livro.

Reedificou a casa da rua de Três que está perto do Rossio onde se instalou a Sociedade Artística em 1863, tornando-a casa nobre.

Em 1784 meteu freira na Esperança a sua filha D. Maria Bárbara com dote de 400\$000 réis e 200\$000 réis para tença vitalícia de 10\$000 réis. Em 1785 contrata professor nas Chagas a sua filha D. Ana Possidónio da Anunciação com dote de 400\$000 réis e 20\$000 réis da peça da sacristia que logo pagou. Quanto aos 200\$000 réis para a tença, obrigou-se a paçar os 10\$000 réis de juro.

Administrador do Almoarifado desta vila em 1793.

Em 1794 comprou a Quinta do General a Tomé Antunes Moreira.

Ouvi que lhe chamavam por desdém o "Doutor dos borregos" aludindo malidicamente a ter sido pastor em rapazinho. Como, porém, o "homem não nasce, mas faz-se", conforme um provérbio nosso, de balde se exercita neste e noutros casos idênticos a vil mordacidade.

Elevou-se com honra e preparou um futuro brilhante para seu filho.

Faleceu a 3 de Dezembro de 1795.

Deixou estes dois filhos varões: G. Cordeiro e Silva e António Duarte Cordeiro e Silva, os quais ambos tomaram estado e tiveram descendência.

ESTEVÃO MASCARENHAS DA GAMA

Filho de Fernão Martins Mascarenhas e de D. Isabel Pereira. Foi baptizado em S. Bartolomeu a 15 de Abril de 1620.

Era neto materno de Estevão Ribeiro Raposo, dono do Forte do Sobral e possuía por via dela a capela de Pedro de Mures Gançoso.

Em 19 de Agosto de 1653 elegeram-no Procurador às Cortes de Lisboa, convocadas para o 1º de Outubro e, por se achar a sua casa empenhada, representou à nossa Câmara que só aceitava o mandato adiantando-lhe ela algum dinheiro com que pudesse comprar um cavalo e vestir dois lacaios, pois era Fidalgo e costumava apresentar-se assim na Corte. A Câmara respondeu que não tinha meios por ficar empenhada com as exéquias do Príncipe D. Teodósio. Como, porém, El-Rei não admitisse escusas (Livro 2 dos Registos da Câmara, fl. 37), teve de ir e na vila recebeu da Câmara o competente salário.

Por escritura de 5 de Outubro de 1658 legitimou os seus filhos naturais Francisco de Brito e Pedro Mascarenhas havidos de Maria Roiz, mulher solteira, e isto por não ter filhos legítimos.

Em 13 de Junho de 1660 casou no Redondo com D. Maria Rodrigues Sancho (seria filha de Manuel Nunes Sancho, rendeiro da portagem em 1625 e 1638, etc? Assim parece.), mediante licença do Prior de S. Bartolomeu em cujo registo encontrei o assento de tal matrimónio, de quem teve a Pedro Mascarenhas da Gama e Brito que lhe sucedeu na casa.

Teve um filho bastardo por nome Domingos Cordeiro Mascarenhas, avô de José Pereira Mascarenhas, de quem procedeu João de Mesquita e o filho deste Jorge de Mesquita Mascarenhas. Por morte do último ficou extinta a linha e o morgado passou aos Rangéis de Quadros Mascarenhas, residentes em Lisboa.

Em 1659-60 foi Provedor da Misericórdia e Escrivão em 1665-66.

Em 1677 era já viúvo e nesse ano compôs-se com os Agostinhos sobre as legítimas do seu filho Frei Filipe, dando por elas só 80\$000 réis por ter poucos bens livres.

A casa dos Mascarenhas era na Corredoura à mão esquerda antes de se descer para o largo da Assaboaria. Tem por cima da porta um obelisco ou triângulo

gulo de mármore com o seu brasão de armas no meio. E, sendo aforada por Jorge de Mesquita, veio ultimamente ao poder de Joaquim José Fernandes que a está reedificando neste ano de 1883 com largo dispêndio. Também lhes pertenciam em Bencatel a Quinta da Madre de Deus, chamada vulgarmente "Quinta do Mascarenhas", os dois Fortes e a Capelinha.

Era já falecido em 1683.

ESTEVIÃO MENDES PEREIRA

Foi Capitão de Ordenanças e deixou de o ser em 1656.

ESTEVIÃO MENDES DA SILVEIRA 1º

Este é o mais antigo ascendente dos Silveiras da Nave que tenho descoberto e julgo ser neto de Diogo da Silveira 1º.

Casou com Isabel da Silveira, sua prima irmã, o que consta de um instrumento público de limpeza de sangue tirado por seu neto Belchior Garcia da Silveira, de quem já se tratou, e que existe no cartório dos Silveiras da Nave. Sendo, pois, Estevão e Isabel primos irmãos, segue-se que eram netos de um toro que bem pode ser o do sobredito Diogo da Silveira 1º, uma vez que eram contemporâneos de El-Rei D. João III, vivendo na primeira metade do século XVI.

Li nuns apontamentos do mesmo cartório dos Silveiras que eles tiveram um ascendente chamado Bernardo da Silveira, o qual em 1513 acompanhara o Duque D. Jaime à conquista de Azamor, sendo seu cavaleiro. Como, porém, esses apontamentos são modernos, fica este ponto indeciso, ainda que bem pudera ser Estevão Mendes 1º filho do dito Bernardo e neto de Diogo da Silveira 1º, mas repito, este ponto não está para mim aclarado com segurança.

Estevão Mendes da Silveira 1º era lavrador e cavaleiro de D. Teodósio I e contemporâneo de Francisco da Silveira (veja-se), parente seu concerteza. Teve filhos e destes conheço os seguintes: Diogo da Silveira 2º e Manuel da Silveira, dos quais tenho dado e darei notícia, e (salvo erro) Leonor Mendes da Silveira, que casou com Agostinho Fernandes de Vilalobos, de quem procedem os Silveiras de Borba.

Para maior clareza colocarei aqui a série destes Silveiras da Nave e com isso evitar-se-á qualquer confusão:

Estevão Mendes da Silveira 1º;
 Diogo da Silveira (o 2º);
 Estevão Mendes da Silveira 2º;
 Diogo da Silveira Caldeira;
 Estevão Mendes da Silveira 3º;
 Diogo da Silveira da Fonseca Castelo Branco;
 Estevão Alberto da Silveira Menezes;
 Manuel Diogo da Silveira Menezes 1º;
 Estevão da Silveira Menezes;
 Manuel Diogo da Silveira Menezes 2º;
 Inácio da Silveira Menezes;
 Manuel Diogo da Silveira Menezes 3º.

Todos estes se têm sucedido uns aos outros por varonia legítima, sendo naturais desta vila.

ESTEVIÃO MENDES DA SILVEIRA 2º

Neto de Estevão Mendes da Silveira 1º, como filho de seu filho Diogo da Silveira 2º e de sua mulher D. Inês Caldeira, filha de Belchior Garcia Caldeira e de Guiomar Cordeiro.

Era portanto irmão de Belchior Garcia da Silveira e mais velho do que ele devendo ter nascido antes de 1570.

Casou três vezes, mas só do primeiro matrimónio com Francisca de Leão, filha de Gaspar Magro e de Inácia Fernandes, teve a Diogo da Silveira Caldeira (veja-se); Pero Mendes da Silveira, que em 1625 vendeu a sua legítima e foi servir para a Índia; Guiomar, Inácia Fernandes e Inês Caldeira, as quais todas professaram no Convento da Santa Cruz.

Era também cavaleiro da Casa de Bragança e lavrador da Nave e outras herdades, morando no Terreiro de D. João e faceira virada para o norte, a qual já não existe, numas casas que julgo ser o mais antigo solar dos Silveiras.

Foi mesário da Misericórdia em 1600-01.

A segunda mulher chamava-se Antónia Bafa e a terceira, com quem casou em 1612, era Bernarda de Gouveia, criada da Duquesa D. Catarina que a dotou com 280\$000 réis em dinheiro e 192\$890 réis em móveis (Notas).

Faleceu repentinamente no 1º de Dezembro de 1621, sendo viúvo.

Neto do precedente como filho de seu filho Diogo da Silveira Caldeira (veja-se) e de sua primeira mulher D. Helena Cepa de Morais falecida em 1640. Esta D. Helena era irmã do Padre António Cepa Mergulhão (veja-se), dono do olival pequeno do Carrascal onde se fundou a Igreja da Lapa e de outro grande que linda com este, assim como de outros bens que passaram para os Silveiras da Nave.

Estevão Mendes 3º nasceu na Matriz em 1625.

Como veio ao mundo numa época em que Portugal exigia de seus filhos principalmente a profissão das armas a fim de se levar por diante a independência política deste Reino inaugurada no dia 1º de Dezembro de 1640, não recusou este nosso patricio entrar nessa longa e dura lide. E fê-lo com boa fortuna, pois se os Silveiras da Nave até então gozavam do simples grau de Cavaleiros da Casa de Bragança, ele conquistou para si e para os seus descendentes, em prêmio dos seus relevantes serviços, o Hábito de Cristo e o foro de Fidalgos Cavaleiros da Casa Real.

Com efeito, em 1646 começou a servir de soldado da Ordenança com armas e cavalo à sua custa. A Câmara nomeou-o Capitão da mesma Ordenança a pé em 19 de Outubro de 1650, mas isso quase não vigorou porque no seguinte ano de 1651, determinando El-Rei organizar uma Companhia de Cavalos Auxiliares composta de vizinhos de Vila Viçosa e Borba, nomeou Estevão Mendes por Capitão dela, passando-lhe a patente em 21 de Abril.

Assim continuou a servir a pátria até que no ano de 1662 levantou à sua custa uma Companhia de Cavalos Arcabuzeiros da primeira linha, ficando reconhecido Capitão dela na forma do costume antigo e assim tomou parte nas campanhas seguintes até ao fim da guerra, a saber: estava de guarnição em Évora no ano de 1663 quando o exército Castelhana de D. João de Áustria foi sobre ela e a obrigou a render-se; então, escapando-se para não ficar prisioneiro, veio juntar-se ao nosso exército que retirara sobre o Alandroal e aqui foi encarregado pelo General da Cavalaria Dinis de Melo de Castro de comandar o esquadrão do Comissário geral João do Crato da Fonseca, indo assim assistir ao recontro do Odigebe, à batalha do Ameixial (em 8 de Junho) e à recuperação de Évora, e assinalando-se de maneira que os Cabos maiores tiveram muito que lhe agradecer.

No seguinte ano de 1664 houve-se galhardamente na cilada que os Castelhanos a 15 de Fevereiro armaram à cavalaria de Vila Viçosa, marchando sobre o

inimigo e arrebatando-lhe a presa que levava.

Em 1665 tomou parte na batalha de Montes Claros (a 17 de Junho) cumprindo sempre com o seu dever.

Da mesma sorte foi em companhia do Conde de Schomberg armar à cavalaria de Badajoz, fazendo a nossa gente perder aos Castelhanos mais de 400 infantas, a fora muitos cavalos que se lhes tomaram.

Nos anos de 1666 e 1668 se achou na entrada que o General Dinis de Melo fez pelos campos de Terena e no desfazimento da ponte de barcas sobre o Guadiana em Juromenha, além de outras empresas de menor importância.

Entretanto padeceu ele a perda dos frutos das herdades da Nave de Cima, Buinhos e outras mais por estarem a uma légua de Juromenha, ocupada então pelos Castelhanos, e não poder cuidar da sua cultura, o que ele reputava em quatro mil cruzados de perda.

Celebrada a paz com a Espanha em 1668, ficou Capitão em disponibilidade ou entretido (como então se dizia) enquanto não tinha cabimento no exército que foi licenciado em grande parte por não ser já necessário em tão avultado número. Ainda requereu promoção para uma vaga do Terço de Moura. Faltando, porém, o Mestre de Campo do Terço de Auxiliares da nossa comarca, nomeou-o interinamente para este posto o General das Armas da Província Dinis de Melo de Castro, estando nesta vila, em 4 de Dezembro de 1674. E o Príncipe Regente D. Pedro deu-lhe a patente de efectivo a 8 de Abril de 1676 com o competente soldo.

Requerendo este illustre patricio depois da paz geral o devido galardão, foi-lhe prometido pelo Príncipe Regente em Portaria de 26 de Novembro de 1668: 1º - uma Comenda de 100\$000 réis na Ordem de Cristo quando houvesse vagas, concedendo-se-lhe entretanto a título dela o Hábito de Cristo; 2º - um officio de justiça ou fazenda; 3º - o foro de Fidalgo Cavaleiro.

Ora, como os Governos em geral são fáceis em prometer e sempre tardios em dar, Estevão Mendes nunca empolgou a Comenda, contentando-se apenas em intitular-se Comendador, nem teve o emprego de justiça ou fazenda. Teve somente o Hábito de Cristo por Alvará de 14 de Dezembro de 1669, professando no Convento de Tomar a 6 de Março immediato depois de armado Cavaleiro; e o foro de Fidalgo Cavaleiro ainda se fez esperar até 30 de Setembro de 1677, data do respectivo Alvará, que é muito honroso visto resumir todos os serviços que o agraciado prestara.

Apesar, porém, de ter Estevão Mendes abraçado a carreira das armas, não deixou de servir bastante a sua pátria particular. Sucedeu a seu pai no car

go de Tesoureiro Geral da Décima da comarca. Foi Vereador em 1651, 1655, 1659, 1663, 1667, 1671 e 1675. Em 3 de Setembro de 1661 elegeram-no os seus patrícios Procurador às Cortes de Lisboa, que não sei se chegaram a reunir-se e em 31 de Dezembro de 1667 fizeram-lhe igual honra. Abrindo-se estas Cortes a 27 de Janeiro seguinte, demorou-se nelas sete meses que foi o tempo que duraram. Depois foi Guarda-mor da Saúde em anos de ameaça de peste. Entretanto serviu a Misericórdia, sendo um dos signatários do compromisso reformado em 1661 e Provedor em 1663. Em 1677 era Tesoureiro da Confraria da Conceição, que ainda não se intitulava de Régia.

Casou em 1649 com D. Luísa Pereira da Fonseca, filha mais velha e herdeira do morgado de Diogo da Fonseca Coutinho, morador em Elvas, mas natural de Portalegre e filho de Bernardo da Fonseca e de Isabel Juzarte, instituidores do dito morgado, de que a dita D. Luísa veio a ser segunda administradora. Como ele tinha muitos bens livres, instituiu um morgado particular dos Silveiras da Nave de Cima, sendo esta herdade a cabeça dele na pessoa do seu filho mais velho, formando-o da sua terça em 1681 quando o casou com D. Isabel Maria de Menezes, morgada, herdeira de Manuel Teles de Menezes e Moscoso, como disse no artigo de Diogo da Silveira da Fonseca Castelo Branco.

D. Luísa faleceu a 7 de Novembro de 1683 e ele a 27 de Dezembro de 1684, deixando os seguintes filhos: Diogo da Silveira da Fonseca Castelo Branco, que lhe sucedeu na varonia; Frei João da Silveira e Frei António de Castelo Branco, ambos Gracianos, contratados em 1674 para professarem com renúncia da legítima; Bernardo da Silveira da Fonseca e Francisco Coutinho da Silveira, que não casaram, mas embarcaram para ir servir na Índia já condecorados com o foro de Fidalgos Cavaleiros e o Hábito de Cristo; e D. Constança Francisca Pereira Coutinho e Abreu. Esta casou com o seu primo Estevão Mendes da Silveira Vilalobos, morador em Borba e Comissário Geral da Cavalaria no ano de 1763, e tiveram a Sebastião da Silveira de Cubelos Vilalobos, cuja descendência está nos Silveiras de Borba e Silveiras Belos do Alandroal.

Estevão Mendes da Silveira 3º morou sempre na casa dos Menezes da rua dos Fidalgos, posto que comprasse a de Rui de Sousa Pereira mais adiante junto à travessa da Amoreira. E tratava-se à lei da nobreza com escudeiro, trem, cavalos e criados, como Fidalgo que era da Casa Real.

ESTEVÃO MENDES DA SILVEIRA VILALOBOS

É aquele de que fala a História Genealógica no Tomo VI, pág. 310, contando-o entre os Criados Acrescentados que acompanharam a África o Duque D. Teodósio II e lá ficaram prisioneiros na infeliz batalha de Alcácer - Quibir em 1578.

Era filho de Agostinho Fernandes de Vilalobos e de Leonor Mendes da Silveira, já falecidos quando ele casou na Matriz em 1582 com Maria Dias, filha de Rui Dias Faião e neta de Afonso Faião e de Maria Dias. Agostinho Fernandes procedia de Brás Fernandes Vilalobos 1º.

Estevão Mendes era, pois, Silveira somente por sua mãe e é o tronco dos Silveiras Vilalobos de Borba por seu filho João da Silveira Vilalobos. Teve além deste a Afonso (?) da Silveira Vilalobos que, casando em Évora com Maria da Mota de Cubelos, houve a Estevão Mendes da Silveira Vilalobos, nomeado no artigo antecedente, e que casou em segundas núpcias com D. Constança Francisca. Deste primeiro matrimónio teve ainda a Agostinho de Vilalobos que em 1610 vivia em Ourém casado com Isabel de Barros. Nesse ano fez uma composição de seu pai sobre bens vinculados que dizia pertencerem -lhe. Já então era o pai casado em segundas núpcias com Ana Madeira, como se vê na escritura de 22 de Janeiro de 1610. Concordou o pai em largar-lhe o vínculo de Rui Dias Faião que vinha a constar da Herdade dos Taroucos em Fatalão, que rendia cinquenta alqueires de trigo; o quarto da Herdade dos Aruejos ao pé de Valbom; e o quarto da horta da mesma Herdade. Ainda vivia em Ourém no ano de 1627 e era senhor da Nave de Baixo.

De uma escritura de 26 de Agosto de 1623 de partilhas amigáveis entre os filhos deste e seu irmão Luís, vê-se que em 1623 era ele falecido, ficando-lhe os seguintes herdeiros: Agostinho de Vilalobos, casado com Isabel de Barros e morador em Ourém; Afonso da Silveira Vilalobos; e João da Silveira Vilalobos que lhe sucedeu no ofício de Meirinho do Duque.

ESTEVÃO MENDES DA SILVEIRA VILALOBOS

Filho de Agostinho de Vilalobos (de Borba?), obriga-se em 1637 a servir o Duque no foro de moço da sua câmara.

ESTEVÃO MENDES DA SILVEIRA VILALOBOS

Filho de João da Silveira Vilalobos, meirinho do Duque. Era rapaz em 1641 sendo seu pai já falecido.

ESTEVÃO RIBEIRO RAPOSO

Cavaleiro Fidalgo da Casa do Duque D. Teodósio II, senhor da herdade que hoje se chama Forte do Sobral (e Nora de Bencatel).

Era casado com Margarida de Almeida, filha de Cristóvão de Mures Ganço-so.

Penso que não era natural desta vila.

Em 1603 morreu-lhe na Arruda um tio chamado Martim Ribeiro Raposo, para cuja herança nomeou procurador em 1604.

ESTEVÃO ROIZ

Recebedor do geral das sisas em 1587 (Notas).

ESTEVÃO DA SILVEIRA MENEZES 1º

Filho de Manuel Diogo da Silveira Menezes 1º e de sua mulher D. Maria Caetana de Macedo Salema de Sá, foi baptizado na freguesia de S. Bartolomeu a 27 de Fevereiro de 1749.

Como primogénito sucedeu a seu pai nos três morgados da casa. Desposou-se em 1786 com D. Maria Irene da Conceição, filha de Manuel Martins Esteves e de sua mulher Rita Eugénia, de quem teve a Manuel Diogo da Silveira Menezes 2º; a Estevão da Silveira Menezes 2º; a D. Violante Luísa, que professou no Convento da Santa Cruz; a D. Maria Teresa e a D. Rosália, que não tomaram estado.

Estevão da Silveira 1º foi lavrador e vivia a maior parte do tempo na Nave, mas vinha com frequência a Vila Viçosa, onde exerceu o cargo de Vereador em 1778, 1784, 1788, 1792, 1798, 1802, 1804 e 1806. Em 1810 foi-lhe aceite a escusa por velho, mas tornou a servir em 1812 até à doença da morte que teve lugar a 18 de Setembro. Jaz na Matriz.

Foi Capitão de Auxiliares ou Milícias, governando a Companhia de Caçadores da nossa vila, que era a primeira, por patente de 16 de Setembro de 1791; e por outra de 4 de Maio de 1802 (Livro 6 dos Registos da Câmara, fl.

179 v.) passou a Sargento-mor da Ordenança.

Já se vê, pois, que bem mereceu da sua pátria.

ESTEVÃO DA SILVEIRA MENEZES 2º

*... parece melhor um peito altivo
Morto no campo, que na fuga vivo.*

(Mascarenhas - Vir. Trag.)

Nasceu em 1801 a 17 de Outubro sendo sete horas da manhã e foi baptizado a 27 do dito mês na freguesia de S. Bartolomeu, chegando-o à pia baptismal seu tio Manuel Teles de Menezes e tocando seu irmão Manuel Diogo com a prenda de Nossa Senhora da Conceição.

Como segundo filho de Estevão da Silveira Menezes 1º e de sua mulher D. Maria Irene da Conceição Esteves, seguiu a carreira das armas, dirigido por seu irmão mais velho e padrinho que lhe deu cavalo e armas e fez reconhecer como Cadete, assentando praça em Cavalaria nº 2 então aquartelada nesta vila.

Seguindo o seu Regimento na revolução e emigração de 31 de Julho de 1826, achou-se no recontro dos campos do Alegrete sucedido a 10 de Dezembro do mesmo ano e aí se defendeu de sete cavaleiros batendo-se como um herói, o que, sendo observado pelo Conde da Taipa, correu este a impedir que o matassem e apenas ficou prisioneiro da Divisão do Conde de Vila Flor com uma ferida na cabeça de que o curaram em Estremoz.

Este facto grangeou-lhe uma legítima fama de dextro e esforçado cavaleiro e tal que em 1861 foi chamado ao Paço de Vila Viçosa pelo Marquês de Ficalho a fim de ser apresentado a El-Rei D. Pedro V que desejou conhecê-lo pessoalmente por lho gabar muito o dito Conde contando a façanha sobredita.

Continuando na carreira militar, tinha já o posto de Capitão quando o exército de D. Miguel I convencionou em Évora-Monte. Voltou então para casa de seu irmão morgado por não querer ficar ao serviço da Rainha D. Maria II; e casou com D. Maria Justina de Couto, da qual teve descendência, mas não sobreviva.

Sustentava-se então com o prato que lhe dava seu irmão e, depois da morte deste, seu sobrinho Inácio da Silveira. Achando-se por último viúvo e sem filhos (1875), foi acabar o resto da vida a casa do dito seu sobrinho, onde faleceu no 1º de Setembro de 1881 com 80 anos incompletos de idade.

Era seco, alto e desempenado ainda na velhice, tendo o cabelo todo branco, mas sem calva. Afável, porém de falas brandas. Risonho e no entanto de espírito sereno, o que lhe fazia conservar um admirável sangue frio tanto na esgrima como na caça - principal entretenimento seu. Consideravam-no o melhor caçador da nossa terra e nunca abandonou até à morte este seu predilecto exercício.

Muito dado à Religião conforme as tradições da sua família, o Capitão Estevão da Silveira não faltava a assistir nas nossas Igrejas às principais solenidades, especialmente de Nossa Senhora da Conceição de que era Escravo Mesário Perpétuo como os seus antepassados. Também professou, logo em moço, na Ordem Terceira de S. Francisco e (caso já raro infelizmente para os homens da sua qualidade!...) comparecia sempre nos funerais e solenidades da Ordem com o seu hábito vestido.

ESTEVÃO SOARES FIALHO

Moço da Capela Real em 1693.

DR. ESTEVÃO XAVIER MONARCA

Médico dos partidos desta vila em tempo de D. João V.

Em 1706 era casado com Ana Josefa e baptizou então na paróquia de S. Bartolomeu um filho que foi o Padre Frei Francisco Xavier Monarca, o qual serviu na mesma paróquia muitos anos o cargo de Beneficiado.

Era natural de Elvas.

Entrou para médico do hospital em 1713 por terem despedido o Dr. Manuel Faria, mas este opôs-se e foi reintegrado por sentença judicial.

Em 1732 meteu freira na Santa Cruz a sua filha Rita Bernarda com dote de 550\$00 réis.

Faleceu a 28 de Novembro de 1747, sendo viúvo de Ana Josefa da Encarnação Verdelho.

EUGENIO JOAQUIM TARANA

Veja-se Ant3nio Fortunato Tarana.

Casou com Efig3nia Rosa, filha de Joaquim da Rosa.

Nascido nesta vila em 1822.



FELIX DE AZEVEDO DA FONSECA

Ouvidor em 1734 e que figurou na história da refundição do Curacena actual.

Era casado com D. Teresa Caetana do Nascimento.

FELIX TEIXEIRA

Licenciado em Leis. Foi Desembargador do Duque D. Teodósio II, Chanceler da sua Casa e Ouvidor da sua Fazenda (História Genealógica, Tomo VI, pág. 660).

No registo paroquial da Matriz e ano de 1569 aparece designado com o título de Deão da Capela Ducal, sendo isto antes da erecção canónica de tal dignidade, o que revela ser Clérigo, ainda que não tivesse ordens sacras.

Faleceu a 23 de Janeiro de 1586 com os cargos civis e fiscaes designados acima, quando era já Deão colado Manuel Passanha de Brito, e tem sepultura própria na Igreja da Esperança onde ainda se vê a sua campa com epitáfio.

Tinha muitos bens em Coimbra, de onde parece que era natural, ou talvez do Rabaçal, perto da mesma cidade. Por sua morte instituiu um vínculo de que seria usufrutuário o seu sobrinho Pedro Carvalho Teixeira enquanto o seu irmão Félix Teixeira não completasse os vinte e cinco anos. Então entraria este na administração do mesmo vínculo.

O Dr. Félix Teixeira formou junto à Aldeia o prédio chamado ultimamente Horta do Pereirinha e já não hortada, abrindo-lhe nora, fazendo-lhe casas e arborizando-a. Provavelmente foi-lhe preciso anexar quatro ou mais heranças ou courelas porque aquelas terras estavam já divididas há muito. Desde então e por longos anos chamavam-lhe Horta de Félix Teixeira, como consta do cartório municipal, e visto ser ele o seu autor deve preferir-se aquele primeiro título. Esta horta foi depois vendida a Rodrigo Roiz, servidor do Duque, em cujos herdeiros andou por largos anos (Notas). Depois de D. Catarina da Silva, passou a horta a D. Francisca Antónia Galvão de Lacerda Botado e Pina que vivia em Lisboa em 1785 e já tinha cessado o foro do Pereirinha.

FELIX TEIXEIRA

Sobrinho do antecedente, era Licenciado em 1616. Vivia em Penela e fez aforamento em 6\$000 réis das casas pertencentes à capela de seu tio. Estas eram na Corredoura (Notas).

D. FERNANDO I, 2º DUQUE DE BRAGANÇA

Ficou escrita a sua biografia no Tomo I destas Memórias, cap. 31.

D. FERNANDO II, 3º DUQUE DE BRAGANÇA

Ficou já escrita a sua biografia no Tomo I destas Memórias e cap. 32. Chamavam-lhe antigamente "o das pernas gordas" (Nobiliarquia Port.).

FERNANDO AIRES DE MORAIS

Filho de Cristóvão de Lemos de Moraes e neto de outro Fernando Aires de Moraes, do Alandroal, e administrador do seu morgado.

Era Fidalgo da Casa de El-Rei e casado com Catarina Lobo Cagourinha em 1603 (Notas).

Depois residiu por muitos anos na Vidigueira (1610).

Senhor da herdade do Azinhal no termo do Alandroal.

Residia nesta vila em 1605 (Notas) e em 1627 estava outra vez morador em Vila Viçosa e vivia sua mulher Catarina. Em 1629 morava nas suas herdades do Alandroal.

FERNANDO ALVARES

Em 1471 era Secretário do Duque D. Fernando II (História Genealógica, Tomo VI, pág. 659).

Outro Fernando Alvares foi procurador do Concelho em 1624 (Notas).

FERNÃO ALVARES RUISSOL

Filho de António Ruissol e de Maria Gomes, baptizado na Matriz em 1612.

Foi Capitão de Ordenanças e Vereador em 1677.

Faleceu cinco anos depois.

Era casado com Clara Girão em 1665.

FERNÃO BARBOSA

Escrivão da câmara do Duque D. Teodósio II em 1592.

FERNÃO CARDOSO

Vivia nesta vila em 1579 um varão deste nome sendo Vereador mais velho e Juiz pela Ordenação na ausência do Juiz de Fora, e ao mesmo tempo Fidalgo Cavaleiro da Casa de Sua Majestade, o que consta do Livro I dos Registos da Câmara, fl. 29.

FERNÃO DE CASTRO 1º

Era filho de Pedro de Castro de Azevedo (veja-se) e de sua mulher D. Brites de Melo.

Esse Pedro é o mais antigo dos Castros de que tenho conhecimento nesta vila e cuja descendência se propagou aqui. Por isso deixarei compendiada neste artigo a notícia da descendência de Fernão de Castro 1º para que melhor seja conhecida quando fale nos Pedros e Jerónimos deste apelido. E posso fazê-lo porque a História Genealógica traz esta linhagem pela razão de ter Fernão 1º casado com D. Helena de Eça, filha de D. Francisco de Eça e neta de D. João de Eça 1º, de sangue Real.

Foi Fernão de Castro 1º Alcaide-mor do Melgaço, Fidalgo do Duque D. Teodósio I e Veador da sua Casa: officio honradíssimo; e ganhou o primeiro prémio nas justas dos festejos do casamento de sua irmã D. Isabel com o Infante D. Duarte em 1537 (História Genealógica, Tomo VI, págs. 36 e 81).

Militava em Arzila no ano de 1509.

Em 1533 acompanhou ao Estreito do Mar Vermelho o Capitão Diogo da Silveira, indo por Capitão de Galeota.

Em 1537 entra na Capitania de Ormuz.

Em 1543 falece em Malaca de jornada para as Molucas de que fôra nomeado Governador (Couto).

Teve, ao que parece, um filho único: Pedro de Castro 1º (veja-se), que desapareceu na batalha de Alcácer-Quibir e deixou dois filhos:

FERNÃO DE CASTRO 2º

JERONIMO DE CASTRO 1º

Este serviu, como seu pai, nas Índias Orientais, e teve a Jeróni-
mo de Castro 2º.

Este outro foi também militar nas Índias e, casando, teve a Pedro de Castro 2º (veja-se).

(História Genealógica, Tomo XI, pág. 662 e Parnaso de Vila Viçosa, L. 2, cap. 47).

FERNÃO DE CASTRO 2º

Era filho de Pedro de Castro 1º, a quem acompanhou na expedição de África de 1578, e neto do antecedente.

Em 1556 militava na ilha de Ceilão (Couto, Dec. 7).

Em 1558 embarcou para a Índia com o Vice-Rei D. Constantino de Bragança, diz Diogo de Couto que o declara por filho do Veador do Duque de Bragança (Dec. 7, L. 6, cap. 1). Assiste à expedição de Jafanapatão em 1560. No ano seguinte vai com D. Pedro de Castro de Évora à empresa de Surrade.

Tornou então ao Reino e assistiu à expedição de Alcácer-Quibir em 1578 acompanhando o Duque de Barcelos. Depois de resgatado, volta à Índia e em 1584 regressa de novo ao Reino a requerer mercês pelos seus serviços (Couto, Dec. 10). Passou então a ser Veador da Duquesa D. Catarina.

Em 1603 figurou nas festas do casamento de D. Teodósio II (História Genealógica, Tomo VI, págs. 309 e 428).

Provedor da Misericórdia em 1603-04.

Casou com D. Luísa de Lacerda, de quem houve um filho chamado Jerónimo de Castro como seu tio paterno (Ibid. Tomo XI, pág. 662 e Parnaso, L. 2, cap. 33). Depois casou com D. Maria de Azevedo, já viúva de Henrique Henriques de Miranda.

Era freguês de S. Bartolomeu.

Deveria possuir as Comendas que seu pai teve e lograr a Alcaidaria - mor de Melgaço.

FERNÃO DE CASTRO E MELO

Este era filho de Pedro de Castro 2º e bisneto de Pedro de Castro 1º.

Foi Jesuíta primeiramente e depois Deão da Capela Real desta vila depois de 1644. Foi 3º Deão (História Genealógica, Tomo XI, pág. 664).

Em 1654 arrendou a António da Gama dois benefícios simples que tinha em Barcelos na Igreja de S. Cláudio e na de Fão de Esposende por 600\$000 réis.

FERNÃO CAVALEIRO

Era Escrivão das sisas em 1531.

FERNÃO DUARTE

Filho de Francisco Mendes, boticário do Duque.

Foi afiançado em 1613 para ir solto cumprir um ano de degredo em África por bater com um corno (sic) em Pedro Gomes, lacaio do mesmo Duque (Notas).

Em 1629 durante a alçada do Dr. Gaspar Pereira de Sampaio tomou de arrendamento casas de herdeiros de fidalgos culpados na alçada que o Desembargador lhe arrendou por baixo preço e ele sub-arrendou com muitos lucros.

Negociante em 1637.

Faleceu em 1642. Foi sepultado nos Capuchos e dali foram os seus ossos para a capela de Santa Isabel que a sua mulher comprara entrando com 44\$000 réis de renda para duas missas quotidianas. A sua viúva, D. Luísa Mendes, passou a segundas núpcias com João de Oliveira Delgado, Comendador, e vivia em Peniche no ano de 1656.

Teve um filho chamado Francisco Mendes.

D. FERNANDO DE EÇA 1º

Era neto do Infante D. João, bisneto do Rei D. Pedro I e filho de outro D. Fernando, senhor de Eça na Galiza, de onde veio o apelido a esta família.

Tão devasso era este senhor de Eça que chegou a ter muitas mulheres ao mesmo tempo e contou por isso 42 filhos, entre os quais se enumera D. Garcia de Eça e este D. Fernando de que agora tratamos.

Veio para Vila Viçosa ao serviço do Duque D. Fernando II, de quem foi Fidalgo, assim como depois continuou a sê-lo de seu filho o Duque D. Jaime que lhe deu a Alcaidaria-mor da nossa vila (História Genealógica, Tomo VI, pág. 654).

Casou com D. Joana de Saldanha de quem teve a João de Eça 1º; D. Maria de Eça, que casou em Aragão com D. Fernando de Bolea, morador em Saragoça; D. Leonor de Eça, que casou com D. Inigo de Morales, Castelhana e Estribeiro-mor de D. Jaime nesta vila.

Fora do matrimónio teve a D. Henrique de Eça que, no tempo do grande Afonso de Albuquerque, foi morto às lançadas na ocasião de se levantarem os moradores de Goa contra os nossos (diz a citada História Genealógica). Havia casado em Lagos com D. Violante Jacques, de quem procedeu outro D. Fernando de Eça, casado em Lisboa, mas falecido sem sucessão.

Mais notícias do sobredito D. Fernando de Eça 1º.

Começou o seu tirocínio batalhando em Africa no tempo de Diogo Lopes de Sequeira e em 1505 passou à India por Capitão de um galeão em companhia do Vice-Rei D. Francisco de Almeida, com o qual assistiu depois à empresa de Quiloa e Mombaça. E, sendo um dos primeiros que ali pelejaram com os Mouros, lá ficou morto a 15 de Agosto (de 1505) (História Genealógica, Tomo XI, pág. 649).

Não deixarei sem reparo que Barros, Dec. I, L. 8, cap. 3, mencionando este morto do assalto de Mombaça chama-lhe D. Fernando de Eça de Campo Maior, o que revela ter ele sido morador naquela vila antes da restituição de D. Jaime à Casa de Bragança. O mesmo Barros acrescenta: "parece tinha o martírio da sua vida nas mãos dos Mouros porque, quando partiu deste Reino, havia pouco que saíra de cativo por o cativarem com Diogo Lopes de Sequeira, sendo capitão de Arzila (o Sequeira) ".

D. Fernando ia concertado para servir na India três anos. Morreu ferido num pé de seta ervada.

A família dos Eças fez profissão de militar na India, mas experimentaram lá muitos desastres ao pé de imensa glória. Veja-se D. João de Eça 1º.

D. FERNANDO DE EÇA 2º

Veja-se D. João de Eça 1º, de quem era filho 4º.

FERNÃO DA FONSECA

Foi Vereador em 1687, 1693 e 1695.

FERNÃO DA GAMA LOBO

Vivia em 1647.

FERNÃO DA GAMA DE MORAIS

Senhor do morgado dos Moraes do Alandroal. Vivia cá em 1645. Era 3º neto de Fernão Aires de Moraes, instituidor da capela quotidiana com missa de alva aos domingos na Matriz do Alandroal.

Em 1650 era casado com D. Guiomar de Mesquita. Falecido já em 1672 e deixando somente a D. Isabel da Gama Cogominho.

D. FERNANDO DE LUCENA NORONHA

Filho do segundo matrimónio de Joaquim Eugénio de Lucena (veja-se).

Destinando-se à vida eclesiástica, assim como seu irmão D. Bernardo, Almozarife do Paço, ordenou-se de missa. Foi Prior Encomendado da Matriz, etc. e ultimamente Vigário Geral do nosso Isento por nomeação do Bispo D. Vasco.

Faleceu em 18 de Junho de 1823 e foi sepultado no jazigo da Capela-mor da Esperança. Tinha 55 anos, pois fôra baptizado em S. Bartolomeu a 16 de Junhos de 1768.

FERNANDO JOSÉ DE MOURA PENALVO

Tabelião em 1753 e anos seguintes.

Era filho de Lourenço de Torres Penalvo e seu sucessor no dito officio.

FERNÃO LOBO DE MELO

Era Fidalgo da Casa do Duque D. Teodósio II e tomou parte nas festas do seu casamento em 1603 (História Genealógica, Tomo VI, pág. 426).

Em 1607 era casado com D. Isabel da Costa (Notas).

Vereador em 1618 (Notas).

Faleceu na Matriz em 1621 a 16 de Janeiro.

FERNÃO LOPES DE ABREU

Fidalgo cavaleiro de El-Rei, casado com Guiomar Roiz, vivia em 1588.

Afora a herdade da Lagoa de Rio de Moinhos pertencente à capela que instituiu seu tio, o Padre Fernão Lopes (Notas).

FERNÃO LOPES NETO

Este Calipolense era irmão de Cosme Lopes, Manuel Lopes e Nuno Lopes, todas pessoas muito notáveis.

Vivia no tempo de El-Rei D. João III sendo Advogado da Casa da Supplicação em Lisboa. „E teve um filho, o Dr. João Lopes Neto, que foi médico e Lente em Coimbra (Parnaso de Vila Viçosa, L. 2, cap. 55).

FERNÃO LOPES DE OLIVEIRA

Licenciado em Canones e cultor exímio da poesia. Assim se lê na Biblioteca Lusitana sem outras miudezas.

Vivia entre nós no princípio do século XVII este nosso patrício; mas em 1604 vendeu todos os seus bens que herdou de sua mãe, Branca Lopes de Souzedo, e foi-se para o estrangeiro (creio que para Espanha) (Notas).

Era irmão do insigne juriconsulto Manuel Lopes de Oliveira.

D. FERNANDO DE LUCENA NORONHA

Por engano ficou já atrás o seu esboceto biográfico.

FERNANDO MARIA DA COSTA FEIO

Foi Vereador em 1837.

Era filho do Capitão reformado Francisco de Paula da Costa Feio, maneta, da casa dos Feios da Aldeia de Cima ou de S. Sebastião.

Foi celibatário toda a vida, mas deixou filhos naturais.

Sustentava-se de uma capela da Misericórdia de Lisboa que andava na casa dos Feios e em que entrava o Gavião de Bencatel.

Faleceu em 1873.

Era feio até na côr.

FERNÃO MARTINS MASCARENHAS

Fidalgo da Casa de Bragança em tempo do Duque D. Teodósio II.

Casou com D. Isabel Pereira, de quem teve a Francisco de Brito Mascarenhas e Estevão Mascarenhas da Gama (vejam-se).

Era da mesma raça dos Mascarenhas, Condes de Santa Cruz, Condes de Óbidos, Marqueses de Gouveia e Fronteira, etc. (Memória dos Grandes de Portugal, pág. 126).

Seu tio Gil Dias da Gama, de Olivença, instituiu nele um morgado quando com D. Isabel Pereira, mas com reserva do usufruto a favor de Aires da Gama Lobo, também sobrinho seu. E, como este falecesse em 1625, compôs-se Fernando com a viúva dele, Maria Mexia Lobo, sobre esse usufruto (Notas).

A primeira escritura pública onde figura este homem é do ano de 1610, na qual fez arrendamento da herdade de Pero Tomás ou dos Tomases em que ele tinha metade e a posse de arrendar pelo dote de casamento da sua mulher D. Isabel Pereira, que era filha de Estevão Ribeiro Raposo e de D. Margarida de Almeida. Creio ser de Olivença porque possuía lá uns morgados.

Em Março de 1614 estava refugiado em Manchel (Espanha) por causa de crimes de que o acusavam na alçada que viera cá nesse tempo e teve o sogro de fazer despesas grandes para o livrar. Mas a 17 de Outubro já estava nesta vila. Nesse mesmo dia fez ele o primeiro arrendamento da sua Horta Nova das Pedreiras em Bencatel, que é a quinta do Mascarenhas ou da Madre de Deus, engrandecida posteriormente pelo seu neto Pedro Mascarenhas da Gama.

Faleceu nesta vila em 29 de Janeiro de 1630 e jaz agora em Santo Agostinho, em cuja capela de S. Nicolau estão a sua sepultura e as dos seus herdeiros.

Era filho de Pedro de Mascarenhas, paroquiano de S. Bartolomeu e morador na Corredoura quase ao fundo. Julgo-o neto de Vasco Mascarenhas, de Monte mor-o-Novo, reposteiro-mor do Príncipe D. João, e de sua mulher D. Maria de Mendonça.

Em Setembro de 1600 assistiu a Misericórdia no enterro de uma D. Leonor Mascarenhas que levava pertencer a esta família.

FERNÃO MARTINS MASCARENHAS DA GAMA

Filho de Pedro Mascarenhas da Gama, casou em Evora com D. Maria Madalena Clara e Vasconcelos de Brito e lá viveu quase sempre.

Morava cá em 1723. Morou por intervalos nesta vila e vinha cá de tempos a tempos.

Era Moço Fidalgo da Casa Real.

Faleceu em 1741 e sucedeu-lhe nos morgados o seu sobrinho Jorge de Mesquita por ele não deixar descendência.

FERNANDO MERGULHÃO

Vivia no princípio do século XVII.

De uma certidão que se conserva no cartório dos Silveiras, passada em Colombo (Ceilão) a 16 de Novembro de 1618 por D. Nuno Alvares Pereira, Capitão Geral de Ceilão, consta que serviu à sua custa contra o régulo Nicape - trabandar, a quem ajudavam os Reis de Cúdia e Jafapatão, na campanha que se concluiu pela paz celebrada a 17 de Agosto de 1617.

Depois de narrar as peripécias desta guerra, acrescenta o Capitão General: "E porque Fernão Mergulhão, estando nesta cidade de Colombo sem ter obrigação alguma, a esta conquista se achou de sua livre vontade em todo o acima dito, e ser um dos que mais se avantajavam neste levantamento andado sempre na dianteira, fazendo a sua obrigação como dele se esperava, e certifico servir à sua custa, assistindo o mais tempo na malicana até 15 de Novembro da era de 1618 anos; e por me pedir a presente justificação, etc".

Em 1634 era morador em Ceilão conforme consta de uma procuração que lhe deu Diogo da Silveira Caldeira para lhe arrecadar os bens de seu defunto irmão Pedro Mendes da Silveira (Notas).

Creio ser irmão de D. Helena Cepa de Moraes, que casou com Diogo da Silveira Caldeira (razão por que se conserva este documento na casa dos Silveiras) e do Padre António Cepa Mergulhão (veja-se).

DR. FERNANDO DE MORAIS

Este Doutor em Leis vivia no século XVI e teve dois filhos doutores como o pai chamados Alvaro de Moraes e Gomes de Moraes (vejam-se).

Todos de Vila Viçosa, onde são muito antigos os Moraes, segundo o autor do Parnaso da mesma vila.

Foi casado com Violante Vaz.

Em 11 de Junho de 1524 doou à Misericórdia um quintal na rua de Três que partia com o Hospital do Espírito Santo e com o quintal de Afonso da Guarda e que ele comprara ao Padre Jerónimo Fernandes e sua irmã Guiomar Fernandes por 7\$000 réis.

FERNANDO DE MOURA

Capitão, já falecido em 1744.

Vivia a sua viúva, D. Maria Madalena Semedo e uma sua filha casada com Lourenço de Torres Penalvo.

FERNÃO NUNES DO TOURO

Serviu na Guerra da Restauração da Monarquia com cavalo seu pertencendo à Companhia dos Auxiliares criada em 1644.

Foi Vereador em 1661.

Em 1646 era casado com Maria Bernarda e em 1654 com Isabel da Cunha.

Em 1671 era viúvo e morava no Alandroal.

FERNÃO PEREIRA 1º

Em 1471 era Camareiro-mor do Duque D. Fernando II (História Genealógica, Tomo VI, pág. 659).

FERNÃO PEREIRA 2º

Este era Trinchante do Duque D. Teodósio I.

Teve a Comenda de S. Pedro de Babe e faleceu perto do ano de 1560 (História Genealógica, Tomo VI, págs. 69 e 81).

FERNANDO PEREIRA DE BRITO

Foi Fidalgo da Casa Real, Comendador da Ordem de Cristo, etc.

Nasceu nesta vila em 1640, sendo seus pais Salvador de Brito Pereira 2º (veja-se) e D. Brites da Fonseca e portanto irmão de Cristóvão de Brito 4º, morto na batalha do Ameixial, e do Beato João de Brito.

Sucedeu a seu pai na varonia e pelos serviços dele e de seu irmão Cristóvão de Brito 4º teve a Alcaidaria-mor de Alter do Chão e a Comenda de Santa Maria de Monforte.

Casou com D. Maria de Brito, filha de João de Pinho e de Páscoa de Figueiredo, de quem teve a Cristóvão de Brito 5º, morto no socorro de Mombaça; João de Brito, que lhe sucedeu na Comenda e vivia em 1707; e mais três, no meados todos na Corografia Portuguesa, Tomo II, pág. 519, de onde extraio estas notícias.

Uma irmã sua, D. Luísa Pereira, casou com D. João de la Cueva y Mendoza e dela procedeu D. Fernando de la Cueva que julgo ser pai do Padre D. Luís de la Cueva y Mendoza que serviu as nossas Igrejas na segunda metade do século passado.

Fernando Pereira de Brito, segundo parece, viveu na Corte de Lisboa porquanto não acho memória dele nos arquivos da nossa vila.

Foi escritor e por isso encontra-se o seu nome no Dicionário Bibliográfico de Inocência Francisco da Silva.

Escreveu a "História do nascimento, vida e martírio do Venerável Padre João de Brito, etc." impressa em Coimbra no ano de 1722 por diligências do seu sobrinho D. Fernando de la Cueva y Mendoza: obra de que se fez uma segunda edição em 1852 com alguns aditamentos por António José de Figueiredo.

Escreveu também a "Arte directiva para a educação de filhos ingénuos, que em vinte e dois dictames católicos, políticos e morais, instruí os pais de família", exposta numa carta dirigida a seu filho Cristóvão Pereira de Brito (o 4º). Foi impressa em Lisboa sem a designação do impressor.

Ainda era vivo em 1702.

FERNANDO RODRIGUES DE BRITO PEREIRA 1º

Para bem se conhecer a linhagem destes Britos Pereiras e Sosas de Brito, pode ver-se o artigo de Fernando Rodrigues Pereira, seu tronco, em cujo artigo ponho a série de toda a sua descendência.

Fernão Rodrigues de Brito Pereira 1º era filho de Cristóvão de Brito Pereira 1º e de sua mulher D. Ana de Sousa, filha de Sebastião de Sousa.

Foi Fidalgo da Casa do Duque D. João I, onde teve os officios de Veador e Caçador-mor. Sucedeu a seu pai na Comenda de Castelãos e teve também a de S. Pedro de Macedo.

Casou a primeira vez com D. Madalena de Castro, falecida em 1570, da qual houve a Cristóvão de Brito Pereira 2º que lhe succedeu na varonia e três filhas que professaram no Convento da Esperança (veja-se Maria da Conceição).

Casou a segunda vez com D. Guiomar de Castro, filha de Heitor de Figueiredo (veja-se), da qual teve a Heitor de Brito de Figueiredo.

Acompanhando o Duque de Barcelos na infeliz jornada de Africa, ali succumbiu na batalha de Alcácer-Quibir a 4 de Agosto de 1578.

(Corografia Portuguesa, Tomo II, pág. 518; Crónica Seráfica, Tomo IV, pág. 130; História Genealógica, Tomo VI, pág. 309; Parnaso de Vila Viçosa, L. 2. cap. 33; Livro de família dos Sosas).

FERNÃO RODRIGUES DE BRITO PEREIRA 2º

Neto do antecedente como filho de seu filho Cristóvão de Brito Pereira 2º e de sua mulher D. Luísa de Brito.

Sendo o filho mais velho, succedeu a seu pai na Comenda de Castelãos e na Alcaidaria-mor de Monsaraz.

Foi Camareiro-mor do Duque D. João II, figurando por isso no seu casamento e festejos do mesmo (1633).

Não acompanhou o mesmo Duque para Lisboa em 3 de Dezembro de 1640 por estar doente. Porém mandou em seu lugar o seu filho Cristóvão de Brito Perei-

ra 3º e a 7 do dito Dezembro assistiu à aclamação dele como Rei na nossa vila por convite da Câmara levando o estandarte Real e montado num cavalo.

Depois disso não mais deparo com notícias suas. Talvez emigrasse para Lisboa, seguindo a Corte, e que lá falecesse.

Casou com D. Lucrecia de Castro Corte Real, filha de Cristóvão Borges Corte Real e de D. Joana de Castro, esta filha de Jorge Cabral que foi Governador da India (Corografia Portuguesa, Tomo II, pág. 519 e História Genealógica, etc.)

Foi Vereador em 1623, 1627, 1634 e 1638.

Em 1625 arrendou por 160\$000 réis anuais as fazendas que tinha na Covilhã pertencentes ao dote de sua mulher (Notas) e em 1638 idem.

FERNÃO RODRIGUES DE BRITO PEREIRA 3º

Era neto do precedente como filho de Cristóvão de Brito Pereira 3º e de sua mulher D. Paula Maria de Menezes e Vilhena. Creio que já nascido quando seu pai tornou a fixar o seu domicílio em Vila Viçosa, pois não lhe encontro o assento de baptismo.

Sucedendo a seu pai na varonia dos Britos Pereiras, teve as Comendas que ele herdou e adquiriu pelos seus serviços. Era Capitão de Infantaria em 1665.

Casou com a sua prima D. Antónia Teodora de Moura Manuel, viúva de Gonçalo da Costa Menezes, e filha de Rui de Moura Manuel e de D. Luísa Maria de Távora, de quem não teve descendência. E como não a tiveram igualmente os seus irmãos, secou nele o primeiro ramo dos Britos Pereiras, ficando aliás a varonia no seu primo Fernando Pereira de Brito e nos Sousas da rua de Santa Luzia, de que foi tronco Pedro de Sousa de Brito 1º (veja-se).

Vivia em Vila Viçosa em 1673 e era ministro da Ordem Terceira, Juiz da Irmandade das Almas em 1684, etc. e ainda nesse mesmo ano Juiz do Santíssimo de S. Bartolomeu.

Em 1697 estava já em Lisboa e não mais voltou.

Em 1699 vendeu pelo seu procurador as casas nobres que tinha detrás da Fonte Pequena por 3 401\$600 réis. Comprou-lhas Francisco de Abreu Coelho Tojo. Foi a sua despedida.

Vivia em 1704 e fez arrendamento da Alcaidaria-mor de Monsaraz por três anos a 40\$000 réis, duas marrãs gordas, doze queijos de ovelha e doze melões de inverno.

Houve uma filha bastarda que se chamou D. Catarina Teresa e professou no Convento da Esperança desta vila.

FERNÃO RODRIGUES DE MORAIS

Era Capitão de Comarca no Alentejo em tempo do Condestável D. Nuno Alvares Pereira.

Deu três combates contra Elvas e o seu Alcaide-mor Fernão Pereira que se declarara por Castela contra o Mestre de Aviz em 1383, mas ficou morto no terceiro. Gozava da reputação de ser um dos mais valentes cavaleiros do seu tempo.

Esta noticia é do Parnaso de Vila Viçosa (L. 2, cap. 42), cujo autor, Francisco de Moraes Sardinha, se dá por parente dele.

FERNÃO RODRIGUES PEREIRA

Tronco dos Britos Pereiras e Sosas de Brito da nossa terra.

Chamavam-lhe "o Pássaro" por ser muito hábil dançador, mas também era sa-gaz e astuto como o pinta Inácio Pizarro de Moraes Sarmiento num romancezi-nho composto em 1838 e publicado primeiramente avulso pela Tipografia Por-tuense e logo depois no Tomo I do Romanceiro do mesmo Pizarro. Faz objecto daquelle poemeto uma viagem de Fernão Rodrigues a Portugal empreendida por determinação dos Reis Católicos para saberem noticias da Duquesa de Bragan-ça e outras pessoas, para quem trazia cartas. Sendo, porém, colhido ao pé de Évora pelos agentes de El-Rei D. João II, engoliu as ditas cartas para ninguém saber o seu conteúdo.

Mas esclareçamos a sua biografia primeiro.

O Pássaro era filho de Francisco Rodrigues Pereira, criado do Infante D. Fernando (irmão de El-Rei D. Afonso V), e de sua mulher D. Simoa Tavares e neto de João Rodrigues Pereira, dos Pereiras da Taipa, criado do Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Pereira (de quem era parente) e de D. Genebra Va-lente.

Assim, quando o Duque D. Fernando II casou com D. Isabel, filha do sobre-dito Infante D. Fernando e irmã de El-Rei D. Manuel no ano de 1472, veio Fernando Rodrigues para Vila Viçosa com o officio de Veador da sobredita Du-quesa. Por isso mesmo, quando em 1483 foi preso em Évora o Duque D. Fernan-do II, a Duquesa o encarregou de levar para a Andaluzia todos os seus três

filhos varões, não fosse caso que El-Rei D. João II estendesse até eles a sua vingança. E lá ficou servindo-lhes de aio, às ordens do tio D. Alvaro de Portugal até que, sendo enviado a Portugal com uma comissão, foi apanhado pela polícia secreta daquele Rei. Apesar dos tratos que padeceu em Évora, nunca revelou os segredos de que era portador e por isso D. João II teve-o preso em todo o tempo do seu reinado mudando-o de Évora para Santarém, posto que algumas vezes saísse do cárcere com carta de fiança.

Era ainda solteiro e foi então que se enamorou de sua prima D. Helena de Brito Patalim, filha de Duarte de Brito Patalim, Alcaide-mor de Santarém, Comendador dos Castelões, com quem veio a casar adquirindo assim a dita Comenda que em 1707 rendia a bagatela de 1 300\$000 réis!

Subindo ao trono El-Rei D. Manuel em 1496, teve logo Fernão Rodrigues inteira liberdade e até o mesmo Rei o incumbiu de ir buscar à Andaluzia os Senhores D. Jaime e D. Dinis, seus sobrinhos e filhos do Duque de Bragança D. Fernando II, que eram os únicos vivos.

Atendendo aos serviços que prestara aos filhos do prescrito e à prisão de oito anos que padecera por amor deles e de sua mãe, El-Rei D. Manuel agraciou-o com uma tença de 20\$000 réis anuais. E o Duque D. Jaime foi-lhe também reconhecido, alcançando-lhe do seu Real tio o Hábito de Cristo, fazendo-o seu Camareiro-mor e nomeando-o até Regente do Ducado Brigantino quando em 1513 foi comandar a expedição de Azamor. A carta desta nomeação existe ainda no cartório dos Sousas da rua de Santa Luzia.⁽¹⁾ Além disso, deu-lhe as Alcaldarias-mores de Borba e Monforte.

Com a Comenda de Castelões houve o Pássaro também pelo seu casamento a de Parada em Santarém, o que me esquecia já de dizer.

Teve os seguintes filhos, nascidos todos em Vila Viçosa:

- Cristóvão de Brito Pereira 1º, que lhe sucedeu na varonia e com quem se continua adiante;
- Francisco Rodrigues Pereira, que faleceu solteiro, sendo Pagem da lanca do Duque D. Jaime (era o mais velho);
- Duarte Pereira de Brito, Comendador de Castelões por morte da sua mãe, que morreu sem casar e era o terceiro filho. Mas teve uma filha natu

(1) Diz assim: "Eu, Duque etc., mando a vós Senhores desta Vila Viçosa que tudo o que Fernão Rodrigues, meu camareiro, que ora aqui deixo com meus filhos, mandar da minha parte, por mim usa, o façais, nem pondeis dúvida alguma, por minha tornada a esta vila. Feito em Vila Viçosa, 8 de Julho corrente - Domingos Pereira o fez escrever em público. Eu, Duque, etc."

ral que foi freira no Convento da Santa Cruz com o nome de Helena do Paraíso (veja-se), no qual mudara o seu antigo de D. Helena de Brito.

- João Rodrigues Pereira, segundo filho, que faleceu solteiro na Índia sendo Capitão de um galeão em tempo do Governador Lopo Vaz de Sampaio, como refere Diogo de Couto (Dec. 4, L. 6, cap. 8), o qual acrescenta ser ele criado do Duque D. Jaime e seu camareiro-mor;
- D. Joana Pereira, que casou com Rui Vaz Pinto (veja-se);
- D. Cecília Pereira, que casou com D. Francisco de Eça (veja-se);
- E mais duas filhas, ambas freiras, uma no convento de Jesus de Aveiro e a outra no de Jesus de Setúbal, por não haver ainda em Vila Viçosa um convento de Religiosas montado em forma, o que se conseguiu depois. (Corografia Portuguesa, Tomo II, pág. 519; História Genealógica, Tomo XI e o Livro de Família dos Sousas de Brito).

Continuo, para mais clareza, com a descendência de Fernão Rodrigues Pereira, o Pássaro:

2. - Cristóvão de Brito Pereira 1º, seu quarto filho; foi quem lhe sucedeu na varonia. Casou com D. Ana de Sousa, filha de Sebastião de Sousa de Abreu e neta de Rui de Abreu, Alcaide-mor de Elvas, de quem teve a
 - Fernão Rodrigues de Brito Pereira 1º, que lhe sucedeu na casa;
 - Manuel Passanha de Brito, 1º Deão da Capela Ducal;
 - Cristóvão de Brito, que julgo ser o que militava na Índia em 1561;
 - Salvador de Brito 1º, que casou e teve descendência;
 - Pedro de Sousa de Brito, que foi o fundador da casa dos Sousas da rua de Santa Luzia e de cuja descendência tratarei no seu artigo ou biografia;
 - D. Filipa de Castro, que casou com João de Tovar Caminha (veja-se).

Do exposto resulta que esta família era somente Pereira por varonia, tomando de fêmeas os apelidos de Passanha, Brito e Sousa.

3. - Fernão Rodrigues de Brito 1º casou com D. Madalena de Castro, filha de Afonso Vaz Caminha (veja-se) e teve a:
- Cristóvão de Brito Pereira 2º, que lhe sucedeu na casa;
 - frei João de Brito, Graciano;
 - Afonso de Brito, que morreu menino;
 - E três filhas freiras no Convento da Esperança (veja-se Maria da Conceição).

Passando a segundas núpcias com D. Guiomar de Castro, filha de Heitor de Figueiredo, Alcaide-mor de Borba, teve a:

- Heitor de Brito de Figueiredo, que foi Maltês.

4. - Cristóvão de Brito Pereira 2º casou com sua prima D. Luísa de Brito, filha de seu tio Salvador de Brito 1º, e teve a:
- Fernão Rodrigues de Brito Pereira, 2º, seu sucessor;
 - Salvador de Brito Pereira 2º, pai do Beato João de Brito;
 - D. Catarina de Brito, freira na Esperança com o nome de Catarina Baptista;
 - D. Cecília de Brito, idem, com o nome de Cecília dos Anjos;
 - D. Filipa de Brito, dama da Duquesa D. Luísa, nascida em 1604, idem, com o nome de Luísa Filipa;
 - D. Madalena, que nasceu em 1607.

Eram fregueses de S. Bartolomeu.

5. - Fernão Rodrigues de Brito Pereira 2º, Comendador de Castelãos, Alcaide-mor de Ourém, depois de Barcelos e ultimamente de Monsaraz, Camareiro-mor do Duque D. João II, casou com D. Lucrecia de Castro, filha de Cristóvão Borges Corte Real, Capitão-mor das naus da Índia, e herdeira da sua casa. Teve a
- Cristóvão de Brito Pereira 3º, o Governador do Castelo de Vila Viçosa em 1665 e
 - D. Joana de Castro.

6. - Cristóvão de Brito Pereira 3º (veja-se).

7. - Fernão Rodrigues de Brito Pereira 3º (veja-se).

Não teve descendência, mas houve uma bastarda que se chamava D. Catarina Teresa e foi Freira no Convento da Esperança desta vila.

Assim se extinguiu esta linha principal, ficando todavia subsistindo até agora a de Pedro de Sousa de Brito (veja-se).

FERNÃO DE SANDE

Em 1617 residia em Moura, casado com Maria Casqueiro, e tinha já em Évora um filho casado por nome João Casqueiro de Sande. Nesse ano doou com eles a sua irmã D. Jerónima, freira na Esperança, a herdade da Amieira, sita no termo de Estremoz, para sua tença (Notas).

Vereador em 1625 e 1629 (Livro 1 dos Registos da Câmara, fl. 145).

Já era casado em 1611 e nesse ano fez dote a sua filha Catarina de Pina para ser freira na Esperança.

Julgo que era filho de Rui de Sande de Vasconcelos.

Em 1692 tínhamos outro que foi padrinho de baptismo de António de Abreu Freire Lobo e, creio que, seu tio materno.

FREI FERNANDO DE SANTA MARIA

Irmão de Frei Francisco de Cristo, de quem adiante se falará.

Professou a regra de S. Domingos, em cuja Ordem, depois de ter sido Lente de Artes e ter recebido o grau de Bacharel em Teologia, foi mandado à Índia por Prelado ou Superior de uma Missão. E tanto se inflamou no zelo da conversão dos gentios do Reino de Cambaia e das ilhas de Solor e Endeú que conquistou a antonomasia de "varão apostólico".

Foi Prior no Convento de Goa e Vigário Geral da Congregação da Índia, cujos empregos exerceu com suma prudência e gravidade.

Na última doença, que se prolongou pelo espaço de seis meses, posto que desenganado pelos médicos afirmou que não havia de morrer até que chegasse do Reino o sucessor do lugar que ocupava. E tanto que aportou a Goa Frei Jerónimo de S. Tomás pediu a Extrema-Unção e faleceu pouco depois. Isto em Setembro de 1586, contando 70 anos de idade este nosso ilustre patricio.

Escreveu uma "Relação da vida e martírio glorioso do Padre Frei Jerónimo da Cruz" e a "História do Cerco de Goa", governando a Índia D. Luís de Ataíde: ambas as quais ficaram em manuscrito somente. Delas faz menção Nicolau António na sua, "Biblioteca Hispana".

Esta notícia é da Biblioteca Lusitana do Abade Barbosa.

FERNANDO SOARES HOMEM

A lição dos melhores clássicos Latinos e Gregos tornou este insigne varão num excelente preceptor das línguas Grega e Latina e o mais estimável discípulo da escola de João Vaseu (Espanhol).

A sua profunda ciência, suma piedade e conhecida nobreza fizeram-no digno de ser mestre do Duque D. Teodósio II, que deveu à doutrina de tão competente mentor os progressos que realizou em todas as artes liberais.

Compôs dois compêndios de gramática das sobreditas línguas e uma "Retórica Eclesiástica" para pregadores.

Seu filho, o Dr. Jerónimo Soares Homem, teve igual posição na Casa de Bragança, pois foi mestre de D. João II. Ambos eram Calipolenses.

Esta notícia é da Biblioteca Lusitana.

FERNÃO DE SOUSA 1º

Este, que é o primeiro para nós (por ser o primeiro que serviu os Duques de Bragança), vivia em tempo de El-Rei D. Afonso V.

Indo com este Rei na segunda vez que ele passou à África Setentrional, foi morto pelos Mouros no ano de 1464 quando igualmente pereceu D. Duarte de Menezes.

Já se vê, pois, que não nasceu em Vila Viçosa.

Casou com D. Mécia de Castro, filha de Alvaro Gonçalves de Ataíde (1º Conde de Atouguia) e de sua mulher D. Guiomar, filha de Pedro de Castro, se nhor do Cadaval. Foi senhor de Gouveia, assim como os seus sucessores. Teve seis filhos legítimos e três bastardos.

Sucedeu-lhe na casa seu segundo filho António de Sousa. Este casou com D. Branca de Coutinho, filha de Diogo de Azevedo, senhor de S. João de Rei, e de sua mulher D. Maria de Vilhena Coutinho, da raça dos primeiros Condes de Redondo: razão por que estes Sousas vieram a obter aquele condado. Teve um filho único: Fernão de Sousa 2º.

FERNÃO DE SOUSA 2º

Foi senhor de Gouveia e serviu a Casa de Bragança como seu pai e avô.

Casando com D. Filipa de Melo, filha de Duarte Peixoto, senhor de Penafiel, e de sua mulher D. Joana de Melo Sampaio, teve os seguintes filhos:

- Martim Afonso de Sousa, que lhe sucedeu na casa;
- António de Sousa, que morreu sem geração; e
- D. Branca de Sousa, freira no Mosteiro de Arouca.

Este Fernando vivia no tempo do Duque D. Teodósio I e talvez fosse o fundador do palácio junto à Fonte Pequena, solar destes Sousas, senhores de Gouveia.

Creio ser aquele mesmo que em 1537 foi a Diu com o Governador da Índia Nuno da Cunha, com o nome de Fernão de Sousa de Távora (?)

FERNÃO DE SOUSA 3º

Neto do antecedente como filho de seu filho Martim Afonso de Sousa 2º, Veador do Duque D. João I, nasceu em Vila Viçosa.

Depois de ser Moço Fidalgo do Cardeal Rei, tornou à sua pátria quando es te faleceu em 1580.

Sucedendo a seu pai na casa, foi senhor de Gouveia, Alcaide-mor de Monta legre, Comendador de Santa Maria de Biada na Ordem de Cristo e Veador da Ca sa do Duque D. Teodósio II.

Passando ao serviço da Coroa, foi nomeado em 1627 Governador e Capitão General do Reino de Angola. Creio que não viveu muito tempo depois disso.

Casou a primeira vez com a sua sobrinha D. Antónia de Lacerda, filha de D. Manuel de Lacerda e de D. Joana de Ataíde, de quem teve a Gonçalo de Sou sa que morreu sem geração. E, passando a segundas núpcias com D. Maria Ana de Castro, filha de D. Simão de Castro, senhor de Rezende e Boriz, teve a Tomé de Sousa que lhe sucedeu na casa; Diogo de Sousa, que foi Arcebispo de Evora; Simão de Sousa e Gaspar de Sousa, Maltezes; Martim Afonso de Sousa 3º, que foi para a Índia; D. Helena de Sousa e D. Joana de Castro, Freiras no mosteiro de Arouca.

Estas notfcias e as mais que tenho dado sobre estes Sousas são do Livro de Família dos Sousas da rua de Santa Luzia, principiado por Pedro de Sousa de Brito 1º.

Deste Fernão de Sousa 3º fala também a Biblioteca Lusitana dizendo-o au- tor do "Nobiliário das Famílias de Portugal", manuscrito, e a História Ge- nealógica no Tomo VI, pág. 654.

Em 1601 tinha uma tença de 80\$000 réis e sua mulher outra de 20\$000 por mercê do Rei D. Filipe II, assentes no Almojarifado de Elvas. Já então era dono da Faia de Baixo, Broa e Monte Branco, que depois vinculou em morgado (Notas).

Em 1608 arrendou as suas Comendas de Santa Maria de Biada e Santo André de Fiães do Rio por 270\$000 réis anuais, devendo esta quantia ser entregue a seu irmão Martim Afonso de Sousa, Abade em Tabuado, ou a quem indicasse o Comendador (Notas).

Em 1610 comprou por 220\$000 réis a Frei Heitor de Figueiredo a sua quin- ta de D. Antónia no caminho de Borba para o Redondo e Monsaraz. Vem a ser aquela quinta a que depois se chamou e chama ainda quinta do Barradas por estar lá vivendo Sebastião Barradas, feitor do mesmo Fernão de Sousa.

Em 1616 havia deixado o serviço da Casa de Bragança e morava em Évora. Por isso arrendou os baixos do seu palácio à Fonte Pequena para servirem de estalagem, como têm servido até hoje. Passou então ao serviço da Coroa Real.

Faleceu aí por 1627, segundo creio, pois estava então vaga por sua morte a Comenda de Santa Maria de Biada que passou assim a Vicente de Sousa de Távora.

FERNÃO DE SOUSA 4º

Neto do precedente como filho de seu filho Tomé de Sousa (veja-se).

Sucedeu-lhe na casa e, como ele, teve a Alcaidaria-mor de Vila Viçosa (10 de Março de 1655) sendo ainda de menor idade, por cuja razão figurou na tomada de posse o seu tutor e tio D. Diogo de Sousa, que veio a ser Arcebispo de Évora.

Casou com sua prima D. Luísa de Portugal, filha de D. Rodrigo Lobo, 1º Conde das Sarzedas, e de sua mulher D. Maria de Noronha, filha dos Condes de Linhares.

Por Alvará de 15 de Janeiro de 1650 foi nomeado Veador da Casa Real, dizendo El-Rei D. João IV que o fazia assim por atender "aos merecimentos de Tomé de Sousa, Veador da minha casa, etc., e principalmente aos que ele me fez depois da minha restituição à Coroa" (História Genealógica, Tomo VII, pág. 228). Também o foi em tempo de El-Rei D. Afonso VI.

Fernão de Sousa 4º (Coutinho Castelo Branco) assistiu em 1691 à trasladação do corpo da Rainha D. Luísa Francisca servindo o officio de Reposteiro-mor (Ibid. pág. 252).

El-Rei D. João V deu-lhe o título de Conde do Redondo (1º da 2ª série) por carta passada a 2 de Março de 1707.

Teve, entre outros filhos, Tomé de Sousa que lhe sucedeu na casa; foi Alcaide-mor de Vila Viçosa nesta família e 2º Conde do Redondo.

Como, porém, eram já nascidos em Lisboa, não mais nos ocuparemos desta geração.

FERNÃO VAZ CEPÁ

Casado com Francisca de Moraes, eram residentes em Borba no ano de 1637. Meteram duas filhas freiras na Santa Cruz chamadas Leonor de Moraes e Viglante Galvão e tinham um filho de maior idade chamado Gaspar Galvão Cepa. Deste procedeu o de baixo: Fernando Vaz Cepa.

Foi este quem vendeu ao Duque a herdade do Monte Branco em Val do Grou onde hoje está a albufeira (1638).

O neto, Fernão da Cepa, depois de ter passado a infância nesta vila por ter a mãe, D. Maria Castela, casado com Diogo Lopes de Carvalho, estava outra vez em Borba em 1692. Em 1694 era casado com D. Maria Teles.

FERNANDO VAZ CEPÁ

Era filho de Gaspar Galvão. Morava ultimamente em Borba onde faleceu sem descendência em Novembro de 1724.

Deixou os seus livros, que eram muitos, ao Convento do Bosque da mesma vila.

Possuía a capela instituída por Manuel Martins Cepa em que entravam as herdades Galvões do Lucifece e a terceira parte das Galvões da ribeira de Pardais. a herdade da Marmeleira de S. Romão e outros bens que deviam pertencer à Misericórdia na falta da sua linhagem, segundo vi no cartório da Misericórdia.

Em 1534 vivia um indivíduo deste nome que foi Irmão da Mesa da Misericórdia.

Em 1621 vivia outro em Lisboa que era irmão de João Mendes Cepa com o emprego de Almojarife do Duque na dízima do pescado (Notas).

FERNÃO DA VEIGA

Licenciado e abade da Barbosa, termo da vila de Monção, falecido em 1624. Era irmão de Nicolau da Veiga (Notas).

FERNÃO VELHO

Foi Veador da Duquesa D. Leonor de Gusmão e quem principalmente concorreu para a captura do adúltero António Alcoforado em 1512. Alguns o censuram por isso, mas se ele pudesse falar ainda, por certo que se defenderia provando que cumprira com o seu dever.

Gozava de grande prestígio na casa do Duque D. Jaime e tanto que sua filha D. Brites Velho foi aia de D. Teodósio I (História Genealógica, Tomo VI, pág. 3).

Parece que Fernão Velho era filho de João Velho que fora Secretário de D. Fernando I e irmão de Álvaro Velho que vivia em Évora.

A geração dos Velhos continuou na nossa vila onde tivemos posteriormente Tomé Álvares Velho (veja-se) e, se me não engano, aquele Dr. João Velho que foi Vigário Geral do Arcebispo D. Diogo de Sousa 2º em 1671.

D. FILIPA DE BRITO

Filha de Cristóvão de Brito Pereira.

Casou com o Alcaide-mor João de Tovar Caminha (1º) e ficaram-lhe duas filhas que professaram Freiras na Esperança com os nomes de Cecília da Madre de Deus e Madalena do Sepulcro.

Deixou a terça dos seus bens à Misericórdia por morte das suas filhas com a pensão de quatro, razão por que o seu testamento se encontra no Tombo 1º da Santa Casa.

Mandou sepultar-se em Santo Agostinho ao pé dos seus sogros. Testou em 20 de Maio de 1580 e faleceu nesse ano, de peste provavelmente.

Na terça dos seus bens veio a ficar a casa nobre do Adro de Santo Agostinho com vistas para o Terreiro do Paço, um Carrageal (à porta do Sol, hoje ocupado pelas fortificações e pouco mais).

Como, porém, seu marido, João de Tovar, passasse a segundas núpcias e reedificasse as casas nobres cuja parede estava fendida fazendo nisto largo dispêndio, quis negociar com a Misericórdia a subrogação da terça por um ca

pital em dinheiro ou géneros a fim de lhe ficarem livres as casas. E assim se efectuou em 1601 concordando os gerentes da Misericórdia em receberem 350\$000 réis, obrigando-se ele a dar às filhas as tenças de 6\$000 réis a cada uma que estavam percebendo conforme a disposição da sua mãe.

D. FILIPA DA CONCEIÇÃO

Filha de Pedro de Sousa de Brito 1º (veja-se).

Depois de ser Dama da Duquesa D. Catarina com o nome de Filipa de Sousa, professou a regra de Santa Clara no Convento da Esperança da sua pátria com o nome sobredito de Conceição e faleceu ali em 1630 com 47 anos completos de idade e grande reputação de virtuosa e santa.

Esta notícia é da Crónica Seráfica da Província dos Algarves.

FILIFE DE ALMEIDA FIGUEIREDO

Foi Vereador em 1662 e 1669.

Era filho de António de Figueiredo e Almeida.

Casado com D. Leonor de Pina, de quem houve uma filha de nome D. Guiomar de Betancor. Esta foi dotada por seus pais em 8 de Janeiro de 1659 para casar com Gaspar Gonçalves.

Era senhor da herdade dos Cansados no termo de Juromenha.

FILIFE ANTUNES GONÇALVES

Era filho de Francisco Antunes, Major reformado, e de D. Jacinta Maria Rosa.

Seguiu a carreira das armas como seu pai, mas logo desde sargento passou à classe inactiva com o exercício de Administrador da Real Tapada.

Nesta posição é que se tornou verdadeiramente notável.

Quem olha para aqueles renques de azinheiras plantadas ao longo da estrada que da porta principal conduz ao Paço da mesma Tapada e outras mais plantações florestais dispostas em esquadria por vários sítios, diz ainda com admiração: - *É obra do Capitão Filipe!*

No Pinhal de El-Rei, ao oriente da vila, cuja administração tem sempre andado unida à da Tapada Real, semeou ele em 1815 a floresta nova que está por detrás da casa do couteiro. E outro tanto praticou na Tapada para as

ressarcir dos grandes cortes de pinho feitos durante os cercos de Badajoz para pontes de barcas sobre o Guadiana, barracas e obras de entrincheiramento.

Com efeito, não houve nem pode haver naquele parque soberbo um administrador mais laborioso nem mais económico e limpo de mãos do que ele. Era pobre e morreu pobre, deixando a sua filha por única herança o prédio de casas em que morava. Todos os dias se montava no seu bucéfalo e se punha de marcha para a Tapada a fim de fiscalizar os trabalhos e prover a todas as ocorrências, com tanto zelo como se a Tapada fôra propriedade sua.

Em prova deste zelo bastará recordar um exemplo que ainda se refere e é o seguinte. Era permitido a cada couteiro cevar uma cabeça de gado suíno engordando-a com landes e não com bolotas; e porque estas são de melhor qualidade, não duvidavam os couteiros, no meio de tanta abundância, em substituir as landes pelas bolotas, pois o Capitão revistava-lhes os chiqueiros para verificar se as cascas eram de umas ou de outras e puni-los por tal variação.

Quanto à matança de cabeças de gado grosso (veado, gamos e javalis), era difficilimo fazerem a "sua machadinha" (como sempre têm feito, segundo é voz e fama) porque ele revistava-lhes as moradias com todo o escrúpulo e nunca jamais fez presentes a pessoa alguma de lenha ou frutos daquele prédio, dizendo: - *Isto não é meu, é de Sua Majestade.*

Ainda se conservava no posto de sargento 1º do Regimento de Infantaria nº 15 e o vencimento de um simples couteiro de cavalo quando em 1806 foi apresentado ao Príncipe Regente D. João nesta vila pelo Couteiro-mor D. Francisco de Almeida. Ao fazê-lo, disse este ao Príncipe: *Aqui tem Vossa Alteza Real o mais laborioso e mais fiel criado da Casa de Bragança. Era dantes claro de neve e tem-se feito preto, como azeviche, de trabalhar no vosso Real serviço!...* Advirta-se agora que a expressão claro de neve era uma simples antítese oratória empregada por D. Francisco de Almeida para fazer realçar o zelo e fadigas do seu subordinado, pois ele e suas irmãs foram por natureza de côr trigueira, altos e secos, dando-lhes até o povo a alcunha de pretos.

Não pôde o Príncipe regatear os louvores de que era digno o seu servo e que ele mesmo verificou serem bem merecidos, porquanto, passados poucos dias planeou a reedificação da capela-mor da sua Real Capela e, topando com a difficuldade mais ordinária de todas as obras que é a falta de dinheiro e chegando esse rumor às orelhas de Filipe, requereu este uma audiência do Prín-

cipe e diz-lhe que para recolher certos pequenos rendimentos da Tapada havia nomeado tesoureiro deles Luís António Tarana, proprietário e lavrador, e que nas suas mãos havia já algumas centenas de mil réis (de cortiça para queimar, de lenha, melancias, melões, pêssegos, etc.). D. João, acolhendo esta notícia, fica boquiaberto e observa-lhe: - *Pois também a minha Tapada rende linheiro?... Em quê?* Então Filipe explica-lhe a procedência das pequenas verbas com que fôra juntando aquela avultada soma. E Sua Alteza Real, reconhecendo a escrupulosa fidelidade e zelo do seu servo, não pôde recusar-lhe um abraço acompanhando-o com estas palavras: - *Esse criado mais fiel que tenho!*

Não quis todavia o Príncipe aproveitar-se deste dinheiro dizendo que se guardasse para o Senhor Duque de Barcelos e de Bragança (D. Pedro IV). E fez (dizem) a obra do seu bolsinho particular, antes e depois da guerra dos Franceses, se bem que pertencesse à Casa de Bragança.

Naquela comissão continuou Filipe Antunes toda a vida com grande satisfação de El-Rei D. João VI e teve acessos até ao posto de Capitão ajudante da praça de Serpa: posto igual ao que tivera seu pai na de Vila Viçosa. Por isso às suas irmãs (que morreram solteiras) chamavam nesta vila "as Ajudantas".

Não sendo suficiente o ordenado que vencia por Decreto de 30 de Julho de 1806, D. João VI lho acrescentou por outro de 27 de Maio de 1811 mandando -lhe dar o dobro do que venciam os couteiros de cavalo, isto é, 80\$000 réis em dinheiro, 160 alqueires de trigo, 6 moios de cevada e 8 alqueires de azeite (Livro 7 dos Registos da Câmara, fl. 21 v.). Foi então que pôde economizar o preço por que comprou as casas da rua de Santa Luzia, deixando de morar em casas de alugar.

Faleceu em 28 de Janeiro de 1826.

Casara com D. Isabel Antónia, de quem teve a D. Ana Vitória. Esta casou em vida do pai com António Revez Pereira, mas não teve descendência.

D. FILIPE DE BRAGANÇA

Filho do Duque D. João I e de sua mulher D. Catarina. O seu nascimento foi a 17 de Novembro de 1581 e quando o baptizaram teve por padrinho El-Rei D. Filipe Prudente, representado por D. Rodrigo de Lencastre, seu Mordomomor (o qual jaz no cruzeiro da Igreja de Santo Agostinho).

Teve as Comendas de Nossa Senhora de Moreiras e de S. Pedro de Monsaraz,

em que o apresentou seu irmão D. Teodósio II; e, para as possuir, foi arma do Cavaleiro na Capela Ducal no 1º de Novembro de 1588 e a 25 recebeu o Hábito de Cristo na Igreja das Chagas: tudo com a pompa do ceremonial. Teve depois outras Comendas que lhe deu Filipe III de Castela em 1600 por morte do sobredito D. Rodrigo de Lencastre.

Em 1596, quando casou seu irmão D. Duarte, fez uma viagem a Castela para visitar também a sua irmã D. Serafina, casada no mesmo reino.

Faleceu na sua pátria sem tomar estado a 27 de Setembro de 1608 quando ainda era viva sua mãe. Contudo fez testamento que se encontra no Tomo 4º das Provas da História Genealógica.

Cinco anos antes brilhara muito nas festas do casamento do Duque seu irmão (História Genealógica, Tomo VI, págs. 253 e seguintes).

Foi sepultado em Santo Agostinho e jazem agora os seus ossos no túmulo do cruzeiro que está ao pé do altar da Senhora da Graça.

FILIFE FRANCO

Procurador do Concelho em 1595 (Notas).

FILIFE LOPES MADURO

Era Procurador do povo com Gervásio Pereira Borges em 1766 e representaram ambos a El-Rei D. José em 12 de Março contra o arrancamento das vinhas decretado pelo Marquês de Pombal. Creio que obtiveram despacho favorável.

Casou na Matriz em 1750 com Helena Paula, natural de Aviz, sendo já viúvo de Camila Maria. Era Calipolense natural de Bencatel.

Mudando o seu domicílio para a paróquia de S. Bartolomeu, teve em 1755 a Luís Lopes Maduro de que procedeu José Lopes Maduro e deste Joaquim Maduro - todos carpinteiros nos nossos dias. Joaquim, falecido em 1892, só deixou uma filha.

FREI FILIFE DA LUZ

Excelente orador sagrado, muito conhecedor da língua portuguesa.

Era natural de Lisboa, mas faleceu nesta vila (diz Simão Dias no seu "Curso elementar de Literatura Portuguesa", pág. 230).

E provável que fosse Capucho.

FILIPE VIRGINIO RAMOS

Escrivão da Correição em 1762.

FRADIQUE LOPES DE SOUSA

Era Fidalgo da Casa de Bragança em 1633 e como tal assistiu ao casamento do Duque D. João II em Elvas indo no coche do seu irmão Rui Lopes de Sousa com a sua cunhada D. Paula por sua mulher D. Filipa estar ausente desta vila.

Tinha o senhorio de Vouzela.

Assim o diz Cadornega na sua Descrição de Vila Viçosa.

Em 1636 fez-lhe o Duque mercê da Comenda de Santa Maria de Gens Mundi que vagara pela renúncia de D. Francisco de Sousa Coutinho.

Esta gente era adventícia na nossa vila e vinham formar a nova Corte do Duque D. João II.

D. FRADIQUE DE PORTUGAL

Filho de D. Afonso de Bragança, Conde de Faro, e neto do 2º Duque de Bragança D. Fernando I.

Como acompanhasse seu pai na emigração ou fuga para Castela em 1483, lá se deixou ficar. E, seguindo a vida eclesiástica, deram-lhe sucessivamente as mitras de Bispo de Calahorra, Segóvia e Sigença e de Arcebispo de Saragoça de que tomou posse a 12 de Abril de 1532. Também foi Vice-Rei da Catalunha. Mandou que o sepultassem na Sé de Sigença. (História Genealógica, Tomo IX, pág. 136 e Mem. da Academia Real de História Portuguesa, Tomo V, pág. 144 do Catálogo de Prelados que tiveram dioceses fora de Portugal).

Tenho-o por nosso patricio enquanto me não provarem que o não é.

D. FRANCISCA DE NORONHA

Era filha de João de Melo e de D. Isabel de Noronha.

Já vivia em Vila Viçosa no ano de 1588 quando seu marido casou pela primeira vez. Dá nesse ano procuração para receber 30\$000 réis da Comenda de S. Tomé de Travassos que fôra de seu pai (Notas).

Era de Elvas? Veio para casa de Rui de Sousa Pereira por ser sobrinha

da sua primeira mulher D. Mécia.

Fundou no Convento da Santa Cruz duas capelas de missa quotidiana administradas pela Misericórdia e fixas na capela de Nossa Senhora dos Prazeres do dito Convento que ela comprou às freiras por 40\$000 réis em 1649, sendo viúva de Rui de Sousa Pereira (veja-se este nome).

Faleceu a 5 de Janeiro de 1652 e jaz na dita capela com seu marido, a quem sobreviveu muitos anos.

O seu testamento acha-se registado no tomo 3º da Misericórdia a fls. 9. Dele se vê que a casa de Rui de Sousa era muito opulenta em bens de raiz e móveis. Além de instituir as duas capelas de missa quotidiana que ultimamente estavam reduzidas a uma só, deixou a Vicente de Sousa de Távora, sobrinho do seu marido, as herdades de Santa Luzia; a Pedro de Sousa de Brito um quinhão na herdade da Lentisca; a Mariquita, filha natural de Álvaro de Miranda Henriques, por ela criada em sua casa, uma pensão de 40\$000 réis anuais para ser freira, como o foi na Santa Cruz com o nome de Leonor de Deus; ao hospital "dos males" deixou bens; aos Jesuítas, cinco alqueires de azeite para a lâmpada do Sacramento; às suas criadas Catarina Maria e Sebastiana dos Reis bens de raiz, móveis e até alfaias de ouro e prata para se poder sustentar cada uma independentemente; a seu sobrinho João de Melo Pereira 100\$000 réis para um cavalo; vestidos de ló a todos os seus criados, etc.

Tinha em casa muitas alfaias de prata, ricas alcatifas e entre elas uma que lhe servia na Igreja e que as criadas lhe levavam para ela pousar. Apenas ordenou que comprassem uma lâmpada de prata de 80 a 90\$000 réis para a capela dos Prazeres porque o mais - lavanda, cálice, galhetas, castiçais - tinha ela em casa com abundância.

Segundo parece, Rui de Sousa deixou os seus bens a D. Francisca, encarregando-a de contemplar ela por sua morte os seus parentes Sousas.

Mandou sepultar-se na dita capela amortalhada nos hábitos de Santa Clara e S. Francisco e metida num caixão forrado de veludo, acompanhada por cinquenta pobres com tochas e por todas as irmandades da vila.

Foram testamenteiros o prepósito dos Jesuítas e o provedor da Misericórdia.

As casas da sua residência eram na rua dos Fidalgos fazendo esquina para a travessa da Amoreira.

As quintas dos Paços e dos Patinhos em Pardais eram suas e ficaram na dotação da Capela, assim como as casas da sua residência.

FRANCISCA SERRÃO

Instituiu no ano de 1659 no Convento de S. Paulo uma capela de vinte missas por ano administrada pelos Frades e dotada com um olival detrás do convento, umas casas na rua de António Homem e um cerrado ao Paul. E ratificou esta instituição em 1666.

FRANCISCO DE ABREU COELHO 1º

Filho de Gonçalo Gomes Coelho.

Contratou-se em 21 de Novembro de 1603 para servir o Duque no foro de moço da sua câmara, tendo então 20 anos (Notas).

Foi Fidalgo do Duque D. Teodósio II e seu testamenteiro (História Genealógica, Tomo VI, pág. 521).

Tesoureiro da Misericórdia em 1620-21. Juiz da Confraria de Nossa Senhora da Conceição em 1624 e em 1634 (Notas).

Em 1626 era casado com D. Antónia de Sande, e Comendador.

Dono do lagar da Carreira das Nogueiras por baixo do lagar do Duque.

Em 1639 arrendou por 120\$000 réis a sua Comenda de S. Romão de Monsaraz.

Era já falecido em 1648. Deixou a D. Mariana de Abreu Coelho que casou com António de Abreu de Góis e outra filha chamada D. Antónia.

Era Comendador da Ordem de Cristo e foi Vereador em 1643 e 1647.

FRANCISCO DE ABREU COELHO 2º

Neto materno do precedente como filho de sua filha D. Mariana de Sande, casada com António de Abreu de Góis (veja-se).

Casou em 30 de Junho de 1680 na Freguesia de S. Bartolomeu com D. Luísa da Guerra, de Elvas, e tiveram a António de Abreu Freire Lobo, o instituidor da Capela das Freiras Pobres e a D. Mariana Clara de Vasconcelos Corte Real que casou com Inácio de Melo e Sousa, filho do Dr. Pedro Ferreira de Andrade e de D. Serafina de Sousa Carvalho, de Borba.

Nunca foi Vereador.

Era falecido em 1710. A sua viúva dotou no dito ano a sua filha D. Mariana Clara Freire Corte Real para casar com Inácio de Melo, de Borba, com a terça do seu avô Bernardim Freire Pereira em capela de livre nomeação com reserva do usufruto para si, excepto a Herdade das Areias no termo de Juro-

menha, que logo lhes largava. Havendo filhos, largava-lhes os dois prédios dos seis de que se compunha a capela, e bem assim a Herdade dos Tições, que era de morgado, em sua vida; e por sua morte o que competisse.

Em 1699 comprou Francisco de Abreu Coelho por 3 401\$600 réis as duas moradas de casas nobres detrás da Fonte Pequena a Fernão Roiz de Brito Pereira 3º.

FRANCISCO DE ABREU DA COSTA

Em 24 de Setembro de 1661 foi eleito Capitão de Ordenanças e serviu o cargo de Vereador em 1699.

Casou em S. Bartolomeu no ano de 1661 com Leonor de Faria.

Um deste nome, sendo aluno distinto do Colégio dos Reis em 1628 e de menor idade ainda, foi mandado pelo Duque estudar em Madrid o officio de organista com obrigação de ficar servindo a sua capela, como se obrigou por escritura de 9 de Março em que outorgaram o Juiz e o Curador dos Orfãos.

FRANCISCO DE ABREU SARGA

Organista da Capela Real em 1654, casado com Joana Mendes.

FRANCISCO DE ABREU VASCONCELOS

Era Moço Fidalgo da Casa Real. Sendo eleito Vereador para o ano de 1650, pediu escusa deste cargo por estar servindo na campanha em tropa da primeira linha e foi atendido. E o que consta do livro das Vereações daquelle ano.

Dono da horta do Cano em 1651 e da herdade do Rego e das Tapadas no termo da Arengosa em 1656.

Provedor da Misericórdia em 1654-55.

Do Tombo 3º da Misericórdia consta que fôra escrivão da mesa em 1659-60.

Em 1665 morava em Portel, provavelmente por causa da guerra.

D. FRANCISCO DE ALMEIDA

Filho de D. Luís de Almeida e de D. Maria Corte Real de Melo e Castro, foi baptizado na Matriz em 1686, sendo seu padrinho Pedro de Melo de Castro que veio a ser segundo Conde das Galveias.

FRANCISCO ANACLETO MACHADO VIEIRA PRIMOROSO

Natural desta vila e filho de Francisco Lopes de Torres e de Maria Madalena Vieira Primoroso.

Seguindo a carreira das letras, graduou-se Bacharel em Leis pela Universidade de Coimbra.

Em 1771 era Fiscal da Junta das Décimas de toda a nossa comarca. Dez anos depois começou a servir de Síndico da Câmara, officiosamente, em vez do Dr. Diogo Pais Lobo e, falecido este (1784), teve o dito cargo de propriedade.

Em 1759 doou-lhe sua tia Maria Antónia Vieira uns prédios para lhe servir de património a fim de se ordenar, com obrigação de a sustentar em sua casa ou dar-lhe 10\$000 réis anualmente. Mas ele não se ordenou.

Faleceu em 5 de Maio de 1814 e teve sepultura em S. Paulo.

Vivia na rua de Frei Manuel em companhia de uma irmã que lhe sobreviveu habitando o prédio que ele melhorou.

Nunca tomou estado.

FRANCISCO DE ANDRADE E OLIVEIRA

Licenciado e Padre, filho de Clemente de Oliveira.

Em 1660 foi imposta a pena de suspensão de ordenação por um ano ao estudante Francisco de Andrade, natural de Vila Viçosa, pelo crime de escalar o recolhimento das Convertidas de Évora e tirar de lá uma mulher (Arquivo Eborense nº 3).

FRANCISCO ANTÓNIO

A respeito deste indivíduo (com tão singelo nome) consta dos assentos de entradas para o Colégio dos Reis que era natural desta vila; que entrou para o dito Colégio em 19 de Novembro de 1715; e que, findo o seu curso, passou a exercer o lugar de cantor na Sé Ocidental de Lisboa, o que prova ter

saído excelente na arte que aprendera.

FRANCISCO ANTONIO DE ALMEIDA REIXA

Depois de ser artista com fábrica sua de curtumes aos Pelames (a melhor), elegeram-no Vereador por vezes depois da implantação do Governo Liberal (1836, 1837, 1838, 1842, 1843, 1848, 1849, 1854 e 1855) porque era tido como Liberal posto que não o fosse de raça genuína porquanto era bom homem e bom cristão.

Faleceu já depois de 1860.

Era celibatário e vivia junto com duas irmãs solteiras também na casa paterna do Terreiro de D. João, esquina da Carreira das Nogueiras.

Vivia um deste nome em 1804.

Era filho de José Roiz Reixa e de Inês Joaquina e irmão de José A. de Almeida Reixa.

FRANCISCO ANTONIO CRAVO

Sendo eleito Vereador aí por 1850 com poucos votos, não foi proclamado efectivo. Porém depois, dando-se vagas, lá foi sentar-se algumas vezes nas cadeiras do Senado: razão por que inscrevo aqui o seu nome.

Quando, porém, se não desse tal circunstância, ficaria bem neste lugar ainda assim o nome de Francisco António Cravo como tipo de um verdadeiro homem de bem e cristão às direitas como eu tenho conhecido poucos, mormente do sexo masculino. Por isso mesmo, quando no primeiro aniversário do seu trânsito para melhor vida fui, por convite, assistir a um officio fúnebre e benção do monumento que sua mulher fez levantar-lhe no cemitério da Matriz e contemplei aquele sinal do lugar do repouso dos seus restos mortais, estava dizendo para comigo mesmo: - *A ninguém talvez se erigisse um monumento sepulcral que mais o merecesse na nossa vila!*

E, com effeito, Francisco António Cravo não era desses cristãos de nome apenas que hoje estão compondo a maioria das nossas classes: era cristão na fé e nas obras, tendo as virtudes tologais e morais em grau eminente. Ele assistia profundamente comovido a todas as nossas festas religiosas como

quem punha acima de tudo os affectos para com Deus e seus santos. Era gerente e zelador de várias confrarias, como a de S. José e a do Santo Nome de Jesus. Foi muitas vezes Ministro da Ordem Terceira de S. Francisco, a cujos actos nunca faltava. Irmão do Santíssimo da Matriz e da maior parte das Irmandades e mordomias da nossa terra, não recusando nunca abrir a sua bolsa para contribuir para o culto divino ou quaisquer obras de piedade.

O cemitério da Matriz é obra sua e do seu irmão Barnabé Maria Cravo, pois conquanto subscrevessem para as obras muitos outros fregueses da Matriz, foram os dois que se constituíram em comissão declarando à Junta de Paróquia desde o principio que não queriam a intervenção civil e administrativa naquella fundação para que também de futuro não se pusessem taxas nos enterros dos seus comparoquianos. E assim o fizeram constar de uma lápide inscriçõ nária que meteram no muro do dito cemitério junto da sua porta.

Era proprietário e seareiro, tendo por isso parelhas de muares e criados e olhava pelos actos destes como se fossem filhos seus, não lhes consentindo que faltassem à oração quotidiana antes de se recolherem à noite, nem à missa nos dias de preceito. E porque as necessidades urgentes da agricultura, não havendo ultimamente missa de alva, exigiam que um criado faltasse à missa, ia ele ouvir por intenção dos criados uma ou duas, além da que era de sua particular obrigação.

Ele não queria saber de política: se lançava uma lista nas assembleias eleitorais, era somente porque pessoas amigas lho pediam por favor rogando-o com muitas instâncias, mas não era indifferente para com a política militante no Reino - a do Liberalismo. Essa arrancava-lhe lágrimas e suspiros profundos como quem via os destinos do país entregues nas mãos de hereges, indifferentistas ou ímpios...

Mas... sustarei a pena que me resvalou *ex-abundantia cordis* como ele fazia debulhando-se em lágrimas ao ouvir nos púlpitos os pregadores evangélicos ou assistindo a uma solene procissão.

O lugar aqui é de centenaes e portanto convém colher as velas para não nos distanciarmos tanto...

Francisco António Cravo nasceu na Matriz a 11 de Julho de 1796, tendo por pais João do Espírito Santo Cravo, natural do Alandroal onde ainda moravam em 1778, e sua mulher Ana Gertrudes da Lapa.

Os seus pais não eram nobres, porém pessoas honestas e cristãos práticos ocupando-se na agricultura como os filhos fizeram depois.

Casou com Luísa da Conceição Soeiro, da qual não teve descendência (nem de outra qualquer mulher como homem de costumes irrepreensíveis).

Faleceu em 11 de Abril de 1880 contando 83 anos de idade e com testamento para deixar à sua mulher o usufruto da sua metade e designar logo as heranças dos seus sobrinhos por morte dela. Esta vive ainda e diz-se que, por combinação feita com o marido, legará bens para se dar princípio na nossa vila a um Asilo de infância desvalida. Queira Deus se realize assim!

Francisco António Cravo pertencia à classe da burguesia ou ao que nós chamamos "homens de capa parda", mas tinha a sua casaca e fato de homem nobre para vestir em actos solenes ou de etiqueta, quando Vereador, Vogal da Junta de Paróquia, etc.

FRANCISCO ANTONIO FRANCO

Não faltarei à gratidão que é um sentimento generoso, nobre e sagrado esquecendo este prestantíssimo varão a quem eu devo o saber música, assim como outros muitos lho devem nesta vila e fora dela.

Francisco António Franco era filho único de pais pobres chamados Joaquim Domingues de Carvalho, "Patinha" de alcunha e almocreve, e de Antónia Luísa da Conceição, e nasceu nesta vila a 23 de Abril de 1796.

Admitido em 22 de Abril de 1804 no Colégio dos Reis ou Seminário por diligências do seu tio materno António Franco porque já era órfão de pai e mãe nessa curta idade, aperfeiçoou-se ali na instrução das Primeiras Letras; cursou o Latim, que sabia muito bem; e aprendeu música e canto-chão. Não cursou estudos de Harmonia ou Regras de Acompanhar (como então se dizia por que, tendo os dedos demasiadamente grossos, não prometia ser ágil no tracteio das teclas. E assim o Padre Galvão, Mestre da casa, não se ocupou em mais do que ensinar-lhe a tocar cravo (que era o instrumento ordinário do instituto).

Contudo a proficiência no canto era manifestamente grande e por isso deliberaram os seus superiores demorá-lo mais dois anos (além dos oito do estatuto) para alívio do Contramestre Francisco Peres, que servia já de Mestre efectivo de música. Estes serviços mereceram-lhe o lugar de cantor da Capela Real no quadro dos tenores e mais tarde a pensão vitalícia de um moio de trigo da Casa de Bragança que lhe fez El-Rei D. João VI.

Como não tivesse parentes próximos a quem chegar-se, tratou de se casar no ano de 1816 com Maria José da Rosa, filha de Francisco Nicolau da Rosa,

da qual houve uma filha (Maria do Carmo), que tomou estado mas não tem descendência.

Afecto do íntimo da alma à causa de D. Miguel I, já por convicção da sua legitimidade, já por conhecimento de que a nova ordem política do Liberalismo lhe trazia a perda do seu lugar na Capela Real e a pensão que usufruía, teve de sofrer graves dissabores vivendo homisiado nove anos depois que triunfou a causa do Imperador do Brasil. A maior parte destes anos passou ele no Alandroal. E como lá se achava arredio por igual motivo o Eborense Joaquim Maria Morte, deram ambos princípio à banda marcial ou filarmónica da mesma vila, a primeira que houve nestes nossos contornos.

Em 1843, serenada já a perseguição aos Miguelistas, voltou ele para a sua pátria. E porque não possuía bens ou rendimentos alguns, abriu escola de música e primeiras letras. Ora, como tinha sido fechado em 1833 o Colégio dos Reis, foi isto um grande benefício para a terra, tanto por haver escola de música franca por paga, como por ele ensinar gratuitamente a muitos discípulos (em cujo número entro eu). E ainda nesta escola se tornou mais útil porque Francisco Peres, o último professor do Colégio, se bem que mais habilitado, era insuportável pela sua aspereza para com os discípulos.

Francisco Franco, pelo contrário, ainda que homem de génio bastante, nasceu com vocação para o magistério, sendo activo e diligente, não menos que bom tratador. Contou discípulos às dezenas de ambos os sexos e deve-se a ele o não ter morrido para nós principalmente a música sacra.

Também foi compositor. Entre as suas obras figuram: uma missa a três vozes em Gsolrent; outra em Ilasabré; outra a quatro em Bfá - todas para órgão e instrumental; dois Te Deum a quatro; uns responsórios de defuntos a três; responsórios de Sexta-feira Santa a três para órgão e grandíssimo número de motetes.

Observarei que muitas outras obras correm hoje como suas sem ele o querer, sendo apenas plágios de obras do arquivo da Capela Real como, por exemplo, o Miserere a quatro. Esta e muitas outras composições foram arranjasdas por ele quando se faziam mister, porquanto na nossa vila havia quase unicamente o arquivo da Capela Real. E como esse arquivo estava nas mãos de Francisco Peres, só com o consentimento deste podiam haver-se às mãos (o que era difficilimo). Assim, pois, quando era preciso qualquer motete, recorria-se ao Franco e este, se tinha vagar, fazia uma composição original e se não, ajudado pela reminiscência, reproduzia músicas da Capela Real. Outro exemplo: salmos de vésperas de Nossa Senhora e outras festas. Tinha,

porém, a cautela de não se intular autor destas miscelâneas.

Fazendo agora a crítica das suas obras originaes, direi que não era perfeito na arte de compôr. Era o que ele mesmo inculcava: um curioso que fazia aquilo para que nunca se habilitara com os prévios conhecimentos de Harmonia, Melodia e Contraponto. E expresso-me assim unicamente por amor da verdade. Mais feliz, pude eu comprar obras com que levasse mais adiante os estudos que fiz sob a sua direcção.

Faleceu Francisco António Franco em Borba, ao amparo da sua filha, casada com o boticário João Maria dos Reis Manaças, em Janeiro de 1868 contando 72 anos de idade. Tinha soffrido em 1857 um insulto de apoplexia que lhe prendera a língua, um braço e uma perna. Porém depois de ir três anos às Caldas da Rainha, mediante uma subscrição dos seus patrícios e até de fora da vila, tornou-se mais ágil e pôde continuar por mais algum tempo com a sua escola.

Em 1865 foi para Borba com grande mágoa sua, pois custou-lhe muito ver que morria fora da sua terra natal. Porém a necessidade obrigou-o a isso.

A história do seu final, bem como do que vai experimentando a sua mulher, tem-me feito conceber uma decidida aversão às reformas e aposentações dos funcionários do Estado, ainda válidos na maior parte dos casos. Diz-se que fizeram serviços (que todavia lhes foram logo pagos...). E este? E outros como este? Quem lhes paga os serviços feitos à sociedade e muitas vezes sem remuneração alguma?

A viúva de Francisco Franco, depois de mendigar alguns anos em Vila Viçosa, veio para Bencatel com a sua filha (a quem o marido expulsou de casa), e daqui passou ao Hospital onde faleceu em 1883 contando acima de 84 anos.

FRANCISCO ANTONIO DOS SANTOS 1º

Era adventício da Beira, de onde veio para ser assentista de Cavalaria nº 2.

Durante a campanha de 1832-34 saíu de Vila Viçosa para ser Comissário de D. Pedro: razão por que, voltando como Liberal emérito, ficou sendo um dos ditadores da situação política da terra.

Em 1836 foi Presidente da Câmara e promoveu a divisão da Coutada em Traços, o que foi boa medida para as circunstâncias presentes; aliás teria si

do vendida inteira a um só ou a três indivíduos quando muito. Ao mesmo tempo era Capitão da Guarda Nacional, que todavia nunca se pôs em ordem.

Tornando a ser eleito Vereador em 1838, trocou este cargo pelo de Escrivão da Câmara que conservou o resto da vida posto que aposentado já desde 1861 por ter sofrido uma apoplexia. E em 1844 teve também o de Director do Correio até que, proibindo-lhe a acumulação destes empregos, passou para o filho António Soares dos Santos.

Apesar de partidário do Liberalismo, não era homem de mau carácter e por isso mesmo não lhe queriam mal os nossos patrícios.

Foi ele quem ampliou a quinta do Gil, aos Telheiros, e a dotou com casas altas. Fez um novo chafariz daquela coutada que tem agora o seu nome, como expliquei no annual de 1834 e nas Memórias Especiais, capítulo 61.

Casou com D. Gertrudes Rosa, de quem houve muitos filhos. Porém a sua geração tende a desaparecer, já porque uns têm emigrado, já porque os restantes vêm a falecer sem descendência.

Faleceu aí por 1864.

FRANCISCO ANTÓNIO DOS SANTOS 2º

Este nenhum parentesco tem com o precedente. É nascido nesta vila e filho de Joaquim José dos Santos, proprietário e lavrador, que morava na melhor casa da rua da Santa Cruz.

Assentou praça de soldado em Cavalaria nº 2 e, passando ao serviço da Rainha D. Maria II em 1834, foi subindo postos, de sorte que em 1856 era já Capitão de Cavalaria nº 3, e enviuvou então de sua primeira mulher D. Rita Ricardina Reixa, natural também desta vila. Depois passou a segundas núpcias com uma senhora Gusmão, de Elvas, e em 1877 estava reformado no posto de Brigadeiro, mas não tornou mais à sua pátria.

FRANCISCO ANTÓNIO SOEIRO

Sendo agricultor e horticultor na horta das Figueiras por muitos anos, juntou alguns bens de fortuna que mais avultaram quando recebeu as legítimas dos seus pais, que em pequeno lhe mandaram ensinar as primeiras letras. Por isso logrou em 1878 que votassem nele para Vereador substituto e, como falecesse entretanto um dos efectivos no ano seguinte, passou a ter a efectividade até ao fim de 1883.

E filho de José Soeiro, também agricultor, que viveu no prédio contíguo à Igreja de S. Tiago, e sobrinho de Luísa da Conceição Soeiro, mulher de Francisco António Cravo.

Conquanto seja homem sem instrução literária, possui muito bom senso e desde muitos anos é convocado para avaliador de prédios.

Mora na melhor casa da rua da Freira junto à travessa de Frei Inácio, que é sua, sendo casado com Maria Joaquina, da qual tem filhos e filhas.

FRANCISCO ANTUNES GONÇALVES

Ajudante da nossa praça de armas e creio que natural desta vila.

Casou com D. Jacinta Maria, de quem teve, entre outros filhos, o Capitão Filipe Antunes Gonçalves.

Ajudante dos Auxiliares em 1768; em 1804 Capitão Ajudante da praça e Sargento-mor em 1807.

Dele procederem ainda as filhas D. Margarida da Purificação e D. Teresa de Viterbo.

DR. FRANCISCO ANTUNES MOREIRA

Dono das casas do Rossio por baixo da rua das Vaqueiras.

Bacharel em Leis? Vivia em 1754. Seria filho de João Antunes Moreira.

FRANCISCO DE ARAUJO

Teve o posto de Ajudante do Terço de Ordenanças da nossa vila em 18 de Março de 1651. Fervia então a Guerra da Restauração da Monarquia e devia por isso lidar muito.

FRANCISCO DE ARAUJO MAGALHÃES

Alferes de cavalos, aposentado já em 1749. Irmão de Manuel António de Magalhães. Doa então os seus serviços ao seu sobrinho Francisco Ferreira de Magalhães. Parece que era solteiro. Estava estuporado.

FREI FRANCISCO DE ARRUDA

Mesário da Misericórdia em 1660-61 e tesoureiro-mor da Capela Real em 1678 (Cartório da Misericórdia).

FRANCISCO AUGUSTO NUNES POUSÃO

Filho de António José Pousão, solicitador nos nossos auditórios, e de D. Maria José Lobo da Rosa, nasceu na freguesia de S. Bartolomeu a 23 de Outubro de 1830.

Estudou Português e Latim na sua pátria com o Professor Régio José Honório de Pádua Cardoso. Depois cursou preparatórios no Liceu de Évora e, passando para Coimbra, graduou-se Bacharel em Direito.

Regressando então à sua pátria, abriu escritório de Advogado em 1852 e começou a gozar de bons créditos.

Foi Vereador no biénio de 1856-57.

Em 1861 teve o cargo de Administrador do Concelho, sendo já casado com D. Maria Teresa Alves de Araújo, filha de Caetano José Alves de Araújo e de D. Maria do Carmo Alves Parra, e vivendo em casa do sogro.

Quatro anos depois estava em Elvas com o cargo de Delegado do Procurador Régio naquela comarca. E, enviuvando, passou a segundas núpcias com D. Maria da Conceição Veiga, filha do nosso patrício António José da Veiga, e já viúva do Major António Félix do Pilar Franco.

De Elvas foi transferido para Barcelos e Guimarães com o mesmo cargo e deu-lhe isso ocasião de mandar o seu filho Henrique para a Academia de Belas Artes do Porto para estudar pintura conforme a sua vocação. E com tais progressos o fez que foi mandado por conta do Estado a viajar no estrangeiro para se aperfeiçoar ainda nas suas melhores escolas.

Foi Juiz de Direito primeiramente em Olhão e depois em Odemira, onde se acha neste ano de 1883.

Muito amante da sua pátria, propôs-se escrever um "Noticiário" dela, como disse na introdução destas Memórias e escreveu em 1865 em seu louvor a poesia "Vila Viçosa", que dei logo no capítulo 3 do 1º Tomo.

Preza a arqueologia, tem-se revelado bom orador forense e é bom poeta.

Melhor o demonstrara se não tivesse uma vida ocupadíssima, tanto com o officio da magistratura como com a lida de chefe de família.

Em Julho de 1884 passou a Juiz de Faro, comarca de 1ª classe, e ali falleceu em 2 de Agosto de 1888.

FRANCISCO BARBOSA

Cavaleiro da Casa do Duque D. João I, casado com Joana Gançoso. Vivia em 1576.

FRANCISCO BARBOSA BOTELHO

Morador que foi nesta vila (filho talvez do Dr. António Botelho), vivia na Índia em 1642 sendo Cavaleiro da Ordem de Cristo e mandou de lá uma procuração ao seu irmão António Gomes Botelho, então residente em Moura, para lhe vender cá uma vinha da Torre (Notas).

FRANCISCO DE BORJA E ASSIS

Era exposto e foi baptizado em S. Bartolomeu a 16 de Outubro de 1765.

Quando chegou à idade varonil, exerceu os lugares de sacristão e procurador das Freiras da Esperança.

Casou com Rosa Maurícia Pereira de Macedo. E, como juntasse alguns bens de fortuna, elegeram-no Procurador do Concelho para o ano de 1830 e Vereador para o de 1839.

Faleceu pouco depois na Matriz, deixando uma única filha - D. Maria Dorotheia, que casou com António José da Veiga, farmacêutico.

Chemavam-lhe por alcunha "o Geadas".

FRANCISCO DE BRITO CARNEIRO VASCONCELOS

Sendo pautado Vereador para o ano de 1744, pediu escusa de exercer este cargo alegando ser Alferes do Regimento de Olivença.

Era natural da freguesia dos Anjos de Lisboa. Tinha, porém, domicílio na nossa terra por haver casado na freguesia de S. Bartolomeu em 1721 com a nossa patricia D. Josefa Francisca Mascarenhas de Almeida e Castro, filha de Leonardo Mendes de Almeida, e dotada por seus pais em dois contos de réis, sendo 1 070\$000 réis da herdade dos Palheiros, Val Moreno em 600\$000 réis, outra em 300\$000 réis e 30\$000 réis em móveis.

Em 1754 morava em Évora.

FRANCISCO DE BRITO MASCARENHAS DA GAMA E ALMEIDA

Em 27 de Abril de 1641 foi eleito Capitão da Companhia de Ordenanças a cavalo desta vila, criada então, *por ser pessoa que tinha as partes idóneas* para exercer o dito cargo. Foi ele quem a organizou com 33 cavalos em Agosto do mesmo ano.

Era dos Mascarenhas da Corredoura e segundo filho de Fernão Martins Mascarenhas (veja-se). Fôra baptizado em S. Bartolomeu a 26 de Fevereiro de 1615, sendo seu padrinho Diogo de Melo.

Por morte do seu irmão mais velho Pedro de Mascarenhas, sucedeu-lhe nos morgados pelo menos em 1637.

Em 1640 ajustou com um banqueiro de Lisboa para que em Roma lhe solici-tasse um Breve Apostólico de dispensa para casar com D. Maria Castelo de Gusmão, sua parente, que apenas contava nove anos de idade, natural do lugar da freguesia de Freixinal em Espanha, devendo o dito Breve chegar dentro de nove meses (escritura de 31 de Agosto).

Ou não chegou a efectuar-se este casamento ou não houve dele filhos, pois vejo que poucos anos depois estavam os morgados na posse do seu irmão mais novo Estevão Mascarenhas da Gama.

Em 1650 já era falecido.

FRANCISCO CANDIDO DE ALMEIDA VALEJO DE MÁRIS

Descendia dos Valejos, que eram Moços Fidalgos da Casa de Bragança (veja-se Jerónimo Valejo).

Era filho de Nicolau de Almeida Valejo de Máris e da sua segunda mulher D. Mónica Francisca de Matos Mexia Coutinho, que era filha de Bento de Matos Mexia, Fidalgo Cavaleiro da Casa de Sua Majestade, Coronel de Infanteria e Governador de Olivença, falecido em 1763.

Foi baptizado em S. Bartolomeu a 18 de Outubro de 1736.

Vivia na nossa vila sendo lavrador do Ratinho e outras herdades.

Em 1776 foi eleito Deputado da Junta das Décimas da nossa comarca e em 1808 deram-lhe o cargo de Notável da rua dos Fidalgos com o fim de conter o povo para que não se revoltasse contra os Franceses (o que não conseguiram). Morava na casa nobre da referida rua, posteriormente reedificada pelo Cônego Joaquim Cordeiro Galvão, e que fica perto do Hospício das Chagas.

Casou com D. Epifânia Bernarda Teresa Rangel e teve os seguintes filhos, de mim conhecidos:

- Simão de Almeida Valejo de Máris;
- João Inácio de Almeida Valejo de Máris (ambos têm lugar distinto neste livro); e
- D. Eufémia Rita de Almeida Rangel, nascida em 1760, a qual casou com D. Joaquim Xavier da Silva Lobo.

Em 1782 era Capitão reformado e Cavaleiro da Ordem de Cristo. Escrivão dos Escravos em 1791. Tenente-Coronel em 1801.

Francisco Cândido nunca foi Vereador na nossa vila, o que atribuo a ser militar. Era, com efeito, ultimamente Sargento-mor ou Tenente-Coronel de Milícias.

Era vivo em 1804.

FRANCISCO CARDOSO DE ALMEIDA

Bacharel formado em Teologia.

Vivia em Lisboa no ano de 1647 sendo já Doutor ou Licenciado.

Foi Tesoureiro-mor da Capela Real em 1667 com certeza, antes de André de Melo e Castro ou no meio do século XVII.

Juz da Régia Confraria da Conceição em 1678.

Em 1628 estava cá um deste nome que era meirinho em Portel e aforou umas casas que tinha na rua do Bequinho. Seria o mesmo?

Em 1642 foi mesário da Misericórdia.

Faleceu em 1677 ou 1678.

Instituiu uma capela, de que seria primeira administradora a sua sobrinha Catarina de Jesus, Freira nas Chagas, devendo passar por morte dela à Confraria das Almas de S. Bartolomeu.

FRANCISCO DO CARVALHAL

Esta família dos Carvalhais é antiga e nobre na nossa vila, onde figurou nos cargos da sua governação e temos na freguesia das Ciladas uma herdade que recorda o seu apelido: Carvalhais.

Do nome Francisco do Carvalhal conheço mais do que um:

Em 1552, Francisco do Carvalhal, casado com Beatriz Cordeiro, tinha duas filhas chamadas Margarida Bispa e Isabel Dias do Carvalhal.

O outro era filho da sobredita Margarida Bispa que casou com Brás Gonçalves. Casou com Felícia Antunes.

Foi sepultado um Francisco do Carvalhal em 13 de Setembro de 1651 (Cartório da Misericórdia). Era irmão de João Nunes do Carvalhal.

Vivia em Évora no ano de 1588 um Francisco do Carvalhal, sendo Fidalgo da Casa Real. Arrendou em 1610 a sua herdade da Fonte da Gaga na freguesia da Terrugem (Notas).

Tinha em 1611 um filho de maior idade chamado André de Paiva do Carvalhal que serviu de seu procurador (veja-se).

Tinha estes filhos em 1644:

- André de Paiva do Carvalhal, casado com D. Brites de Pina;
- Francisco do Carvalhal de Vasconcelos;
- Margarida do Carvalhal, que professou na Esperança nesse ano; e
- Manuel do Carvalhal, que foi morto em 1641 pelo irmão André.

Faleceu na Matriz a 17 de Outubro de 1622.

FRANCISCO DO CARVALHAL E VASCONCELOS

Filho de Manuel da Cunha do Carvalhal e de Maria Alves Soeiro, sobrinha de Frei Manuel Soeiro.

Era casado em 1650 com D. Antónia Rovasco, filha de António Rovasco de Pina, que foi dotada em dois mil cruzados em dinheiro que lhe deu seu tio o Licenciado João Pacheco Rovasco, prior de Santa Maria de Monsaraz. Por isso fez ele em 1651 uma declaração de dote para lhe prometer 100\$000 réis de arras, pois estava doente e sem filhos e parece que faleceu nesse mesmo ano.

Tomou posse do posto de Capitão de Ordenanças em 2 de Outubro de 1647 e foi reformado logo em 1649.

FRANCISCO CARVALHO

Teve patentes de Sargento-mor das Ordenanças (registada na Câmara, L. 2, fl. 184) no ano de 1686 e dela consta haver militado 41 anos desde soldado até Capitão de infantaria, assistindo à Guerra da Restauração com bastante crédito seu.

Era casado com Catarina Lourenço em 1668.

O que não consta é a sua naturalidade. Como, porém, veio cá dar a ossada, isso nos basta.

Em 1689 não tinha descendência e por isso dotou uma sobrinha sua, Luísa Simões, para casar com Manuel de Torres, de Borba, e doou-lhes também os seus serviços na Guerra.

Faleceu na Matriz a 5 de Outubro de 1708 sendo casado com Inês Ferreira.

FRANCISCO CAVALEIRO

Em 1521 vivia entre nós um indivíduo deste nome.

DR. FREI FRANCISCO DE CRISTO

Tomou o hábito de Religioso Eremita Calçado de Santo Agostinho (Graciano) em Evora no Convento da Graça correndo o ano de 1548 e, depois de fazer grandes progressos no conhecimento das línguas Grega e Latina, applicou-se à Sagrada Teologia na qual recebeu o grau de Doutor em Coimbra no ano de 1562.

Regeu nesta mesma Universidade várias cadeiras: a de *Gabriel*, de que tomou posse a 9 de Julho de 1563; a de *Escôto*, que principiou a ocupar em 7 de Fevereiro de 1565; e a de *Véspera*, onde leccionou desde 21 de Fevereiro de 1566 até que se jubilou em igual dia de 1581.

Foi o primeiro que naquela Universidade introduziu o método de "apostilar", razão por que ficou sendo muito conhecido o seu nome entre os sábios.

Pregou nas exéquias feitas pela Universidade à Rainha D. Catarina, mulher de D. João III, o que mostra a grande reputação em que o tinham na Lusitania.

Mereceu igualmente a estima do Rei Desejado e do seu tio, o Cardeal-Rei D. Henrique.

Faleceu no Colégio Graciano de Coimbra a 10 de Fevereiro de 1587.

Esta noticia é da Biblioteca Lusitana.

O autor do "Parnaso de Vila Viçosa", fazendo o seu elogio no L. 2, cap. 53, diz que era nascido nesta vila de gente de bom proceder em honra e costumes; porém não lhes declina os nomes por serem de pessoas que ele não conheceu. E tanto basta para crermos que, sendo filho de pessoas pobres, foi elevado como tantos outros a um glorioso fastígio por meio da profissão nas Ordens Religiosas.

FRANCISCO CORDEIRO VINAGRE

Filho de Francisco Fernandes, vivia em 1701 em Lisboa.

A sua irmã, Isabel Cordeiro, aia de D. Isabel Maria de Menezes e Moscoso, doa-lhe no dito ano os serviços do pai.

FRANCISCO CORDEIRO VINAGRE

Era dos Vinagres, lavradores da Granja, Marinela do Meio, e ultimamente do Gaião, hoje do termo de Elvas.

Este Francisco era natural da Terrugem, porém do nosso termo. Sobrinho do Padre António Cordeiro Vinagre, lavrador da Granja, e irmão de João Cordeiro Vinagre, os quais foram herdeiros do dito Padre.

Casou com Maria Eugénia.

Foi 25 anos Capitão de Ordenanças da Companhia das Ciladas com a Terrugem e S. Romão, da qual tomou posse em 11 de Novembro de 1779 depois de ter sido Alferes da mesma. E quando o reformaram succedeu-lhe no posto seu filho António Cordeiro Vinagre.

Faleceu na Matriz em 31 de Julho de 1818.

Teve, entre outros filhos, a Maria Vicência Rosa de S. José que professou na Santa Cruz em 1803.

Esta família de lavradores continuou nos nossos dias na herdade do Gaião, e daí vieram dois para a nossa vila, a saber: José António Cordeiro Vinagre, que em 1857 comprou por dois contos de réis a casa do Padre Galão na rua dos Fidalgos e não tem sido Vereador por ter privilégio como Fiel do Correio; Francisco Cordeiro Vinagre, que veio cerca de 1875 para a casa dos Viegas da rua de Santa Luzia e comprou-a pouco depois por dois contos e duzentos mil réis. Ambos são lavradores opulentos.

FRANCISCO CORREIA SAIAL

Médico dos partidos de Monsaraz em 1771.

Era filho de António Correia Saial e de Catarina Jacinta.

FRANCISCO DA COSTA SOEIRO

Filho de Domingos da Costa, sapateiro e curtidor depois, falecido em 1693, e de Maria Álvares Soeiro.

Bacharel em Direito com banca de Advogado. Em 1716 teve a Procuradoria da Casa de Bragança e em 23 de Setembro de 1721 o cargo de Síndico da Câmara com o de Curador Geral dos Órfãos.

Casou na Matriz em 29 de Junho de 1692 com Luísa Simões de Carvalho, de quem houve uma filha que casou com Lucas Pereira Pestana.

Tinha por último o Hábito de Cristo.

Morava na rua de Três: casa que, segundo parece, reedificou pondo-a na situação de casa nobre - hoje convertida em armazém.

Faleceu em 1727 a 11 de Janeiro.

D. FRANCISCO DA CRUZ

Calipolense muito notável pela sua sabedoria e virtudes no século XVI.

Professou no instituto dos Gracianos, de onde passou em 1545 a ser Bispo Titular de Opia a fim de coadjuvar o Bispo de Coimbra D. Frei João Soares, também Graciano. Mas pouco depois apresentou-o El-Rei D. João III para Bispo de Cabo Verde, tornando-se 3º Prelado desta Diocese, de que tomou posse no ano de 1547.

Faleceu a 19 de Janeiro de 1571 com 24 anos de exercício na pastoreação daquele rebanho, sendo sepultado na igreja catedral.

Deste ilustre prelado falam diversos autores com elogio. E nas Memórias manuscritas da Província de Portugal (Graciana) diz-se que D. Francisco tivera cuidado das Casas das Convertidas e Órfãos de Lisboa.

Assim consta do Catálogo dos Bispos de Cabo Verde que se encontra no Tomo II da Memória da Academia de História de Portugal e de outro Catálogo dos Prelados que tiveram dioceses fora de Portugal, pág. 144, o qual está no Tomo V das Memórias citadas.

INDICE
DAS
MATERIAS CONTIDAS NESTE TRIGESIMO PRIMEIRO FASCICULO

DIOGO MENDES SANCHES	7
DIOGO MUNHOZ	7
D. DIOGO DE NORONHA	7
DIOGO PAIS LOBO E SOUSA	7
DIOGO PERES FERREIRA	8
D. DIOGO PINHEIRO	8
DIOGO QUIROGA	8
DIOGO RUÇOL	9
DIOGO SERRÃO	9
DIOGO DE SEIXAS	9
DIOGO DA SILVEIRA 1º	9
DIOGO DA SILVEIRA 2º	10
DIOGO DA SILVEIRA AZEVEDO	10
DIOGO DA SILVEIRA CALDEIRA	11
DIOGO DA SILVEIRA DA FONSECA CASTELO BRANCO	12
DIOGO SOARES	13
D. DIOGO DE SOUSA	14
DIOGO DE SOUSA TAVARES	15
DIOGO DE TAVARES DE PENNA	15
DIOGO TOSCANO SARRO	15
DIOGO VALEJO	15
DIOGO VAZ DE ALMEIDA	16

DIOGO VIEIRA	16
DIOGO VIEIRA DE MIRANDA	16
FREI DIOGO DE VILA VIÇOSA	17
DOMINGOS ALVARES LEITE	17
DOMINGOS ALVARES DA VEIGA	18
DOMINGOS ALVARES DE ORELHANA	18
DOMINGOS ALVES TORRES	18
DOMINGOS DE BARROS	19
DOMINGOS CALADO	19
DOMINGOS CHAVES	19
DOMINGOS DA COSTA	19
DOMINGOS COELHO	19
DOMINGOS DIAS	20
FREI DOMINGOS DA ENCARNAÇÃO	20
DOMINGOS FERNANDES	21
DOMINGOS GONÇALVES CANHÃO	23
DOMINGOS LOURENÇO	23
DOMINGOS MENDES DE COUTO	23
DOMINGOS DE MOURA	23
DOMINGOS PEREIRA LOBO	24
DOMINGOS NUNES	24
DOMINGOS PEREIRA DA SILVA	24
DOMINGOS PEREIRA DE QUEIROS	25
DOMINGOS DO REGO DE ANDRADE	25
DOMINGOS VALERIO	25
DOMINGOS DO VALE	25

DUARTE DE ABREU NORONHA	25
FREI DUARTE ALVARES	26
D. DUARTE DE BRAGANÇA 1º	26
D. DUARTE DE BRAGANÇA 2º	28
DUARTE CERQUEIRA DE ARAUJO E MAGALHÃES	33
FREI DUARTE DA CONCEIÇÃO	34
D. DUARTE DE EÇA	34
D. DUARTE DE MACEDO SOTOMAIOR	34
DUARTE DE MELO	35
DUARTE DE MELO DE NORONHA 1º	35
DUARTE DE MELO DE NORONHA	35
DUARTE DE MELO DA SILVA	35
DUARTE MENDES	35
ELÓI JOSÉ CALADO	36
ESCOBAR DE LIMA PEREIRA	36
ESTEVÃO ALBERTO DA SILVEIRA MENEZES	37
ESTEVÃO CARVALHO	37
ESTEVÃO CARVALHO	38
ESTEVÃO DELGADO	38
ESTEVÃO DUARTE CORDEIRO	38
ESTEVÃO MASCARENHAS DA GAMA	39
ESTEVÃO MENDES PEREIRA	40
ESTEVÃO MENDES DA SILVEIRA 1º	40
ESTEVÃO MENDES DA SILVEIRA 2º	41
ESTEVÃO MENDES DA SILVEIRA 3º	42
ESTEVÃO MENDES DA SILVEIRA VILALOBOS	45
ESTEVÃO MENDES DA SILVEIRA VILALOBOS	45

ESTEVÃO MENDES DA SILVEIRA VILALOBOS	46
ESTEVÃO RIBEIRO RAPOSO	46
ESTEVÃO ROIZ	46
ESTEVÃO DA SILVEIRA MENEZES 1º	46
ESTEVÃO DA SILVEIRA MENEZES 2º	47
ESTEVÃO SOARES FIALHO	48
DR. ESTEVÃO XAVIER MONARCA	48
EUGÉNIO JOAQUIM TARANA	49
FELIX DE AZEVEDO DA FONSECA	50
FELIX TEIXEIRA	50
FELIX TEIXEIRA	51
D. FERNANDO I, 2º Duque de Bragança	51
D. FERNANDO II, 3º Duque de Bragança	51
FERNANDO AIRES DE MORAIS	51
FERNANDO ALVARES	51
FERNÃO ALVARES RUISSOL	52
FERNÃO BARBOSA	52
FERNÃO CARDOSO	52
FERNÃO DE CASTRO 1º	52
FERNÃO DE CASTRO 2º	53
JERÓNIMO DE CASTRO 1º	53
FERNÃO DE CASTRO 2º	53
FERNÃO DE CASTRO E MELO	54
FERNÃO CAVALEIRO	54
FERNÃO DUARTE	54
D. FERNANDO DE EÇA 1º	54
D. FERNANDO DE EÇA 2º	55

FERNÃO DA FONSECA	56
FERNÃO DA GAMA DE MORAIS	56
D. FERNANDO DE LUCENA NORONHA	56
FERNANDO JOSÉ DE MOURA PENALVO	56
FERNÃO LOBO DE MELO	57
FERNÃO LOPES DE ABREU	57
FERNÃO LOPES NETO	57
FERNÃO LOPES DE OLIVEIRA	57
D. FERNANDO DE LUCENA NORONHA	58
FERNANDO MARIA DA COSTA FEIO	58
FERNÃO MARTINS MASCARENHAS	58
FERNÃO MARTINS MASCARENHAS DA GAMA	59
FERNANDO MERGULHÃO	59
DR. FERNANDO DE MORAIS	60
FERNANDO DE MOURA	60
FERNÃO NUNES DO TOURO	60
FERNÃO PEREIRA 1º	61
FERNÃO PEREIRA 2º	61
FERNANDO PEREIRA DE BRITO	61
FERNANDO RODRIGUES DE BRITO 1º	62
FERNÃO RODRIGUES DE BRITO PEREIRA 2º	62
FERNÃO RODRIGUES DE BRITO PEREIRA 3º	63
FERNÃO RODRIGUES DE MORAIS	64
FERNÃO RODRIGUES PEREIRA	64
FERNÃO SANDE	68
FREI FERNANDO DE SANTA MARIA	69
FERNANDO SOARES HOMEM	69

FERNÃO DE SOUSA 1º	70
FERNÃO DE SOUSA 2º	70
FERNÃO DE SOUSA 3º	71
FERNÃO DE SOUSA 4º	72
FERNÃO VAZ CEPA	73
FERNANDO VAZ CEPA	73
FERNÃO DA VEIGA	74
FERNÃO VELHO	74
D. FILIPA DE BRITO	74
D. FILIPA DA CONCEIÇÃO	75
FILIFE DE ALMEIDA FIGUEIREDO	75
FILIFE ANTUNES GONÇALVES	75
D. FILIFE DE BRAGANÇA	77
FILIFE FRANCO	78
FILIFE LOPES MADURO	78
FREI FILIFE DA LUZ	78
FILIFE VIRGINIO RAMOS	79
FRADIQUE LOPES DE SOUSA	79
D. FRADIQUE DE PORTUGAL	79
D. FRANCISCA DE NORONHA	79
FRANCISCA SERRÃO	81
FRANCISCO DE ABREU COELHO 1º	81
FRANCISCO DE ABREU COELHO 2º	81
FRANCISCO DE ABREU DA COSTA	82
FRANCISCO DE ABREU SARGA	82
FRANCISCO DE ABREU VASCONCELOS	82
D. FRANCISCO DE ALMEIDA	83

FRANCISCO ANACLETO MACHADO VIEIRA PRIMOROSO	83
FRANCISCO DE ANDRADE E OLIVEIRA	83
FRANCISCO ANTONIO	83
FRANCISCO ANTONIO DE ALMEIDA REIXA	84
FRANCISCO ANTONIO CRAVO	84
FRANCISCO ANTONIO FRANCO	86
FRANCISCO ANTONIO DOS SANTOS 1º	88
FRANCISCO ANTONIO DOS SANTOS 2º	89
FRANCISCO ANTONIO SOEIRO	89
FRANCISCO ANTUNES GONÇALVES	90
DR. FRANCISCO ANTUNES MOREIRA	90
FRANCISCO DE ARAÚJO	90
FRANCISCO DE ARAÚJO MAGALHÃES	90
FREI FRANCISCO DE ARRUDA	91
FRANCISCO AUGUSTO NUNES POUSÃO	91
FRANCISCO BARBOSA	92
FRANCISCO BARBOSA BOTELHO	92
FRANCISCO DE BORJA E ASSIS	92
FRANCISCO DE BRITO CARNEIRO VASCONCELOS	92
FRANCISCO DE BRITO MASCARENHAS DA GAMA E ALMEIDA	93
FRANCISCO CANDIDO DE ALMEIDA VALEJO DE MÉRIS	93
FRANCISCO CARDOSO DE ALMEIDA	94
FRANCISCO DO CARVALHAL	95
FRANCISCO DO CARVALHAL E VASCONCELOS	95
FRANCISCO CARVALHO	96
FRANCISCO CAVALEIRO	96
DR. FREI FRANCISCO DE CRISTO	96

FRANCISCO CORDEIRO VINAGRE	97
FRANCISCO CORDEIRO VINAGRE	97
FRANCISCO CORREIA SAIAL	98
FRANCISCO DA COSTA SOEIRO	98
D. FRANCISCO DA CRUZ	98

IMPRESSO POR GRÁFICA CALIPOLENSE

VILA VIÇOSA

TIRAGEM 1 500 EXEMPLARES

OUTUBRO 1986

MEMÓRIAS

de

VILA VIÇOSA

É uma extensa monografia e laborada no século XIX pelo Padre Joaquim José da Rocha Espanca cujo manuscrito se encontra arquivado na Biblioteca da Câmara Municipal de Vila Viçosa.

Investigação duma profundidade pouco comum, representa hoje um contributo importante para a divulgação principalmente da História e Etnografia da região.

Dada a extensão da obra cujo original é composto por cinco Tomos de quase mil páginas manuscritas cada, dividir-se-á cada Tomo em cinco volumes. Prevê-se ainda a publicação de outro trabalho do mesmo autor editado em 1894 sob o título "Estudo sobre as Antas e seus congéneres" de que foram impressos somente 200 exemplares.

